

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Ana Luísa de Marsillac Melsert**

**A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo de  
projetos de futuro de jovens ricos e pobres**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**SÃO PAULO**

**2013**

**Ana Luísa de Marsillac Melsert**

**A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo de  
projetos de futuro de jovens ricos e pobres**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA  
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação – Psicologia da Educação, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Mercês Bahia Bock.

**SÃO PAULO**

**2013**

## FICHA CATALOGRÁFICA

MELSERT, Ana Luísa de Marsillac. **A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres.** São Paulo: 2013. 193 p.

**Dissertação de mestrado:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Área de concentração: Psicologia da Educação

Orientadora: Prof<sup>ta</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Mercês Bahia Bock

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura:

---

Local e data:

---

**Banca Examinadora**

---

---

---

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Ana Luísa de Marsillac Melsert e aprovada pela comissão julgadora.

Data: \_\_/\_\_/\_\_

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Mercês Bahia Bock

Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Graça Marchina Gonçalves

PUC-SP

---

Dr. Silvio Duarte Bock

UNICAMP

## **DEDICATÓRIA**

A meus pais, que, com amor, sempre me apoiam na construção e na realização dos meus projetos.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que participaram do processo de construção desta dissertação, cada um à sua maneira.

A minha orientadora, Ana Mercês Bahia Bock, por sua generosidade e por sua presença atenciosa em todos os momentos do processo desta pesquisa, que efetivamente foi construída a quatro mãos. Agradeço pela sua contribuição na minha formação, não só como pesquisadora, mas também como psicóloga que começa a olhar mais criticamente para a realidade. Também agradeço pela possibilidade de conviver com alguém que conjuga competência profissional e acadêmica com um respeito e uma consideração por todos à sua volta.

A Maria da Graça Gonçalves e Silvio Bock, pela gentileza e a colaboração que tiveram com o meu trabalho e comigo, desde a qualificação até o momento da defesa.

A Silvio Bock agradeço também por ter dividido comigo os seus conhecimentos sobre Orientação Profissional e o seu espaço de trabalho durante o período em que acompanhei um grupo no Nace, aprendendo na prática um pouco mais sobre a área e discutindo, em bases concretas, algumas questões que perpassam o tema desta dissertação.

A Pedro Paulo Bicalho, pela experiência de estágio com Análise do Vocacional, que me possibilitou aprendizados e reflexões que me levaram à dissertação e à PUC-SP.

Aos professores da PUC-SP que participaram do meu percurso de mestrado, com quem tanto aprendi nas disciplinas: Sérgio Luna, Antônio Carlos Ronca, Mitsuko Antunes, Laurinda Ramalho, Ia Junqueira, Melânia Moroz, Cláudia Davis.

A Patricia Mortara, pela colaboração atenciosa com esta pesquisa, de fundamental importância.

A Edson Aguiar, pela ajuda gentil com todos os procedimentos acadêmicos ao longo do mestrado.

Ao programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, pela concessão da bolsa integral do CNPq, que permitiu a dedicação exclusiva a esta pesquisa.

Aos meus colegas de turma, tanto por tudo o que aprendi com eles durante as nossas aulas, quanto por tonarem o processo do mestrado mais leve. Agradeço especialmente a Edson Santos, pela parceria de trocas e colaborações desde o primeiro momento, e a Márcia Lebkuchen, pela gentil ajuda com a minha pesquisa. Aos meus colegas orientandos da Ana,

também agradeço por compartilharem comigo as suas pesquisas e reflexões: Liara Oliveira, Mirian Hasegawa, Vitor Belavenutti e Alessandra Oliveira.

Aos amigos Livia Valle e Luan Cassal, que contribuíram para a minha dissertação e que tanto contribuem para o meu crescimento profissional, com os seus questionamentos e com as conversas sobre suas próprias questões de pesquisa.

Às amigas Natalia Melin e Madellon Cavgias, que sempre acreditam em meu/nosso percurso de buscar aprender e refletir cada vez mais sobre a psicologia.

À amiga Stella Macedo, que sempre apoia os meus projetos, com carinho.

A Guilherme e Carolina de Marsillac, que disponibilizaram o seu tempo em um domingo de macarrão, com jogo do Flamengo, para me ajudar na fase inicial da dissertação.

Pelo apoio ao meu percurso de mestrado e à minha permanência em São Paulo, agradeço aos meus avós, Nilza Melsert, Vera e Alfredo de Marsillac; aos meus irmãos, Rodrigo e Tiago de Marsillac Melsert; e a todos os tios e primos queridos, familiares que fazem tanta falta nos domingos paulistanos sem macarronadas.

A Marion Navarro, pelo carinho e pelo apoio na minha vinda para São Paulo e, principalmente, na minha vida aqui.

Aos meus pais, Rafael Melsert e Márcia de Marsillac, que me acompanharam muito de perto, ainda que fisicamente longe, no processo de ingressar no mestrado e de vir para São Paulo. Agradeço todo o apoio, o carinho e a paciência que me dispensaram nesses dois anos de tantas transições profissionais e pessoais.

A minha mãe, agradeço especialmente por ter revisado o meu texto – e por ter me ensinado a gostar de escrever, desde pequena.

A William Perez, que me acompanhou com tanto carinho nos diferentes momentos da dissertação e da minha trajetória de chegar, estar e permanecer em São Paulo. Agradeço também por me ensinar a ser uma pesquisadora mais eficiente – especialmente na construção de figuras e de tabelas mais objetivas e mais claras.

## EPÍGRAFE

“...o Brasil é um espaço geográfico constituído por apenas algumas ‘ilhas’ de inclusão social, que terminam sendo rodeadas por um verdadeiro ‘mar revolto’ da exclusão.”

(CAMPOS et. al, 2004, p.9)

## RESUMO

Esta pesquisa investigou a dimensão subjetiva da desigualdade social, por meio do estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. Compreendemos que as desigualdades socioeconômicas brasileiras constituem fenômeno social complexo, que deve ser entendido tanto em sua dimensão objetiva, que diz respeito à distribuição concreta de riquezas em nossa sociedade, quanto em sua dimensão subjetiva. Ao investigar essa dimensão, objetivamos dar visibilidade à presença de sujeitos que não são mera consequência da realidade social desigual, mas que a constituem, sendo ao mesmo tempo por ela constituídos. Sustentamos que sujeitos constituídos em totalidades sociais desiguais se configuram subjetivamente de formas desiguais. Trabalhamos com dois grupos de sujeitos, que moravam na cidade de São Paulo: 18 jovens ricos, que encontramos em uma renomada escola particular de um bairro com baixo índice de exclusão social; 23 jovens pobres, que procuramos em uma escola pública de um bairro com alto índice de exclusão social. Utilizamos como instrumentos duas redações sobre a temática dos projetos de futuro: a primeira perguntando ao sujeito sobre o seu futuro e a segunda indagando sobre o futuro que imagina para um jovem pertencente a uma classe social desigual. Também utilizamos um questionário, com o objetivo de fazer uma caracterização socioeconômica dos grupos. Consideramos as redações sobre projetos de futuro como recursos metodológicos a partir dos quais podemos apreender a dimensão subjetiva da desigualdade – pela análise comparativa das duas redações que cada sujeito escreveu e pela análise comparativa dos resultados gerais dos dois grupos. Orientados pelo referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, buscamos, nas falas escritas contidas nas redações, elementos de significação – sentidos e significados – dos jovens acerca de si mesmos, na relação com outros desiguais, em uma sociedade marcada por desigualdades socioeconômicas. Para apreender esses elementos de significação, construímos, após a leitura das redações, categorias a partir dos temas que apareceram com mais frequência nos textos dos sujeitos de ambos os grupos. Percebemos que os dois grupos se diferenciaram pela participação dos jovens no mundo do trabalho, bem como pelos níveis de escolaridade e pelas ocupações de seus pais, caracterizando grupos de camadas socioeconômicas desiguais. As categorias mais frequentes para os jovens dos dois grupos foram, nesta ordem: Trabalho, Ensino Superior e Família, seguidos de Esforço Pessoal para os jovens pobres e de Relações Sociais para os ricos. Percebemos que as desigualdades sociais foram naturalizadas por nossos sujeitos, que as justificaram a partir de esforços pessoais e/ou de heranças familiares. Destacaram-se significações que valorizam o padrão de vida das elites como modelo a ser seguido, com uma correlativa depreciação das camadas pobres. Para além das significações constituídas a partir das falas dos jovens, evidenciamos que a dimensão subjetiva da desigualdade se configura no silêncio desses sujeitos sobre os outros desiguais.

**Palavras-chave:** juventude; projetos de vida; exclusão social; riqueza; pobreza

## ABSTRACT

This research investigated the subjective dimension of social inequality using life projects of rich and poor young people. We understand that the social inequalities of Brazil constitute a complex social phenomenon that must be investigated both on its objective (the distribution of wealth) and subjective dimensions. While investigating the latter dimension, we aim to highlight the presence of subjects that are not mere consequences of the unequal social reality; they constitute it and, at the same time, are constituted by it. Subjects that are constituted on unequal social totalities are subjectively configured on unequal ways. We worked with two groups of subjects that lived in the city of São Paulo: 18 rich young people that studied in a private school located in a neighborhood with low index of social exclusion; 23 poor young people that studied in a public school located in a neighborhood with high index of social exclusion. Each participant was asked to write two essays: the first one about his own life project; the second one about the life project of a young person from the other unequal social class. We also used a questionnaire in order to socioeconomically characterize each group. The life-project essays were taken as methodological tools used to capture the subjective dimension of social inequality - by comparing the two essays of each subject and by comparing the general results of each group. Guided by the theoretic-methodological point-of-view of the Socio-historical Psychology we tried to find elements of significance - sense e meaning - of young people about themselves, in the relation with other young people from the unequal social class, in a society characterized by socio-economical inequalities. In order to capture these elements of significance, after reading the essays we created categories based upon the themes that most frequently appeared on the writings of each group. We realized that the two groups differed concerning the participation of the young people in the world of work, and also by the level of instruction and occupation of their parents - characterizing unequal socio-economic classes. The order of the most frequent categories for both groups was: Work, College and Family, followed by Personal Effort for the poor young people, and by Social Relations for the rich. We realized that the social inequalities were naturalized by our subjects and justified by personal efforts or familiar heritage. We also found an emphasis on significances that valorize the way-of-life of the rich as a model to be followed, and a correlative depreciation of the social classes that are poor. Beyond the significances constituted upon the young people writings, we highlight that the subjective dimension of social inequality is configured on the silence of theses subjects about their unequal ones.

**Keywords:** youth; life project; social exclusion; richness; poverty

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
Memorial – <i>ou</i> Como surge o interesse pelo problema de pesquisa deste trabalho.....	14
A presente pesquisa, seus objetivos e suas justificativas.....	16
<b>1. JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA: REFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS</b> .....	20
<b>1.1. Juventude, segundo a perspectiva Sócio-Histórica</b> .....	22
1.1.1. A concepção Sócio-Histórica de homem.....	22
1.1.2. A concepção Sócio-Histórica de juventude.....	23
<b>1.2. Adolescência, segundo a perspectiva liberal</b> .....	25
1.2.1. A concepção liberal de homem.....	25
1.2.2. A concepção liberal de adolescência.....	27
<b>2. JUVENTUDE E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL</b> .....	29
<b>2.1. Desigualdade social no Brasil</b> .....	29
<b>2.2. Desigualdade social na cidade de São Paulo</b> .....	33
<b>2.3. Juventudes brasileiras e desigualdade social</b> .....	34
<b>3. A DIMENSÃO SUBJETIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL</b> .....	39
<b>3.1. A dimensão subjetiva da realidade</b> .....	39
<b>3.2. A dimensão subjetiva da desigualdade social</b> .....	40
<b>3.3. Estudos sobre a dimensão subjetiva da desigualdade social</b> .....	41
<b>4. JUVENTUDES BRASILEIRAS E SEUS PROJETOS DE FUTURO: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	52
<b>5. MÉTODO</b> .....	62
<b>5.1. Considerações metodológicas</b> .....	62
5.1.1. A concepção do pesquisar para a Psicologia Sócio-Histórica.....	62
5.1.2. Categorias importantes para nosso percurso investigativo.....	63

<b>5.2. Processo de coleta de informações.....</b>	<b>68</b>
5.2.1. Sujeitos e locais de coleta de informações.....	68
5.2.2. Instrumentos.....	69
5.2.3. A coleta de informações.....	70
5.2.4. Considerações éticas.....	71
<b>5.3. Processo de análise.....</b>	<b>72</b>
5.3.1. Caracterização socioeconômica.....	72
5.3.2. Redações.....	72
<b>6. ANÁLISE.....</b>	<b>74</b>
<b>6.1. Caracterização dos sujeitos.....</b>	<b>74</b>
6.1.1. Sexo e idade.....	74
6.1.2. Ocupação dos sujeitos.....	75
6.1.3. Escolarização dos pais.....	76
6.1.4. Ocupações dos pais.....	77
6.1.5. Comentário.....	80
<b>6.2. Análise das redações dos jovens pobres.....</b>	<b>82</b>
6.2.1. <i>Eu me esforço; tu não te esforças.....</i>	84
6.2.2. <i>Eu construo a minha vida, pelo esforço; tu destróis a tua, pela ausência de esforços.....</i>	89
6.2.3. <i>Minha escola não me deu boas oportunidades; a tua te deu as melhores.....</i>	92
6.2.4. <i>Para mim, chegar na faculdade é difícil; para ti, é fácil.....</i>	95
6.2.5. <i>Eu trabalho porque preciso; tu trabalhas se quiseres.....</i>	100
6.2.6. <i>Minha família será perfeita; a tua já é.....</i>	104
6.2.7. <i>Eu quero mudar a sociedade; tu não queres.....</i>	108
6.2.8. <i>Eu desejo ter dinheiro – e o aproveitarei bem; tu já o tens – e o desperdiças.....</i>	110
6.2.9. <i>Minha relação com meus amigos é útil; a tua relação com os teus é fútil.....</i>	112
6.2.10. Comentários sobre outras categorias menos expressivas.....	113
6.2.11. Síntese – Jovens pobres.....	115
<b>6.3. Análise das redações dos jovens ricos.....</b>	<b>116</b>
6.3.1. <i>Eu posso, como os meus; tu podes, ao contrário dos seus.....</i>	118
6.3.2. <i>Eu posso seguir os meus sonhos; tu tens que renunciar aos teus.....</i>	121
6.3.3. <i>Terminar o ensino médio é, para mim, natural; para ti, é excepcional.....</i>	124

6.3.4. <i>Eu nasci para fazer faculdade; tu não nasceste para isso.</i> .....	126
6.3.5. <i>Eu escolho o meu trabalho, que é para mim; tu não podes escolher o teu, que é para os outros.</i> .....	135
6.3.6. <i>Eu serei independente da minha família; tu serás eternamente dependente da tua.</i> .....	142
6.3.7. <i>Eu me engajo para mudar a vida de outros; tu te engajas para mudar a vida dos teus.</i> .....	147
6.3.8. <i>Eu escolho uma vida modesta; a ti, essa vida é imposta.</i> .....	149
6.3.9. <i>A minha vida comporta amigos; a tua não.</i> .....	151
6.3.10. Comentários sobre outras categorias menos expressivas.....	155
6.3.11. Síntese – Jovens ricos.....	157
<b>6.4. Algumas comparações conclusivas.</b> .....	158
6.4.1. O jovem pobre, por ele mesmo e pelo outro.....	158
6.4.2. O jovem rico, por ele mesmo e pelo outro.....	162
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b> .....	166
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	169
<b>APÊNDICES</b> .....	176
<b>APÊNDICE A – Instrumentos.</b> .....	176
<b>APÊNDICE B – Termo de Assentimento.</b> .....	179
<b>APÊNDICE C – Carta de apresentação às escolas.</b> .....	180
<b>APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.</b> .....	181
<b>APÊNDICE E – Dados completos dos sujeitos.</b> .....	182
<b>APÊNDICE F – Modelo da folha de registro produzida para cada sujeito.</b> .....	183
<b>APÊNDICE G – Outras tabelas (Identidade, Sentimentos e Juventude).</b> .....	187
<b>ANEXOS</b> .....	193
<b>ANEXO A – Índice de Exclusão Social – São Paulo.</b> .....	193

# INTRODUÇÃO

## **Memorial – *ou* Como surge o interesse pelo problema de pesquisa deste trabalho**

A inquietação teórica que deu origem a este trabalho, tomando forma em um projeto de pesquisa de mestrado, surgiu de uma vivência acadêmica e, principalmente, pessoal com as questões da juventude e da desigualdade social. Em 2010, no último ano da faculdade de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, rompendo com as experiências de estágio que tivera até então, escolhi me integrar a um projeto de pesquisa-intervenção em um pré-vestibular comunitário localizado no complexo de favelas da Maré, no qual trabalhei com a proposta de Análise do Vocacional – prática crítica no campo da Orientação Profissional.<sup>1</sup>

O trabalho em uma comunidade empobrecida da cidade permitiu uma experiência concreta das desigualdades que existem em nossa sociedade. Até então, as condições de vida das camadas mais pobres chegavam a mim via observação distanciada da miséria na cidade, pelo relato de trabalhadores domésticos próximos, pelo retrato feito pela mídia e, por pouquíssimas vezes, em incursões de assistência a populações marginalizadas. Uma realidade assistida de longe.

Assisti-la de perto, trabalhando na favela e em contato direto com seus moradores, representados principalmente pelos jovens que buscavam o serviço de Análise do Vocacional, mudou a minha relação com a questão da desigualdade social, agora personificada, encarnada. Eram jovens – conhecidos – que me falavam da dificuldade de passar no vestibular; da qualidade das escolas públicas em que estudavam em face de escolas privadas que aprovavam alunos no exame; do sonho de ingressar na universidade para ascender socialmente; da necessidade de trabalhar ao mesmo tempo em que estudavam; da ausência de condições na favela para que acessassem recursos culturais.

Eram pessoas – com quem criei laços afetivos – falando de seus sentimentos de injustiça por viverem em condições socioeconômicas precárias; de seus sentimentos de humilhação frente a uma classe média que lhes reserva trabalhos pouco qualificados; de seus sentimentos de vergonha de andar em áreas mais ricas da cidade, por medo de serem

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa-intervenção, realizado como extensão universitária, intitulado “Construindo um processo de escolhas mesmo quando ‘escolher’ não é um verbo disponível”, coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Paulo Gastalho de Bicalho, do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Tem inserção em diversos espaços: pré-vestibulares comunitários, clínica social da UFRJ, escolas públicas do Rio de Janeiro.

discriminadas. E falando também de sua percepção das classes médias e altas, que, a seu ver, não precisam se preocupar com o que passam os pobres, pois já estão em boas condições; experimentavam a sensação de serem invisíveis, de serem menos, de serem escondidos, marginalizados tanto pelo poder público quanto pelas classes mais endinheiradas.

Em contrapartida, abriam-se novas experiências para mim e para minhas companheiras de trabalho, que fomos colocando em análise. Pela primeira vez, senti-me representante de uma classe média que se preocupa, de fato, mais com suas questões pessoais do que com problemas sociais – muito embora os jovens da Maré, constrangidos e com medo de nos constranger, excetuassem-nos da classe média indiferente à qual se referiam. Dei-me conta de que eu não havia sido ensinada a pensar sobre a desigualdade social, que minha relação com essa questão era distanciada e pouco crítica. Com as experiências que vivi na Maré, confrontei o meu medo de estar na favela com a naturalização das situações de violência pelos moradores de lá; a educação que recebi em boas escolas particulares do Rio de Janeiro com a educação deficitária a que os jovens da Maré se referiam; o acesso que tive à cultura, de diversas formas, com a dificuldade de acessá-la daquela população; a minha liberdade para andar no Rio de Janeiro com as restrições sentidas por aqueles sujeitos.

Durante todo esse processo, encontrei, na psicologia social crítica com que estava trabalhando, ferramentas para pensar os processos de desigualdade presentes em nossa sociedade – contraditoriamente explícitos e apenas visíveis àqueles que procuram olhar ou são ensinados a isso. As inquietações com a questão da desigualdade social e com suas vivências subjetivas puderam, a partir desse referencial, ser problematizadas, colocadas em análise.

Essas preocupações, vindas de experiências vivas, ganharam continuidade no projeto de ingressar no mestrado. Durante o primeiro ano no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, em um processo de construção nas orientações, encontramos uma forma de aproximação teórica e metodológica das questões que haviam me impactado tão fortemente na experiência na Maré. Assim se materializou o problema de pesquisa do presente estudo, conjugando o interesse pelo campo da orientação profissional, a inquietação com a questão da desigualdade social e a percepção da importância de se trabalhar com a juventude.

## **A presente pesquisa, seus objetivos e suas justificativas**

Surge dessa forma a presente pesquisa, que visa investigar a dimensão subjetiva da desigualdade social, por meio de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. Encontramos nossos sujeitos ricos em uma escola particular de um bairro com baixo índice de exclusão social<sup>1</sup> e nossos sujeitos pobres em uma escola pública de um bairro com alto índice de exclusão social, ambos na cidade de São Paulo.

A escolha de São Paulo como local de pesquisa se justifica por três fatores: primeiramente, pelo fato de que a cidade é a maior metrópole brasileira, com um perfil de desigualdade social acentuada, característico de grandes centros urbanos de nosso país; em segundo lugar, por interesse na metodologia desenvolvida no projeto de pesquisa sobre a dimensão subjetiva da desigualdade social na cidade de São Paulo, coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Bock e realizado com alunos de graduação<sup>2</sup>; por fim, devido a um desejo pessoal de conhecer a forma como as desigualdades sociais se configuram nesse espaço social.

Quando pensamos em estudar a dimensão subjetiva da desigualdade social, estamos partindo do pressuposto de que esse fenômeno social não é constituído apenas de uma dimensão objetiva, que corresponde às disparidades na distribuição de renda que existem em nosso sistema de produção capitalista. Estamos afirmando que a desigualdade social também é constituída por uma dimensão subjetiva, por sujeitos que não são mera consequência desse fenômeno, mas sua condição. Suas formas de sentir, de agir, de viver, constroem, em relação dialética<sup>3</sup> com as condições objetivas, os contornos que o fenômeno da desigualdade social assume em nossa sociedade.

Os projetos de futuro são os recursos metodológicos que escolhemos para acessar a dimensão subjetiva da desigualdade social, tomando como sujeitos jovens ricos e pobres que

<sup>1</sup> O Índice de Exclusão Social é uma construção, apresentada por Pochmann e Amorim no *Altas da Exclusão Social no Brasil* (2003), que analisa e integra em uma fórmula ponderada os seguintes temas: padrão de vida digno, conhecimento e risco juvenil. No volume 2 do *Altas* (CAMPOS et. al, 2003), o Índice de Exclusão Social é construído de forma análoga, a partir dos indicadores denominados vida digna, conhecimento e vulnerabilidade juvenil. Pochmann e Amorim (2003) lembram que índices que utilizam uma metodologia semelhante ao IDH, como o Índice de Exclusão Social, não pretendem traçar uma linha demarcatória entre incluídos e excluídos, e sim produzir um indicador comparativo das condições sociais nas diferentes unidades estabelecidas pelo estudo, apresentando as disparidades entre as diferentes regiões consideradas, com o objetivo de apontar aquelas que necessitam de ações prioritárias para que a qualidade de vida da população seja elevada.

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa intitulado “A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo sobre o sentido subjetivo da vivência da desigualdade social na cidade de São Paulo”, com coordenação geral da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana M.B. Bock e ligado ao Grupo de Pesquisa CNPq “A dimensão subjetiva da desigualdade social e suas expressões”. Sua segunda etapa teve coordenação da Profa. Dra. Maria da Graça Marchina Gonçalves, também membro do grupo cadastrado no Diretório do CNPq.

<sup>3</sup> A relação dialética diz respeito a um movimento de contradições e oposições entre elementos que se integram e se unem, sem que os polos sejam eliminados ou reduzidos uns aos outros. Nessa relação, “...a partir de elementos presentes numa determinada situação, fenômenos novos emergem.” (M. OLIVEIRA, 1997, p.28)

habitam a cidade de São Paulo. Ao projetar os seus futuros, esses sujeitos expressam seus valores, suas ideias, seus afetos e as possibilidades construídas socialmente para o seu amanhã. Da mesma forma, ao imaginar o futuro de um jovem de uma classe socioeconômica desigual à sua em relação ao acesso a rendimentos e a bens culturais e materiais, nossos sujeitos também estão expressando os seus próprios valores e os seus pensamentos acerca desse outro, estão falando de como são afetados por ele e como significam a diferença que têm em relação a ele. Estão falando de sua relação com esse outro social. Ao trabalhar com essas percepções dos jovens acerca de si, do outro e da lacuna que há entre os dois, podemos apreender como os nossos jovens ricos e pobres sentem, pensam e vivem a desigualdade social em sua cidade, constituindo esse fenômeno.

Por que estudar a desigualdade social no Brasil? Na medida em que trabalhamos com Psicologia Sócio-Histórica, é importante trazermos para os nossos estudos aspectos essenciais da realidade social brasileira. A desigualdade social é um desses aspectos, uma das mais fortes marcas de nossa sociedade, remontando aos tempos de colônia. (CAMPOS et. al, 2004; MEDEIROS, 2005) No final do século XIX, a ascensão do modo capitalista de produção alargou as disparidades socioeconômicas, justificadas por diferentes posições no sistema de trabalho. Segundo Medeiros (2005), há várias décadas o Brasil se encontra entre os países que apresentam os maiores níveis de desigualdade do mundo. A estrutura da sociedade brasileira produz e mantém desigualdades ao longo do tempo.

Ainda hoje, a mais absurda opulência financeira de poucos se choca, em nosso país, com a mais absoluta miséria de muitos que estão à margem do sistema, sem acesso a necessidades básicas como moradia, alimentação, saúde e educação. Medeiros destaca que a maior parte dos elevados níveis de desigualdade no Brasil se deve à segmentação da população em uma grande massa homogênea de famílias pobres e uma reduzida elite rica, e não a diferenças que ocorrem no interior dessa massa de famílias não-ricas.

Apesar de, desde 2004, assistirmos a uma redução da extrema pobreza e da desigualdade de renda no país, com ascensão de expressivos contingentes populacionais a camadas socioeconômicas menos pobres, o Brasil ainda é um dos países com os maiores índices de desigualdade social do mundo e ainda permanecem grandes as disparidades entre a renda concentrada nas mãos das camadas com os rendimentos mais altos e mais baixos do país. (IBGE<sup>1</sup>, 2012a; IBGE, 2010; POCHMANN, 2010; BARROS et. al, 2010)

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Analisando essa situação de grandes desigualdades socioeconômicas em nosso país, Campos et. al (2004) afirmam que a estabilidade da concentração de renda ao longo dos séculos tem sido pouco estudada e que não há muitas respostas para o fato de o país ter tão poucas pessoas concentrando uma parcela imensa dos rendimentos, enquanto outras muitas pessoas detêm uma parcela ínfima. Completamos que, se esse quadro tem sido pouco estudado a partir de indicadores objetivos sobre a elevada concentração de renda no Brasil, ele tem sido menos investigado ainda a partir de sua dimensão subjetiva.

Estudar a desigualdade social a partir de sua dimensão subjetiva se faz importante por dar visibilidade ao fato de que tal concentração absurda de renda não é produzida apenas por uma lógica econômica objetiva, mas também, dialeticamente, por construções subjetivas dos cidadãos brasileiros, que dizem respeito a suas formas de pensar a sociedade e a distribuição da riqueza, a seus valores a respeito do ser humano e do valor de diferentes seres humanos. Diferentes visões de sociedade e de homem constituem diferentes sistemas produtivos e são constituídas por eles, sustentando uma distribuição de renda mais ou menos concentradora, produzindo uma maior ou uma menor desigualdade no acesso a riquezas materiais e culturais.

É essencial entender as construções subjetivas que constituem o fenômeno da desigualdade social, se queremos compreendê-lo em sua complexidade. Se pretendemos produzir questionamentos que ponham em análise esse modo de partilhar tão desigualmente os bens produzidos em nossa sociedade, não basta entender como as riquezas são concretamente distribuídas em nossa sociedade. É necessário, ao mesmo tempo, entender sua dimensão subjetiva: quais são as significações, as ideias, as ideologias, os afetos, os valores que constituem e que mantêm essa forma de organização social e econômica.

E por que escolher os jovens como os sujeitos desta pesquisa? Primeiramente, por um interesse em investigar essa população, que surgiu a partir da experiência de trabalho de sua autora com jovens pobres em um pré-vestibular comunitário da cidade do Rio de Janeiro.

Em segundo lugar, porque percebemos o jovem como um parceiro social importante, que precisa ser ouvido, visto, compreendido em seu momento de vida presente. Contraditoriamente aos muitos discursos que valorizam os jovens em nossa sociedade – pelo que serão e farão, constituindo “o futuro do país”, ou como modelos de saúde, beleza, felicidade e bem-estar –, as nossas juventudes permanecem pouco ouvidas em suas demandas específicas. A juventude é vista como imagem e como possibilidade, mas não como um coletivo de diferentes sujeitos que têm, agora, algo a dizer; que têm formas de sentir, de pensar, de agir particulares; que constituem e que devem ser chamados a construir coletivamente a sociedade de que participamos.

Por fim, é importante destacar que, com esta investigação, desejamos nos inserir no conjunto de pesquisas sobre projetos de futuro de jovens brasileiros, ressaltando a importância de compreender esses sujeitos nas totalidades sociais em que se constituem e a que constituem, dialeticamente. Defendemos que as condições socioeconômicas dos jovens, que vêm sendo destacadas em poucas pesquisas sobre projetos de futuro, devem ser introduzidas como variáveis importantes nessas investigações, para que tais sujeitos possam ser compreendidos de forma mais ampla e mais crítica.

Pretendemos, nesse sentido, contribuir para esse campo de investigações com o desenvolvimento de um novo instrumento de pesquisa, que pretende dar visibilidade a como os projetos de futuro de jovens estão atravessados pela questão da desigualdade social.

## 1. JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA: REFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Adolescência e juventude são termos que vêm sendo usados de forma indistinta para se referir a sujeitos que estão no interstício entre a infância e a fase adulta. Recentemente, no entanto, surgiu, no cenário das discussões sobre políticas públicas para jovens e adolescentes, a compreensão de que tais momentos da vida devem ser entendidos em suas diferenças, levando-se em consideração a especificidade de suas questões, de suas condições e de seus estilos de atuação na sociedade (ABRAMO, 2005a).

Freitas (2005) aponta que a tendência no debate das políticas públicas no Brasil é falar de juventude como um termo amplo, que compreende a adolescência como uma de suas fases, que vai dos 12 aos 17 anos<sup>1</sup>, e a juventude propriamente dita como um momento posterior, de construção de trajetórias de inserção na vida social. Há entendimentos diversos sobre a extensão desse processo: em geral, compreende-se que a juventude vai dos 18 e os 24 anos; algumas concepções, no entanto, estendem-na para o período de 15 a 29 anos<sup>2</sup>. A compreensão da juventude como uma etapa que comporta momentos diferenciados, sustenta Abramo (2005a), constrói-se para acompanhar o prolongamento desse período de vida, uma vez que os processos de entrada dos jovens de hoje no mundo adulto – identificado com a passagem da condição de estudante para a de trabalhador – se dão cada vez mais tarde, em comparação com gerações anteriores.

Destacar a adolescência e a juventude como momentos distintos faz-se relevante para dar visibilidade à especificidade das demandas e das questões de cada um desses momentos. Aos adolescentes são colocadas as obrigações sociais de formação escolar. Aos jovens maiores de 18 anos são destinadas as tarefas sociais de construir seus projetos de futuro para o ingresso no mundo adulto, abarcando as dimensões profissional e pessoal. Freitas (2005) mostra que a sociedade tradicionalmente atribui a esse momento as tarefas de terminar os estudos, ingressar no mercado de trabalho, adquirir autonomia financeira, sair da casa dos pais e se estabelecer em uma moradia pela qual se é responsável ou corresponsável, casar e ter

---

<sup>1</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 8.069/1990) trouxe o entendimento de que a adolescência compreende o período entre 12 anos completos e 18 incompletos.

<sup>2</sup> Essa é a faixa etária abarcada pelo projeto do Estatuto da Juventude (Projeto de Lei da Câmara no. 98 de 2001), que visa estender os direitos fundamentais conferidos às crianças e aos adolescentes pelo ECA aos sujeitos entre 18 e 29 anos, assim como assegurar tanto a essa população como aos menores de 18 anos direitos suplementares não previstos no ECA. O Estatuto da Juventude foi aprovado pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) em fevereiro de 2012 (IBGE, 2012b).

filhos – embora, atualmente, não haja uma expectativa de que isso seja realizado em um percurso linear, como em épocas passadas.

É importante destacar que a delimitação etária das etapas da adolescência e da juventude não esgota a questão, sendo apenas um marco de referência para começarmos a situá-la. Léon (2005) considera que, uma vez que a juventude é uma condição social que se manifesta de maneiras diferentes em contextos históricos e sociais distintos, não é possível estabelecer critérios universais para distinguir grupos segundo faixas etárias, sendo a idade apenas um referente demográfico. Lembra ele: “Um jovem de uma zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade, como tampouco os de setores marginalizados e as classes de altos ingressos econômicos.”, afirma (p.14). Os processos de entrada no chamado mundo adulto ocorrem, de fato, como veremos no capítulo seguinte, em idades diferentes para jovens que têm condições socioeconômicas desiguais.

Para além da diferenciação de adolescência e juventude tendo como referência expectativas sociais e marcos etários distintos para essas etapas, faz-se importante, em nossa pesquisa, olharmos as diferenças de significado no uso de cada um desses termos, dependendo da área de saber a partir da qual se fala.

Normalmente, quando psicólogos vão descrever ou fazer referências aos processos que marcam esta fase da vida (a puberdade, as oscilações emocionais, as características comportamentais que são desencadeadas pelas mudanças de *status* etc.) usam o termo *adolescência*. Quando sociólogos, demógrafos e historiadores se referem à categoria social, como segmento da população, como geração no contexto histórico, ou como atores no espaço público, o termo mais usado é *juventude*. (FREITAS, 2005, p.7, grifo do autor)

Também os psicólogos que partem de uma perspectiva social adotam a noção de juventude, para marcar que esse período é uma construção social, cultural e relacional que foi engendrada e significada ao longo de processos históricos. É a essa concepção que estamos alinhados, partindo do referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica. Utilizaremos, portanto, ao longo deste percurso investigativo, o termo “juventude”, para marcar a nossa opção teórica.

É importante destacar que, nos momentos em que tivermos nos referindo a concepções que partem de outros referenciais teóricos – de uma Psicologia tradicional e da Psicanálise – e que estão fundadas em um pensamento liberal, utilizaremos o termo “adolescência”, respeitando a forma como é referenciado nas fontes que consultamos.

## **1.1. Juventude, segundo a perspectiva Sócio-Histórica**

### **1.1.1. A concepção Sócio-Histórica de homem**

Estamos, nesta pesquisa, orientados pelo referencial teórico e metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, que se funda na psicologia de base marxista construída por Lev S. Vigotski e seus colaboradores – entre os quais se destacam Alexander R. Luria e Alexei N. Leontiev – à época da Revolução Russa de 1917.

Vigotski analisou as psicologias da sua época, constatando uma crise que se resumia em uma cisão entre correntes psicológicas materialistas, que enfocavam o corpo, e idealistas, que se centravam no estudo da mente. As abordagens materialistas propunham uma psicologia objetivista, baseada no modelo das ciências naturais, e foram criticadas por Vigotski por desconsiderarem a construção histórica do psiquismo. As correntes idealistas sustentavam uma psicologia subjetivista, que construía explicações sobre o homem e o mundo com base em ideias que, no entanto, estavam descoladas de uma base material. (IAROCHEVSKI; GURGUENIDZE, 1996)

Segundo Tuleski (2002), Vigotski percebeu que, assim como para a construção de uma sociedade comunista era necessária a superação das dicotomias entre classes sociais, para a construção de uma psicologia de base comunista era necessária a superação da dicotomia entre objetividade e subjetividade que caracterizava esse saber. Fundando-se no pensamento desse autor, a Psicologia Sócio-Histórica surgiu para fazer a crítica a tal dicotomia, colocando em cena o fato de que homem e sociedade se constituem mutuamente, em relação dialética, e de que não podemos compreender um sem o outro.

O homem concebido pela Psicologia Sócio-Histórica é um ser ativo, histórico e social. Pensar o homem como histórico significa, primeiramente, assumir que no ser humano nada está aprioristicamente concebido, e sim que ele se constitui ao longo de um processo histórico, em um meio social, no qual estabelece relações com outros e configura suas formas de existência. (PINO, 2002)

Para a Psicologia Sócio-Histórica, as explicações sobre o homem devem ser baseadas fundamentalmente nas relações que o homem mantém com o mundo social e histórico. O homem é, então, pensado como multideterminado, dada a complexidade de relações que o constituem. Passam a ser importantes o momento e o local em que vive, as relações em que está inserido, as suas formas de atividade e os significados que constitui e que circulam em sua realidade. Segundo A. Bock (1999), “o indivíduo só pode ser realmente compreendido em

sua singularidade, quando inserido na totalidade social e histórica que o determina e que dá sentido à sua singularidade” (p.34).

Pensar o homem como ativo nos remete à compreensão de que a atividade humana adquire uma especificidade frente à de outros animais. Primeiro porque o homem pôde superar comportamentos determinados apenas por motivos biológicos ou por influências imediatas do meio, podendo ter comportamentos guiados, por exemplo, por motivos intelectuais. Em segundo lugar, porque a maioria dos conhecimentos e as habilidades do homem se forma por meio da assimilação da experiência conquistada historicamente pela humanidade, que se encontra nas formas culturais desenvolvidas pelo homem em sociedade (LURIA, 1979). Esse processo ocorre por meio de um processo de aprendizagem, que se dá na relação social com outros homens.

A ideia de um homem ativo, social e histórico é, portanto, uma busca de superação de concepções naturalizadoras<sup>1</sup>, que compreendem o homem como autônomo em relação à sociedade. Este trabalho, ao recolocar a questão da juventude, expressa o compromisso na construção de concepções críticas que desnaturalizam o humano.

### 1.1.2. A concepção Sócio-Histórica de juventude

Os trabalhos que têm sido realizados no campo da Psicologia Sócio-Histórica demonstram uma opção pelo uso do vocábulo juventude, devido à compreensão de que esse termo adquire socialmente um valor mais positivo do que a ideia de adolescência. A escolha pelo uso da noção de juventude se pauta na visão do jovem como um parceiro social, que deve ser compreendido a partir de uma perspectiva positiva. Esse referencial teórico, no entanto, não desconsidera a adolescência, e sim a afirma como um momento da juventude construído socialmente; também não se exime de uma discussão teórico-conceitual sobre essa noção, e sim propõe um diálogo crítico com outras abordagens no campo da psicologia, que têm afirmado a adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento.

A Psicologia Sócio-Histórica critica tais concepções sobre a adolescência por desconsiderarem as determinações sociais e históricas implicadas em sua constituição. Sustenta que a adolescência não é uma etapa natural do desenvolvimento, fadada a acontecer por causas biológicas, e nem universal, ocorrendo da mesma forma em todos os lugares, independente do contexto social, cultural e histórico. De forma diversa, para a Psicologia

---

<sup>1</sup> Naturalizar é considerar como natural, biológica, a origem de fenômenos e de processos constituídos no meio social e, com isso, ocultar a sua produção histórica, em meios sociais. (BOCK, 1999)

Sócio-Histórica, a adolescência foi constituída pelos homens em um processo histórico, a partir de necessidades sociais que foram surgindo.

Foi na sociedade moderna ocidental que a adolescência ganhou significação como fase do desenvolvimento e período de moratória social, de preparação para adentrar a vida adulta. Em decorrência das revoluções industriais e das mudanças que essas imprimiram no mundo do trabalho e na vida social, criou-se a necessidade de aumentar o tempo de formação dos mais jovens e de mantê-los mais tempo afastados do mercado de trabalho. Estrategicamente, esses sujeitos passaram a ficar mais tempo na escola, qualificando-se mais para ocupar funções laborais e permitindo que suas mães e pais trabalhassem por períodos mais longos. Assim, os mais jovens passaram a ficar menos tempo com a família e em maior contato com outros sujeitos de idades e condições sociais semelhantes às suas. Instituiu-se então um novo grupo social, o dos adolescentes, e um novo período na vida dos sujeitos, a adolescência. (CLÍMACO, 1991)

Abramo (2005b) afirma que a juventude enquanto período de afastamento do mercado do trabalho surgiu inicialmente como experiência restrita aos filhos das classes altas e médias – primeiro apenas os rapazes e depois também as moças –, que podiam mantê-los nessa condição. Ao longo do século XX, com as transformações no mundo do trabalho, no campo dos direitos e da cultura, bem como em função da ação de culturas jovens no pós-guerra, novos conteúdos, com valores positivos de lazer e experimentação, foram trazidos à juventude e tal vivência foi estendida aos filhos de famílias das classes trabalhadoras. A experiência da juventude adquiriu, assim, um sentido em si, para além da preparação para a vida adulta, e passou a ser reconhecida como uma condição válida para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre condições e significações diferentes.

A adolescência e a juventude são, portanto, fenômenos sociais construídos, interpretados e significados pelos homens, que têm repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno. Há, inegavelmente, marcas do desenvolvimento biológico que surgem no momento da adolescência; no entanto, mesmo tais marcas só adquirem relevância como fator explicativo porque socialmente são significadas dessa forma.

Os modos de ser que caracterizam os adolescentes, dessa maneira, não são inatos ou naturais, e sim foram constituídos à medida que tais sujeitos foram desenvolvendo formas de se relacionar em sociedade. As características negativas e patológicas que são comumente atribuídas aos adolescentes por correntes psicológicas que penetram o senso comum – como rebeldia, conflito geracional, onipotência e indefinição da identidade – são explicadas por Aguiar, Bock e Ozella (2011) como decorrentes da contradição entre, por um lado, as plenas

possibilidades físicas, cognitivas e emocionais desses sujeitos de se inserirem no mundo adulto e no mercado de trabalho e, por outro, a imposição social de que esse ingresso se dê em um período tardio. Podemos pensar, então, que os adolescentes, com possibilidades de enfrentar desafios maiores do que os que lhe são permitidos, ficam sem lugar na sociedade e passam a ter comportamentos que podem ser entendidos como tentativas de estender suas formas de experimentar o mundo social.

Em suma, para a Psicologia Sócio-Histórica não há uma adolescência ou uma juventude universal, natural ou patológica, e sim adolescências e juventudes, múltiplas, que assumem diferentes possibilidades de expressão em diferentes contextos sociais e históricos. A. Bock (2004) nos lembra de que, mesmo dentro de uma mesma sociedade, a adolescência pode existir de formas diferenciadas de acordo com o grupo social de que se trata, estando mais evidenciada para os grupos que se mantêm mais tempo afastados do mercado de trabalho e sendo menos nítida entre os grupos que se engajam no trabalho desde cedo. Veremos, em pesquisas apresentadas no capítulo a seguir, como isso ocorre.

## **1.2. Adolescência, segundo a perspectiva liberal**

### **1.2.1. A concepção liberal de homem**

A visão liberal de homem surgiu como solo ideológico do capitalismo, sistema produtivo que veio se opor à ordem feudal, na qual cada homem ocupava um lugar social determinado pela vontade divina. Na nova ordem capitalista, o indivíduo, visto de forma destacada do sistema social, passa a ser a referência central para a construção de leis e de práticas sociais. (A. BOCK, 1999; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2009)

O indivíduo, tal como concebido pelo liberalismo, é dotado de direitos naturais inalienáveis, derivados de sua própria condição de humanidade: os direitos à liberdade, à propriedade privada, à igualdade perante os outros homens e a desenvolver livremente as suas potencialidades. O lugar que ele ocupa na sociedade e no sistema produtivo não mais depende de uma ordem divina, como no feudalismo.

Eis a nova lógica que passa a imperar: se todos são iguais perante a lei e têm os mesmos direitos, está colocada para todos igualmente a oportunidade de ascender socialmente no sistema capitalista, o que acontecerá desde que cada um aproveite essa chance, por meio de seus esforços pessoais. Configura-se, assim, a ideologia do esforço pessoal, que se difunde por toda a sociedade.

A Psicologia Sócio-Histórica, no Brasil, tem manifestado como crítica ao liberalismo e ao seu valor central, o individualismo. Denuncia como ilusórias as ideias de que o homem é um ser autônomo em relação à sociedade e de que as explicações dos fenômenos devem se focar apenas no indivíduo; sustenta que essa forma de pensar é ideológica<sup>1</sup>, pois oculta o fato de que os fenômenos são produzidos em uma totalidade social, em determinado momento histórico.

Sua crítica incide sobre a ideologia liberal por esconder o fato de que, em nossa sociedade capitalista, nem todos são iguais, nem livres. Tal forma ideológica de pensar esconde o fato de que o acesso a riquezas materiais e culturais não é garantido apenas pelo esforço pessoal – o que só ocorre em casos excepcionais, elevados a provas de que isso é possível –, e sim está determinado também por fatores ligados às condições socioeconômicas que cada sujeito tem de partida.

Para o liberalismo, o indivíduo é, ainda, dotado de uma natureza humana apriorística, tendo em essência um determinado potencial, que pode ou não ser desenvolvido de acordo com as possibilidades oferecidas pelo seu meio social. Uma boa imagem para se entender essa lógica é a de uma semente que traz em si a potencialidade de crescer e de se tornar uma determinada planta, com determinadas características essenciais, mas que só germinará se o meio físico em que for plantada for favorável, oferecendo boas condições climáticas, oferta de água, um solo fértil etc. O homem, tal como a semente, possuiria uma natureza humana, com potencialidades em essência, que, no entanto, só se manifestarão se o meio social em que ele vive favorecer esse desenvolvimento. (BOCK, 1999)

A Psicologia Sócio-Histórica, em sentido diverso, pensa o meio social como constitutivo do ser humano, como determinante para o seu desenvolvimento, e não como mero contexto que favorece ou não um desenvolvimento. Não há potencial apriorístico, não há uma essência a ser desenvolvida: o sujeito se constitui na totalidade social e no tempo histórico em que vive.

A ideia de um desenvolvimento sócio-histórico do ser humano se afasta da difundida noção, fundada na ideologia liberal, de que o homem possui uma natureza *a priori*. A. Bock (1999) critica a noção de natureza humana como ideológica, por pensar os fenômenos humanos descolados da totalidade social em que e pela qual se constituem, atribuindo ao sujeito, a fatores individuais, a causa de fenômenos que são produzidos socialmente.

---

<sup>1</sup> Bock (1999) define ideologia como um sistema de ideias que desempenha o papel de mistificar, de camuflar a realidade. É uma forma ilusória de se representar o real, que forma um conjunto lógico e sistemático de ideias e de regras que orientam a ação dos sujeitos sociais.

### 1.2.2. A concepção liberal de adolescência<sup>1</sup>

Em nossa sociedade, é senso comum a visão da adolescência como uma fase natural e universal do desenvolvimento, que desabrocha ao final da infância e que, como período de transição para a vida adulta, caracteriza-se por ser um momento conflituoso. Os fundamentos dessa concepção vêm das explicações, muito disseminadas em nossa sociedade, que a psicanálise e a psicologia tradicional dão a esse momento da vida: compreendem a adolescência como uma fase do desenvolvimento marcada pela entrada na puberdade, o que desencadeia mudanças corporais, psíquicas e relacionais que ocorrem com todos os indivíduos, em todas as sociedades e em qualquer momento histórico. Diante da emergência da sexualidade genital, da perda do corpo infantil e das mudanças nas relações estabelecidas com os pais na infância, o adolescente estaria inevitavelmente capturado em um momento conflituoso, tornando-se um ser perturbado, revoltado, insatisfeito, instável, problemático, incoerente e incompreensível aos adultos.<sup>2</sup>

O adolescente seria, desse modo, um ser configurado psiquicamente pelas transformações biológicas por que está fadado a passar, que desencadeiam uma série de características e comportamentos negativos. Tal visão de adolescência se apoia nas concepções liberais que sustentam que o homem tem potencialidades inatas que são desenvolvidas de acordo com as influências do meio em que vive e segundo o esforço que cada um faz para aproveitá-las para o seu crescimento. A adolescência é naturalizada, pensada enquanto fenômeno natural. Restringem-se, assim, a questões individuais e biológicas a explicação de fenômenos complexos, como a adolescência, negando-se a sua gênese social. (A. BOCK, 1999)

Algumas pesquisas vêm atestando a difusão dessas concepções naturalizadoras da adolescência tanto nos campos da psicologia e da educação quanto no senso comum. Ozella (2003), em um estudo com 51 psicólogos, verificou a predominância entre tais profissionais da percepção da adolescência de forma naturalizada, universal e a partir de uma estereotipia em que são atribuídos aos adolescentes traços negativos, explicados pelo fato de que esses sujeitos estariam passando por uma fase conflituosa.

A. Bock, em 2007, em pesquisa sobre a concepção de adolescência presente em livros de grande difusão escritos para pais e educadores, reitera que aos adolescentes são atribuídas

---

<sup>1</sup> Lembramos que, apesar de adotarmos o termo “juventude” nesta pesquisa, usamos o termo “adolescência” nessa seção para respeitar o uso nas fontes citadas.

<sup>2</sup> Bock e Liebesny (2003) e Bock (2004, 2007) revisaram obras dos principais autores que influenciaram a configuração das concepções tradicionais de adolescência.

características negativas, desvalorizadas socialmente e relacionadas à imaturidade. Observa também que o adolescente é sempre definido em oposição ao adulto, com quem teria naturalmente relações conflituosas. A conclusão da autora é de que a adolescência é pensada como natural; ainda que se sugira alguma influência da família sobre o adolescente, não se entende esse momento do desenvolvimento como constituído na cultura e na sociedade.

Gonçalves (2003), em um estudo sobre as concepções de adolescência veiculadas pelos programas de televisão destinados a esse público, corrobora tais resultados ao verificar nos elementos de mediação televisivos um predomínio de significados sociais da adolescência como processo natural e a-histórico.

Buscando refletir sobre as implicações da difusão das concepções tradicionais de adolescência em nossa sociedade, Bock e Liebesny (2003) sustentam que o pressuposto de que os adolescentes são imaturos faz com que os adultos não confiram muita atenção aos projetos que tais sujeitos traçam para seus futuros, uma vez que se presume que, assim como a adolescência, esses também são instáveis e inevitavelmente passarão. Com essa visão, segundo A. Bock (2007), o adolescente não é compreendido como um parceiro social, uma vez que os adultos o enxergam apenas como um ser em transição, que deve ser preparado para o que pode ser no futuro – e não visto pelo que ele é.

Essas concepções vão em direção distinta àquela defendida pela Psicologia Sócio-Histórica, que, como já vimos, busca valorizar o jovem em seu momento presente e pretende pensá-lo a partir de uma compreensão da totalidade social em que se constitui – e à qual constitui. Essa abordagem, desse modo, não fala de uma juventude homogeneizada, que seria igual em qualquer época ou local, e sim de juventudes, plurais, que assumem formas particulares de ser, de sentir/significar o mundo à sua volta. É a partir dessa noção de juventude que construímos toda esta pesquisa.

Voltemos nossa atenção, a seguir, para dois capítulos que investigam as desigualdades que constituem os desiguais modos de viver e de sentir/significar dos jovens brasileiros. O Capítulo 3 buscou caracterizar o quadro de desigualdades em nosso país e na cidade de São Paulo – nosso local de pesquisa –, bem como a forma como essas desigualdades configuram as realidades de nossos jovens, dando foco especialmente aos diferentes modos como estudo e trabalho se combinam em suas vidas. O Capítulo 4, por sua vez, pretendeu analisar o fenômeno da desigualdade social a partir de estudos que investigam a sua dimensão subjetiva.

## 2. JUVENTUDE E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL

### 2.1. Desigualdade social no Brasil

No senso comum, quando se fala em desigualdade social, a associação que se faz é com os grupos mais pobres da sociedade. No entanto, consideramos que a noção de desigualdade social diz respeito à desigualdade na distribuição de riquezas que há entre os polos mais ricos e mais pobres de nossa sociedade. É importante observar que tal disparidade nos rendimentos implica um acesso diferenciado a direitos e serviços para cada camada socioeconômica.

Medeiros (2005) afirma que desigualdade e pobreza, assim como desigualdade e riqueza, têm estreita relação: estão referenciadas à distribuição de recursos no País, estando os ricos concentrados no extremo superior da distribuição e os pobres na base. A riqueza se vincula à pobreza na medida em que é possível transferir para os pobres uma boa parte dos recursos dos ricos, trazendo com isso a possibilidade de erradicar a pobreza por meio da redução dos níveis de desigualdade. A desigualdade social pode ser estudada, dessa forma, considerando-se, em suas diferenças, as classes socioeconômicas que estão nos extremos da sociedade: os grupos que têm rendimentos familiares *per capita* mais altos e as camadas que possuem os mais baixos rendimentos.

A desigualdade social no Brasil não é um fenômeno recente: a sociedade brasileira foi estruturada, desde a chegada dos portugueses em nossas terras, a partir de um padrão altamente concentrado de distribuição social da riqueza. Ao analisar a história no Brasil desde os tempos coloniais, Campos et. al, em 2004, afirmavam:

Tem sido marcante no Brasil a inalteração do jogo distributivo, mesmo quando se trata do aparecimento de novos jogadores e da mudança do perfil de geração e apropriação da riqueza. Embora o país tenha passado pela fase colonial entre 1500 e 1882, pela fase monárquica entre 1822 e 1889 e, por fim, pela fase republicana (pós-1889), não parece haver registros de modificação substancial no perfil distributivo. Aliás, este perfil foi potencializado com a expansão interna do capitalismo... (CAMPOS et. al, 2004, p.27)

Ao analisar a história recente do Brasil, Pochmann (2010) observou três padrões de mudança social – alteração das posições de distintos segmentos populacionais no interior da estrutura social. Entre 1960 e 1980, houve forte expansão tanto da renda nacional *per capita* quanto da desigualdade de renda. O período de 1981 a 2003 foi marcado pela estagnação da

renda nacional *per capita* e a contenção da desigualdade, ainda que exposta a forte oscilação. A partir dos anos 2004, no entanto, surge um novo padrão de mudança social no Brasil, que combina a expansão da renda nacional *per capita* e a queda da desigualdade pessoal da renda. Isso ocorre em função tanto da recuperação do ritmo de crescimento econômico desde 2004 quanto da ampliação da renda das famílias, em especial aquelas na base da pirâmide social, por decorrência de políticas públicas como aumento do salário mínimo, de políticas de transferência direta de renda a segmentos vulneráveis via Previdência e Assistência Social e da recente adoção da política de inclusão bancária, elevando a concessão de crédito especialmente aos segmentos de baixa renda.

Nesse período, tem se assistido à redução da taxa média anual de desemprego e da pobreza, bem como ao aumento do salário mínimo, da ocupação e dos anos de escolaridade dos brasileiros. Pochmann (2010) mostra que, entre 2005 e 2008, encolheu o menor estrato de renda no Brasil (até R\$ 188 per capita), pela ascensão de 11,7 milhões de pessoas para estratos de maior renda. Os estratos médio (R\$ 188 a R\$ 465 per capita) e alto (acima de R\$465 por pessoa) ganharam maior representatividade populacional: 7 milhões de pessoas ingressaram no estrato médio e 11,5 milhões de pessoas migraram para o alto.

Barros et. al (2010) corroboram a análise de Pochmann ao falar que, a partir de 2003, tem se observado uma espetacular redução da pobreza e da desigualdade de renda no Brasil, metade em função do crescimento econômico do país e metade devido à diminuição da desigualdade de renda. Nesse período, a renda familiar *per capita* entre os 10% mais pobres cresceu três vezes mais rápido do que a média de crescimento para a população (15,4% x 5,1%), enquanto entre os 10% ricos a renda familiar *per capita* cresceu 1,4%. Considerando a relação entre o aumento de renda entre os 20% mais pobres e os 20% mais ricos entre 2001 e 2007, houve uma redução da desigualdade em 30%.

Soares (2010), analisando as causas desse processo, ressalta a renda proveniente do trabalho como o maior determinante da queda da desigualdade, mas também dá destaque às transferências governamentais, responsáveis por um terço da redução das desigualdades. Barros et. al (2010) também ressaltam como fator expressivo para tal diminuição a elevação da renda não derivada do trabalho, que dobrou entre os 10% mais pobres, enquanto só se elevou 10% entre o décimo mais rico da população.

Em 31 de março de 2011, O Estado de S. Paulo anunciava a mudança da pirâmide de distribuição dos brasileiros por classes socioeconômicas no período entre 2005 e 2010, em função de um incremento no ganho de renda, levando a uma mobilidade social. A representação gráfica dessa distribuição deixou de ter o formato de pirâmide, característico de

países pobres com grande contingente de pessoas em estratos de renda baixa, e passou a ser um losango, evidenciando uma distribuição socioeconômica mais equilibrada entre as diferentes camadas sociais e mais frequente em países desenvolvidos. O jornal atestava também que 31 milhões de pessoas subiram de classe social no ano anterior – 19 milhões saíram das classes D e E rumo à classe C, integrando a “grande classe média”, e quase 12 milhões de pessoas passaram da classe C para as classes A e B, que têm maior poder aquisitivo. (DE CHIARA, 2011)

Barros et al. (2010) afirmam que esses processos de incremento de renda das camadas mais pobres da população brasileira, com conseqüente redução de desigualdades sociais, foram acompanhados de uma melhoria no acesso a um leque de oportunidades, especialmente entre os grupos mais vulneráveis. Analisando 14 indicadores, tais autores notam um crescimento muito acelerado, entre 2001 e 2007, em cinco deles, entre os quais destacamos o acesso à escola e à informação e a redução do trabalho precoce. Ao mesmo tempo, houve um retrocesso, nesse período, em relação ao desemprego juvenil. No que concerne à educação, verificou-se um progresso lento na taxa de conclusão do ensino fundamental e muito lento na taxa de conclusão do ensino médio.

A diminuição da desigualdade na distribuição de renda no Brasil também é atestada pela queda que tem se observado no Índice de Gini<sup>1</sup>, indicador calculado anualmente na Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD). Quanto menor o Índice de Gini, menor a desigualdade na distribuição de renda no país. A PNAD de 2011 mostra que o Índice de Gini para a distribuição dos rendimentos do trabalho foi de 0,501, mantendo a tendência de queda observada desde 2006<sup>2</sup> (IBGE, 2012a).

Frente ao otimismo que surge ao entrarmos em contato com tais dados, é importante fazer uma pausa para nos perguntarmos: qual é a real dimensão dessas mudanças, alardeadas tão fortemente pela mídia? Como isso afeta os padrões historicamente constituídos de uma concentração alarmante das riquezas nas mãos dos mais ricos, face a uma participação ínfima dos mais pobres nos rendimentos do país?

Soares (2010) alerta-nos para o fato de que, apesar do otimismo que tal padrão de queda pode despertar se analisado isoladamente, é necessário perceber que tal redução é

---

<sup>1</sup> O Índice de Gini é uma medida do grau de concentração de uma distribuição, cujo valor varia de zero (a perfeita igualdade) até um (a desigualdade máxima). Calcula-se, na PNAD, o Índice de Gini relativo à desigualdade na distribuição de renda no Brasil. (IBGE, 2012a)

<sup>2</sup> Tendência de queda observada no Índice de Gini nas últimas PNADs: em 2006, foi 0,541; em 2007, foi de 0,528; em 2008, foi de 0,521 e em 2009 foi de 0,518. (IBGE, 2010)

pequena. O autor destaca que o Índice de Gini no Brasil ainda tem um valor alto, permanecendo o país entre os mais desiguais do mundo.

A redução progressiva da desigualdade na distribuição de renda no Brasil nos últimos anos também tem como contrapartida o fato, revelado pela PNAD de 2011, de que permanece elevada a diferença entre a renda concentrada nas mãos das camadas com os rendimentos mais altos e mais baixos no país. Verificou-se nessa pesquisa que

(...) no Brasil, os 10% da população ocupada com os rendimentos mais elevados concentrou 41,5% do total de rendimentos de trabalho, enquanto os 10% com os rendimentos mais baixos detiveram 1,4% do total das remunerações. Em 2009, estes valores foram, respectivamente, 42,5% e 1,2%. Ou seja, houve ligeira redução da concentração de rendimento de trabalho entre os 10% com rendimentos mais elevados. (IBGE, 2012a)

Assim, apesar da diminuição da desigualdade na distribuição de renda entre os brasileiros, a PNAD de 2011 mostra que permanece muito acentuada a disparidade entre os rendimentos concentrados nas mãos do décimo mais rico e do décimo mais pobre de nossa população.

No mesmo sentido, Barros et. al (2010), analisando os indicadores trazidos pela PNAD de 2008, apontam que, apesar da redução da desigualdade, da pobreza e da extrema pobreza observada nos últimos anos, seus índices continuam altos para um país com a renda *per capita* do Brasil. Ilustram os autores: “O que um brasileiro pertencente ao 1% mais rico – isto é, que vive em uma família com renda per capita acima de R\$ 4.400 por mês – pode gastar em três dias equivale ao que um brasileiro nos 10% mais pobres teria para gastar em um ano.” (p.27)

Neste momento, faz-se interessante trazer uma observação realizada por Campos et. al (2004): a de que tanto os mais ricos quanto os mais pobres “se escondem” no Brasil, não declarando oficialmente a sua situação socioeconômica em registros oficiais. Quanto à omissão de informações por parte dos pobres, a explicação que os autores trazem é a de que eles fariam isso devido ao estigma que carregam por sua pobreza. Já quanto aos ricos, isso poderia estar ligado tanto a algum estigma (que os autores não se propõem a investigar) quanto a explicações mais simples, como medo da violência ou intenção de fraudar o controle de suas riquezas. De qualquer forma, essa observação dos autores nos faz pensar se a situação das desigualdades sociais em nosso país não é muito mais alarmante do que aquela retratada pelas pesquisas oficiais, como as que trazemos neste capítulo.

## 2.2. Desigualdade social na cidade de São Paulo

Entre 2001 e 2009, segundo o cálculo do Índice de Gini, a desigualdade na distribuição de renda veio caindo no Brasil e ainda mais no Sudeste. O estado de São Paulo apresentou, no período, desigualdade ainda menor do que a regional. Não obstante, é importante destacar que a queda na desigualdade na área urbana de São Paulo entre 2001 e 2009 foi inferior (de aproximadamente 0,54 no Índice de Gini para perto de 0,50) à da área rural (passou de aproximadamente 0,51 para cerca de 0,44). (IPEA, 2012)

O município de São Paulo, muito populoso, com elevada renda média e com imensos contrastes internos, apareceu, em 2003, no Atlas da Exclusão Social no Brasil, como o 30º município com melhor situação social (POCHMANN, AMORIM, 2003) no país. No entanto, como já indicavam esses autores, a análise dos diferentes bairros de São Paulo revelou graus de exclusão tão elevados quanto em nível nacional (CAMPOS et. al, 2003).

Seus distritos (áreas intramunicipais oficiais utilizadas pelo IBGE) escondem realidades tão díspares quanto a riqueza dos Jardins e a pobreza e a violência do Jardim Ângela. Entre os extremos, um mar de situações com diferentes graus de exclusão social. Para iniciar a análise é interessante observar quantos dos seus distritos são considerados de elevada exclusão social (Índice de Exclusão Social menor do que 0,4). Dos 96 distritos, 30, quase um terço, está abaixo desse valor. São exatamente as áreas que compõem o extremo sul e leste da cidade. Conforme se caminha dessas regiões extremas para o centro-sul da cidade, os indicadores melhoram, até chegar ao miolo composto por Moema, Itaim Bibi, Alto de Pinheiros, Pinheiros e Jardim Paulista. (CAMPOS et. al, 2003, p.99)

A investigação desses extremos, com diferentes graus de exclusão social, levou tais autores à construção de um mapa da exclusão social na cidade de São Paulo (ANEXO A), no qual os bairros com alto Índice de Exclusão Social<sup>1</sup> foram indicados com a cor vermelha e aqueles com baixo Índice de Exclusão Social foram destacados com a cor verde. O problema mais grave encontrado pelos autores foi a pobreza, concentrada na região periférica da cidade, que contava com 58,3% dos domicílios pobres do município. A cidade de São Paulo, assim, tal como outras grandes regiões metropolitanas do país – Salvador, Belém, Belo Horizonte, Fortaleza, Recife, Curitiba, Rio de Janeiro e Porto Alegre –, é extremamente heterogênea. (CAMPOS et. al, 2003)

---

<sup>1</sup> Ver: nota de rodapé da página 16.

Em 2004, Campos et. al realizaram uma pesquisa com o objetivo de descobrir aonde estavam os ricos<sup>1</sup> no Brasil. 73,% das famílias ricas se encontravam no Sudeste, sendo que 58% delas no estado de São Paulo e 38% na capital paulista, a cidade com o maior número de famílias ricas do país (na época, 443.462). Analisando os territórios da cidade de São Paulo em função da concentração de renda em seu espaço urbano<sup>2</sup>, observaram que a renda média das famílias ricas paulistanas era mais do que o dobro do que a das famílias ricas do Brasil. Apenas 10 distritos de São Paulo concentravam mais da metade dessas famílias ricas, nesta ordem: Jardim Paulista, Moema, Itaim Bibi, Perdizes, Vila Mariana, Pinheiros, Morumbi, Santo Amaro, Consolação e Alto de Pinheiros.

Esses estudos sobre São Paulo, enfim, apresentaram a intensa segregação social entre incluídos e excluídos nessa região metropolitana, como em outras de nosso país. Apesar de ser possível argumentar que esses estudos são antigos – e, de fato, eles datam de 10 anos –, consideramos que são importantes ainda hoje por mostrar com clareza a geografia da exclusão na cidade de São Paulo.

### **2.3. Juventudes brasileiras e desigualdade social**

Segundo o Censo de 2010, havia, no Brasil, 16,9 milhões de jovens entre 15 e 19 anos e outros 17,2 milhões na faixa etária entre 20 e 24 anos. Percentualmente, os jovens entre 15 e 24 anos correspondiam a 17,9% da população brasileira. (IBGE, 2011)

Esse enorme contingente de jovens, embora compartilhe o contexto social, econômico e político mais amplo do Brasil neste início do século XXI, fragmenta-se em diversos grupos, constituídos em situações socioeconômicas diversas, o que faz com que vivenciem e signifiquem os fenômenos atuais de formas diversas. Assim, a experiência da juventude assume condições e significações diferentes para jovens que vivem formas desiguais de inserção social, em suas diferenças de rendimentos familiares, de regiões em que moram e de variáveis como cor/raça e gênero. Portanto, quando se fala em juventude no Brasil, faz-se necessário flexionar tal substantivo em número.

---

<sup>1</sup> Considerados, naquele momento, como as famílias com renda mensal acima de R\$10.982,00, em valores de setembro de 2003 (CAMPOS et. al, 2004). A renda familiar média dessas famílias era de R\$22.487,00, 14 vezes maior do que a renda familiar mensal média no país. Essas famílias concentravam um terço de toda a massa de renda familiar do país, declarada no Censo de 2000.

<sup>2</sup> Adotou-se como método calcular, a partir dos dados do Censo de 2000, a renda das famílias mais ricas dos estados (1% delas) e, em seguida, aplicar o valor do menor rendimento encontrado como uma linha de riqueza, considerando como ricas as famílias acima daquele valor. (CAMPOS et. al, 2004)

Apesar dessa pluralidade que se observa na juventude brasileira, o jovem, ao longo da história, tem sido tratado de forma homogeneizadora. Abramo (2005b) afirma que, ainda que historicamente a juventude, que inicialmente era vivência restrita aos filhos das classes altas e médias, tenha sido mais recentemente estendida a todos os grupos sociais, a realidade dos jovens mais ricos continua sendo até hoje o padrão ideal, hegemônico, que norteia as significações sociais de como tal momento da vida deve ser experienciado.

Pesquisas têm apontado que, no entanto, nem todos os grupos de jovens brasileiros podem vivenciar esse período de suas vidas da forma como é possível para a juventude que integra famílias de elite. Em função de desigualdades de renda, escolaridade, situação no mercado de trabalho, raça/etnia e gênero, observamos que grande parte da juventude brasileira enfrenta um cenário educacional e ocupacional muito diferente daquele do qual usufrui uma privilegiada população jovem rica, branca e urbana. Vejamos.

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) produz, anualmente, indicadores sobre emprego, trabalho e renda para a juventude. Em 2011, foram considerados nesse estudo os 46,3 milhões de jovens brasileiros entre 16 e 29 anos. Entre eles, 33,8 milhões fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA) – que diz respeito aos indivíduos que estariam aptos ao trabalho, estejam trabalhando ou procurando emprego. Desse total, 85,5% estão ocupados e 14,5% desocupados.

Segundo o Dieese (2011), a relação entre trabalho e estudos ocorre de forma diferente para grupos distintos de jovens: a maioria dos jovens brasileiros, 55,2%, apenas trabalha ou procura trabalho; 17,9% estudam e trabalham ou procuram trabalho; 13,5% apenas estudam. A pesquisa mostra que as ocupações que mais geram empregos para jovens não exigem níveis altos de escolarização, como as funções de assistente administrativo e de operador de comércio em lojas e mercados. Podem ser observadas diferenças de gênero: entre as mulheres, destaca-se a ocupação de operadora de telemarketing e, para os homens, a de alimentador de linha de produção.

Corrochano et. al (2008) analisaram as diferentes combinações entre escola e trabalho para diferentes grupos de jovens brasileiros. O trabalho aparece como uma questão central para a juventude no Brasil que, em sua maioria, encontra-se no mercado de trabalho, trabalhado ou em busca de emprego, assim como ocorre em outros países da América Latina. A maioria frequenta ou frequentou a escola, mas a maior parte desses jovens tem sua trajetória escolar desenhada de forma não-linear, sendo marcada por interrupções e retornos.

Essas desigualdades nas combinações entre trabalho e estudos podem ser mais bem compreendidas se consideramos a renda familiar *per capita* dos jovens de diferentes grupos.

Corrochano et. al (2008) verificaram que os jovens de menor renda ingressam mais cedo no mercado de trabalho, em condições geralmente precárias, e que também abandonam os estudos mais cedo quando comparados à juventude da camada mais rica, que se dedica exclusivamente ao estudo durante um período maior de anos. De forma convergente, em ambos os grupos a idade de 18 anos aparece como um marco de ingresso no mercado de trabalho.

Em relação ao mercado de trabalho, são muitas as desigualdades que se observam entre jovens de alta e baixa renda. Primeiramente, há diferenças de rendimentos: os jovens mais pobres recebem, em todas as idades, salários mais baixos do que aqueles de famílias mais ricas. Em segundo lugar, são distintas as posições ocupadas na cadeia produtiva: enquanto os jovens mais ricos se concentram nas posições de empregado e de empregador, em sua maioria com carteira assinada, entre os mais pobres é maior a proporção de empregados sem carteira, de trabalhadores domésticos e de empregados não-remunerados. (CORROCHANO et. al, 2008)

No que concerne à situação educacional, as desigualdades entre jovens de camadas socioeconômicas distintas podem ser apreendidas pela observação do número de anos de escolarização de cada grupo. Em uma divisão da população por quintos de renda familiar mensal *per capita*, Castro (2010) verificou que “aqueles se encontram no primeiro quinto têm em média cinco anos de estudos e os mais ricos que se encontram no último quinto possuem cerca de 10,4 anos, ou seja, estão 5,4 anos na frente dos mais pobres.” (p.95) Corrochano et. al (2008) observam que os jovens mais ricos concluem o ensino básico mais cedo e que, na faixa de 18 a 21, enquanto a maioria dos jovens de alta renda já concluiu o ensino médio e ingressou no superior, os sujeitos de menor renda se concentram no ensino médio.

Corbucci et. al (2009) percebem, ao analisar a situação do ensino médio, um expressivo problema de defasagem série-idade: em 2007, 82% dos jovens de 15 a 17 anos estavam na escola, mas apenas 48% no ensino médio, nível de ensino esperado para essa faixa etária. Castro (2010) afirma que, quando se olha para o quinto mais pobre da população, essa proporção cai para 29,6%, face a 78,5% quando se considera o quinto mais rico do povo brasileiro.

A educação superior, por sua vez, mostra ter índices de acesso menores ainda. Corbucci et. al (2009) ressaltam que, embora a frequência a esse nível de ensino tenha dobrado entre 1996 e 2007, atualmente ainda temos apenas 13% da população entre 18 e 24 anos frequentando universidades no Brasil, o que caracteriza uma das menores taxas da América Latina. Esse crescimento do ingresso no ensino superior – ligada ao incentivo de

expansão do sistema privado, ao aumento de vagas em universidades federais, à criação do Programa Universidade para Todos (Prouni) e à ampliação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) –, no entanto, mostra-se desigual quando se considera a renda dos sujeitos que integram essa pequena parcela que entra na universidade. Segundo Corbucci et. al (2009), “...a taxa de frequência oscila de 5,6% para os que têm rendimentos mensais *per capita* de meio a um salário mínimo (SM), até 55,6% para os jovens que se encontram na faixa de cinco SMs ou mais.” (p.102)

Abramo (2005b), em análise de uma pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira, debruça-se sobre a forma como os jovens vivenciam subjetivamente questões relacionadas a trabalho e estudos, destacando sentimentos e interesses relativos a elas. Educação e emprego aparecem empatados como os assuntos que mais interessam aos jovens. A questão do emprego e das profissões se destaca como um dos problemas que mais os preocupa, havendo uma maior incidência dessa preocupação entre os jovens de família com renda mais baixa.

Os jovens associam ao trabalho, nesta ordem, a necessidade, independência, crescimento e autorealização. A ideia do trabalho como necessidade diminui à proporção que se trata de jovens com renda familiar mais alta e aumenta à medida que se eleva a faixa etária que se considera. Entre os jovens até 19 anos, o estudo aparece como atividade principal, estando metade dessa população trabalhando ou aspirando a isso; por sua vez, entre os jovens de mais de 20 anos, o trabalho é realidade, concreta ou como aspiração, para 90%.

Abramo (2005b) ressalta que a relação entre trabalho e educação se mostra um ponto crítico para a juventude atual. O que diferencia os múltiplos grupos de jovens é o fato de que o grau e a qualidade com que estudo e trabalho são vividos variam de acordo com desigualdades de idade, gênero e de classe social. Em relação ao trabalho, a autora afirma que “a desigualdade social não parece estar tanto no fato de os jovens entrarem ou não no mundo do trabalho, mas no tipo de relação com o trabalho, nas condições e qualidade do trabalho encontrado”, uma vez que a pesquisa constata que as condições de trabalho se tornam mais precárias à proporção que diminuem os níveis de escolaridade e de renda familiar dos jovens. (p.53)

A autora conclui que o trabalho é parte das vivências juvenis. Esse não aparece como exógeno à juventude ou como experiência para apenas pequena parte dela, nem como projeto futuro para os jovens com mais de 20 anos: o trabalho, para esse grupo, é uma realidade presente, que não nega a condição juvenil, e sim a constitui. Para a autora, a moratória relativa à adolescência hoje não tem tanto sentido de suspensão e espera para realizações adultas no futuro, e sim de possibilidade de vivências e experimentações das esferas do mundo adulto de

maneira singular, com menos compromissos e encargos, vínculos menos definitivos, mais alegria e liberdade. Destacam-se, entre os jovens, sentimentos ambíguos em relação ao futuro, ligados a riscos e dúvidas, o que, segundo Abramo (2005b), deixa o jovem dividido entre investir no futuro, incerto, ou aproveitar o presente.

O que aparece como grande problema é o desemprego, preocupação que se mostra universal e altíssima em todos os grupos pesquisados. Abramo (2005b) conclui que o medo da falta de trabalho aparece como uma forte marca geracional. A demanda principal dos jovens se configura como a inserção, via trabalho remunerado, em uma estrutura socioeconômica em que não cabem todos.

---

### 3. A DIMENSÃO SUBJETIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL

#### 3.1. A dimensão subjetiva da realidade

---

O homem, para a Psicologia Sócio-Histórica, não é um mero reflexo da sociedade em que vive, e sim um ser ativo, que se constitui em sociedade e constitui a ela ao mesmo tempo. Nessa perspectiva, a objetividade – o mundo material – e a subjetividade – o mundo psíquico – estão em relação dialética. Essa perspectiva se constitui como exigência para compreender o homem de forma crítica e complexa.

A subjetividade, compreendida como um conjunto de experiências do sujeito que podem ser organizadas como sentimentos, discursos e identidades, é uma produção histórica. Experiências subjetivas só se tornam possíveis nas relações sociais e no espaço da intersubjetividade, configurando-se de modos diferentes em cada momento histórico, conforme se alteram as relações sociais e as formas de produção de vida. A subjetividade, desse modo, está sempre em processo, expressando as condições reais contraditórias em que o sujeito vive. (BOCK; GONÇALVES, 2005)

Subjetividade e objetividade, assim, constituem-se em um mesmo processo sem se confundirem, tendo a realidade um âmbito objetivo/das coisas e um âmbito subjetivo/do sujeito. Segundo Gonçalves e Bock (2009), “o âmbito do sujeito inclui processos e características específicas que só podem ser compreendidas na relação com a objetividade. E o âmbito objetivo incorpora a subjetividade, na medida em que o que resulta como objetivo é o objeto transformado pelo sujeito.” (p.141-142). Toda realidade tem, assim, uma dimensão subjetiva e todo sujeito tem uma dimensão social.

É por meio do trabalho que o homem assimila as características da matéria, que é subjetivada, transformada pela subjetividade humana. Além disso, ao dar uma nova forma à matéria, o homem imprime à matéria uma ideia, transforma-a segundo o projeto que guia o seu trabalho. Então, pela ação do homem sobre a natureza, o mundo material, objetivo, é transformado, agregando subjetividade. Ao mesmo tempo, pelo trabalho sobre a natureza, o homem transforma a si mesmo. Transforma sua própria natureza e desenvolve capacidades. A subjetividade humana passa, assim, a ser transformada pela sua relação com o mundo objetivo e, assim agrega essa objetividade. (PINO, 2002)

A noção de dimensão subjetiva da realidade busca dar visibilidade a essa presença de sujeitos na construção do real, não como uma consequência dele, mas como sua condição.

Permite-nos buscar nos fenômenos sociais a presença de um humano que é sujeito e que é constituído em um processo social e histórico. A dimensão subjetiva integrante do processo de construção do mundo objetivo diz respeito aos registros simbólicos e emocionais da experiência humana no mundo. Além de estarem no campo do sujeito, esses registros estão no campo coletivo, pois se objetivam como leis, regras, valores, significados, ideologias, teorias, ciências, discursos. (BOCK; GONÇALVES, 2005)

Compreendemos, assim, que um fenômeno social tem uma dimensão de imagens, afetos e ideias que lhe dão vida e corpo. A partir da noção de dimensão subjetiva dos fenômenos sociais, então, podemos entendê-los de forma mais complexa e mais completa em seu processo contraditório de constituição.

### **3.2. A dimensão subjetiva da desigualdade social**

---

Ao tratarmos, neste estudo, da questão da desigualdade social – a que buscamos dar visibilidade ao escolhermos pesquisar jovens de camadas socioeconômicas distintas –, estamos afirmando que esse fenômeno social é constituído por uma dimensão subjetiva. Gonçalves e Bock (2009) afirmam que, ao mesmo tempo em que a desigualdade social é constituída por uma base material, objetiva – com a divisão da sociedade em classes, a disparidade no acesso a recursos econômicos e a determinação de lugares diferentes a serem ocupados por grupos sociais diferentes na produção e distribuição de riquezas –, esse fenômeno também se constrói a partir da presença de sujeitos que se relacionam e que vão criando e caracterizando a realidade social desigual.

Há sujeitos que sentem/significam<sup>1</sup> e com suas formas de sentir/significar constituem a realidade social da desigualdade. Há sentidos subjetivos constituídos; há significados<sup>2</sup> partilhados e todos eles são também aspectos do fenômeno. Não se quer aqui pensar esses aspectos como mera consequência de situações sociais de desigualdade, pois eles não o são. São, ao contrário, aspectos que compõem o fenômeno da desigualdade, que só se apresenta como tal porque sujeitos participam de sua constituição, com seus sentimentos, ações, formas de pensar e de sentir. (GONÇALVES; BOCK, 2009, p.150-151)

Há, assim, sujeitos de diferentes camadas socioeconômicas de nossa sociedade, que sentem e que, em relação com outros sujeitos no mundo, constituem a realidade social da

---

<sup>1</sup> Escrevemos as palavras “sentir” e “significar” com uma barra como uma forma de buscar, na linguagem escrita, um recurso que mostre a concepção da Psicologia Sócio-Histórica de que os afetos, as ideias, os valores formam um todo integrado.

<sup>2</sup> Tais categorias serão apresentadas no capítulo do Método (ver: página 66).

desigualdade, ao mesmo tempo em que se constituem subjetivamente nessa sociedade desigual. Para essa pesquisa, escolhemos trabalhar com sujeitos jovens.

Entendemos que os sujeitos que se constituem em camadas socioeconômicas desiguais estão constituindo sua subjetividade na relação com totalidades que se configuram de formas diferentes. Ao mesmo tempo, consideramos que são sujeitos que moram em um mesmo país, em uma mesma cidade e que, atualmente, pelo processo de massificação de desejos, de valores, de ideias promovido pela sociedade capitalista e possibilitado pelos aparatos midiáticos, têm sua constituição subjetiva atravessada por modos de constituição muito similares.

### **3.3. Estudos sobre a dimensão subjetiva da desigualdade social**

Alguns autores de campos diversos, como a Psicologia Social, a Economia e as Ciências Sociais, vêm construindo reflexões sobre a importância de se estudar a dimensão subjetiva da desigualdade social. Ainda que não se refiram diretamente a esse conceito, que se configurou em pesquisas mais recentes de Psicologia Sócio-Histórica, e que enfoquem aspectos diferentes do fenômeno, usando vocabulários específicos de seus campos para analisá-los, todos esses pesquisadores se assemelham ao trazer a ideia de que a desigualdade social não é composta apenas por dados estatisticamente verificáveis relativos à distribuição de renda em nossa sociedade, mas que também é constituída por – e ao mesmo tempo constitui – diferentes formas de ser e de estar no mundo, por sujeitos que sentem e significam a realidade de maneira desigual.

Souza (2009), ao discutir as abissais desigualdades que há em nosso país, percebe que é a legitimação desse quadro pela população brasileira que permite sua reprodução cotidiana e contínua. Os mecanismos que explicam que os brasileiros percebem como natural uma realidade social tão desigual são analisados criticamente pelo autor. Para ele, as ideias de que já conhecemos todos os problemas sociais de nosso país e de que a desigualdade é um problema antigo e de que, por isso, não pode ser resolvido facilmente, formam o núcleo central de um mecanismo de violência simbólica – um tipo de violência que não aparece – que permite que tal situação permaneça inalterada. Na verdade, afirma Souza (2009), a imutabilidade desse quadro se deve ao fato de que “...jamais foi realizado aqui um esforço social e político dirigido e refletido de efetiva equalização de condições sociais das classes inferiores.” (p.337).

---

O autor se detém na análise desses meios modernos, especificamente simbólicos, pelos quais se manifesta, hoje, a dominação de uma classe social sobre a outra. Seu raciocínio se funda em um afastamento da conceituação de classes sociais a partir da riqueza:

---

Não é a renda que define o pertencimento a uma classe como pensa o senso comum e as concepções ‘científicas’ baseadas nos preconceitos do senso comum. Ao contrário, a renda é mero efeito de fatores não-econômicos – ainda que condicionados por uma condição sócio-econômica particular – aprendidos em tenra idade. O que é sempre escondido e nunca percebido nesta questão é o fato de que as classes sociais se produzem e reproduzem, antes de tudo, “afetivamente” por herança familiar. (SOUZA, 2009, p.339-340)

Desse modo, o que diferencia as pessoas não é tanto o dinheiro que possuem quanto o seu estilo de vida e a forma como se comportam em situações sociais: é uma herança imaterial.

No entanto, o que prevalece em nossa sociedade é um raciocínio liberal meritocrático de que, na atualidade, superamos todas as barreiras de sangue e de nascimento, características das sociedades pré-modernas, e de que hoje o único fator importante para explicar a colocação social dos indivíduos é a diferença nos seus desempenhos. A aplicação desse raciocínio indistintamente a indivíduos de classes sociais diferentes promove, então, um “esquecimento” do social: um ocultamento de que as pessoas nascem dentro de um contexto social e familiar muito concreto, que as constitui como diferencialmente aparelhadas para a competição social desde seu nascimento. (SOUZA, 2009)

As classes pobres de nossa sociedade, então, constituem uma massa de indivíduos que são produzidos enquanto uma “ralé” – termo usado por Souza não para desqualificar esses sujeitos, e sim para dar visibilidade ao que ele considera o nosso maior conflito político – “...não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, *esse é o aspecto fundamental*, das pré-condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação.” (p.21)

Gonçalves Filho (1998), para falar do sofrimento da “ralé” de Souza diante da desigualdade social, cunhou a noção de humilhação social. É, segundo ele, um fenômeno com determinações psicossociais, que tem impacto traumático para quem o sofre, pois o indivíduo humilhado é assujeitado e colocado em uma posição de não ser reconhecido intersubjetivamente. A humilhação social é, sobretudo, política. Tem raízes econômicas e históricas – a humilhação cronicamente sofrida pelos pobres, como efeito de desigualdades

políticas – e também inconscientes – “...é também de dentro que, no humilhado, a humilhação vem atacar.” (p.13)

A humilhação é uma modalidade de angústia que se dispara a partir do enigma da desigualdade de classes. Angústia que os pobres conhecem bem e que, entre eles, inscreve-se no núcleo de sua submissão. Os pobres sofrem frequentemente o impacto dos maus tratos. Psicologicamente, sofrem continuamente o impacto de uma mensagem estranha, misteriosa: “você são inferiores”. E, o que é profundamente grave: a mensagem passa a ser esperada, mesmo nas circunstâncias em que, para nós outros, observadores externos, não pareceria razoável esperá-la. Para os pobres, a humilhação ou é uma realidade em ato ou é frequentemente sentida como uma realidade iminente, sempre a espreitar-lhes, onde quer que estejam, com quem quer que estejam. O sentimento de não possuírem direitos, de parecerem desprezíveis e repugnantes, torna-se-lhes compulsivo: movem-se e falam, quando falam, como seres que ninguém vê. (GONÇALVES FILHO, 1998, p.34)

---

Nem Gonçalves Filho nem Souza (2009) estão, no entanto, falando – nas palavras desse último – de “...uma elite má se reunindo na calada da noite para tramar maldades contra o povo.” (p.326). Gonçalves Filho (1998) destaca que as situações de humilhação social, de desigualdade política, não são confusas apenas para os sujeitos humilhados, como também para os que humilham. Souza (2009), em sentido convergente, percebe que as classes ricas também sofrem o efeito desse padrão impessoal de dominação. Indagados sobre o porquê de seus comportamentos, os ricos não saberiam dizer em que se funda e nem onde começou a sua imaginária superioridade.

Gonçalves Filho (1998) reflete que a humilhação que os mais ricos praticam com os mais pobres é a transferência de um passado de rebaixamento, pelas elites, das camadas empobrecidas, dos indivíduos que realizam trabalhos assalariados e pouco qualificados. No atual contexto de difusão de ideais meritocráticos, os ricos buscam, segundo esse autor, consolar-se com a ideia de que a sua fortuna vem do trabalho. No entanto, não colocam nunca em questão o fato de que, para enriquecer, depende-se do trabalho alheio: “A fortuna dos que enriquecem ou dos que nascem ricos encontra sempre a classe dos que a sustentam.”, lembra o autor (p.27).

Nesse sentido, Souza (2009) reflete que a não incorporação da “ralé” no extrato competitivo do mercado de trabalho – reservado às classes médias e altas, que receberam a herança imaterial do capital cultural e econômico – coloca-a na condição de ter que se submeter a uma lógica social excludente que explora o (seu) trabalho não qualificado. As mulheres da “ralé” são as empregadas domésticas, as faxineiras, lavadeiras ou prostitutas, que permitem, a baixo preço, toda uma posição privilegiada às classes média e alta brasileiras, que ficam privadas do fastidioso e cansativo trabalho doméstico. Os homens da “ralé”, que

servem ao mesmo fim, são aqueles que estão envolvidos em atividades que exigem um trabalho muscular não qualificado: ambulante, lavador de carro, vigia, transportador de carga pesada.

Gonçalves Filho (1998) reflete que as elites podem até se deixar importar com a pobreza de parentes e pessoas pobres mais próximas, mas que acabam se limitando à preocupação com esses e com mais ninguém. Podem, ainda, para apaziguar suas culpas, encontrar consolo na “filantropia esporádica e ostensiva” (GONÇALVES FILHO, 1998, p.27). Os ricos se cristalizam, assim, em suas relações com os pobres, na posição daqueles que dão, que oferecem, por meio da “caridade”, e os pobres na posição daqueles que recebem, que necessitam ser ajudados.

Souza (2009) afirma que as classes ricas não têm sequer consciência de seu papel na produção, na sociedade brasileira, “de uma ‘ralé’ de desclassificados”. A sua percepção da desigualdade social cotidiana acha sempre um outro culpado: o Estado corrupto e/ou uma elite maldosa abstrata, que ninguém define. A violência simbólica se perpetua porque, adotando essa lógica, as elites podem viver em paz, sem se mobilizar para alterar o quadro.

Em sentido convergente, Reis (2000), Campos et. al (2004) e Medeiros (2005), estudando a camada rica da população, refletem como as elites brasileiras resistem ao enfrentamento das desigualdades. Esses autores explicam que, em nosso país, as elites econômicas são também elites políticas e sociais. Seu poder, assim, ultrapassa a possibilidade de gerenciar apenas suas próprias riquezas, de acordo com seus interesses particulares e de grupo, estendendo-se ao gerenciamento da riqueza de terceiros, inclusive dos fundos públicos.

O segmento rico da população, então, em suas interações sociais, influi direta e indiretamente nos mecanismos de produção e reprodução da riqueza e da pobreza e termina por orientar a condução de políticas econômicas e sociais que resistem a uma redução das desigualdades. Isso porque, como mostra Medeiros (2005), seriam necessárias, para se alterar concretamente a estrutura de distribuição de riquezas em nossa sociedade, políticas redistributivas, com a transferência de uma pequena parte dos rendimentos dos mais ricos para os setores mais pobres da população – o que não parece ser de interesse de nenhum rico.

Campos et. al (2004) refletem, na mesma linha de Souza, que, embora detenham o poder econômico, o político e o social, nossas elites não se responsabilizam por mudar o quadro de desigualdades sociais, atribuindo a terceiros a causa da estagnação dessa situação – a “governos historicamente inconsequentes” ou a “políticas sociais antiquadas e incapazes de romper com o círculo da pobreza (políticas paternalistas, assistencialistas e clientelistas)” Outra forma comum de a camada rica explicar as desigualdades sociais é vinculá-las à

criminalidade, o que tem apresentado como resposta o incremento do aparato de segurança e o aumento da repressão sobre as classes pobres “perigosas”. Assim como Souza (2009), esses autores refletem que as desigualdades sociais permanecem, para nossas elites, atribuídas a uma organização natural da sociedade e a fenômenos individuais dos sujeitos pobres, que não se esforçam o suficiente – ideologia do esforço pessoal. Permanecem, assim, ocultadas em sua produção histórica.

---

...a exclusão social tem sido concebida fundamentalmente como uma conseqüência do fracasso na trajetória individual dos próprios excluídos, incapazes de elevar a escolaridade, de obter uma ocupação de destaque e de maior remuneração, de constituir uma família exemplar, de encontrar uma carreira individual de sucesso, entre outros apanágios da alienação da riqueza. (CAMPOS et. al, 2004, p.10)

---

Scalon e Cano (2005), em uma pesquisa sobre o que os brasileiros pensavam sobre desigualdade de renda e como lidavam com essa realidade, trouxeram alguns dados que confirmaram, em bases empíricas, algumas das reflexões desses autores.

Para os autores, os brasileiros de todos os grupos sociais viram o país como ele é: uma sociedade muito desigual. No entanto, aceitavam com conformismo esse quadro, colocando no Estado – o outro mencionado por Souza (2009) e Campos et. al (2004) – a principal responsabilidade de corrigir o problema. Poucos acreditam estar nas suas mãos fazer alguma coisa para mudar esse quadro: “Os brasileiros parecem acreditar que a ação coletiva tem importante papel na diminuição das desigualdades, mas não se vêem, individualmente, como atores relevantes nesse processo.” (SCALON; CANO, 2005, p.127). Percebeu-se um hiato entre o discurso que percebe os altos níveis de desigualdade e entre a ausência de um movimento na direção de superar essa situação.

Os brasileiros, ainda, revelaram grande tolerância a altos níveis de desigualdade entre os salários ganhos por indivíduos de diferentes ocupações, esperando maiores salários para ocupações mais ligadas a diplomas e credenciais, como médico, advogado e juiz. Para Scalon e Cano, isso indica que, em nosso país, a educação parece ser o principal fator na diferenciação da renda de um indivíduo – o que poderia ser herança da sociedade colonial, em que a elite era composta por bacharéis.

Os autores pensaram as variáveis que influenciavam em uma maior tolerância à desigualdade social. Refletiram que o fato de um sujeito ser rico poderia levar a uma maior complacência com esse quadro, a fim de se justificar a própria condição. Também as pessoas que tiveram no passado uma mobilidade social ascendente ou que tinham essa perspectiva para o futuro também tenderiam a aceitar melhor as desigualdades.

---

Scalon e Cano (2005) buscam, ainda, explicar por que sujeitos de diferentes grupos sociais se assemelhavam em sua aceitação das desigualdades, apesar das enormes diferenças em suas vidas. Encontram uma explicação na relativa homogeneidade de difusão, na sociedade brasileira, de valores meritocráticos, que naturalizam a desigualdade e a percebem como decorrentes do trabalho e do esforço de cada um. Essa percepção da gênese individual das desigualdades, afirmam os autores, favorece sua aceitação, uma vez que passam a ser compreendidas como justas:

---

Essa naturalização pode ser o que facilita conviver com extremos graus de desigualdade e o que impede o enfrentamento real da exclusão social existente. Isso também pode influenciar a tendência dos brasileiros de sentirem que não depende deles, mas do Estado, mudar esse cenário. (...) Parece perverso, e é: sociedades desiguais tendem a ser mais tolerantes a respeito da desigualdade, o que, por sua vez, perpetua a desigualdade. (SCALON; CANO, 2005, p.131)

---

Apesar dessa crença em valores meritocráticos, a maior parte dos brasileiros sentia que competência e inteligência são premiados; apenas uma minoria sentia que o esforço pessoal é recompensado. Da mesma forma, apenas uma minoria sentia que, para prosperar na vida, é importante vir de uma família rica. Já as conexões pessoais foram valorizadas por mais da metade dos entrevistados.

Também Reis (2000) realizou uma pesquisa focada nas percepções da elite sobre pobreza e desigualdade. Em suas análises, ela procurou destacar valores, atitudes e visões de mundo cuja estabilidade no tempo considerou maior, excetuando informações relativas à conjuntura em que foi realizada a pesquisa.

Houve muitas respostas que consideraram o baixo nível educacional da população, a pobreza e a desigualdade como ameaças à ordem democrática e como os principais problemas nacionais. A educação foi apontada como o caminho mais adequado para dotar os desprivilegiados de recursos, sendo os investimentos nesse campo percebidos como o meio a ser explorado pelo poder público para dotar os mais pobres de condições para competir por um lugar melhor na sociedade.

Reis analisa o fato de as elites defenderem a educação como panaceia para os problemas sociais como uma tentativa da camada alta de encontrar uma solução para as desigualdades que não a afete, uma vez que investir em educação não implicaria uma ativa redistribuição da riqueza produzida na sociedade e, assim, não teria custos diretos para a camada alta.

---

Também na pesquisa de Reis (2000) o Estado foi apontado como o grande culpado pela ausência de progressos na política social do país e pela falha em criar igualdade de oportunidades em nossa sociedade. A autora observa que as elites tendem a uma concepção voluntarista da realidade, percebendo que essa pode ser mudada pela ação dos indivíduos. No entanto, não se sentem responsáveis coletivamente pelo problema da pobreza e da desigualdade, transferindo a responsabilidade a outras entidades. Essa posição foi encontrada pela pesquisadora mesmo entre as elites políticas e as burocráticas.

Reis percebeu, portanto, que nossas elites não parecem reconhecer uma efetiva interdependência social entre a sua riqueza e a pobreza de grandes massas populacionais, opondo-se a políticas distributivistas. A preocupação das elites com as desigualdades sociais configura-se, na análise da autora, como um medo da camada alta de ter sua ordem e de sua segurança pessoal ameaçadas, e não como um interesse de fato.

Kulnig (2010) também pesquisou a camada alta, escolhendo como sujeitos 404 jovens ricos que cursavam o ensino médio em escolas privadas do Espírito Santo. A autora investigou as construções de significação e de sentido que esses jovens faziam sobre desigualdade social e sobre a sua relação com educação.

A pesquisadora percebeu que, para esse grupo de jovens, a desigualdade social no país era caracterizada essencialmente pela desigualdade de renda, que eles podiam perceber nas condições de vida desiguais da população – especialmente nas condições de moradia, o que fica mais visível em grandes centros urbanos. Poucos jovens compreendiam a desigualdade social em suas dimensões histórica e estrutural.

Corroborando os dados trazidos pelas pesquisas de Scalón e Cano (2005) e Reis (2000), Kulnig percebeu que os jovens de elite atribuíam as causas da desigualdade a uma falta de ação do governo e ao egoísmo das pessoas. Alguns jovens chegaram a perceber que há uma diferença para além da renda familiar entre eles e os jovens mais pobres, mas não perceberam que a desigualdade na situação socioeconômica familiar produz formas de ser e de estar no mundo diferentes.

Kulnig observou que, se por um lado esses jovens traziam ideias de uma sociedade mais igualitária e de diminuição da pobreza, por outro a igualdade desejada por eles se restringia a uma igualdade de oportunidades, que coloca todos em condições de competir igualmente no mercado de trabalho. Escolarização, qualificação profissional e inteligência são mecanismos de ascensão social, para esses jovens, e a escola seria a instituição ideal para atingi-los. A educação seria elemento transformador no plano individual, e não compreendida

em seu potencial transformador da sociedade. Esses dados também corroboram os de Scalon e Cano (2005).

Para esses jovens, apenas pertencer a uma família rica não assegura o sucesso. A rede de relações foi vista como mais importante do que as origens familiares. No entanto, para eles, nem a riqueza familiar nem os contatos garantem o sucesso: os elementos mais importantes para se atingir a meta desejada foram a inteligência, a qualificação profissional e uma escolarização de qualidade – que só seria proporcionada por instituições privadas de alto nível. Esses jovens, assim, mostraram sua crença no mérito pessoal para ascender socialmente, sem identificar esse mérito com o esforço.

Kulnig (2010) destacou ainda, nas falas desses jovens ricos, a valorização do trabalho intelectual e depreciação do trabalho manual. Eles acreditam que o nível superior de ensino é critério importante para definir remuneração mais alta, assim como os sujeitos brasileiros da pesquisa de Scalon e Cano (2005).

Esses jovens da elite trouxeram claramente a ideia de que há dois mundos, duas realidades bem distintas na sociedade brasileira. A dimensão mais visível dessa desigualdade, para os jovens ricos, seria a violência, que lhes provocaria sentimentos de medo e de insegurança. Ainda, “...outros sentimentos experimentados pelos jovens em seu cotidiano como consequência da desigualdade social são a culpa, a compaixão, a indignação, a impotência, o preconceito, a indiferença e a desconfiança” (KULNIG, 2010, p.157)

Destacamos, a seguir, pesquisas que trazem importantes contribuições para entendermos os sujeitos que estão nesse “outro mundo”, nessa realidade bem distinta daquela de nossa elite. Encontramos poucos, mas aprofundados estudos que dão visibilidade a como sujeitos pobres significam a desigualdade social.

A. Oliveira (2009), ao estudar o sentido da escolha da profissão para jovens pobres, pôde refletir sobre como os dois jovens pesquisados percebem a desigualdade social no Brasil. Uma jovem pobre de 22 anos percebia a desigualdade social e as injustiças decorrentes dela como grandes, sentindo na pele essas disparidades. Nossa sociedade foi adjetivada negativamente por ela como “podre”, pelo fato de as riquezas estarem concentradas nas mãos de poucos, que são beneficiados, e de haver muita pobreza em geral, sendo a população pobre pouco protegida. A autora refletiu que há, na forma como essa jovem percebe as desigualdades sociais, uma naturalização da estrutura social e das injustiças que existem em nossa sociedade – a desigualdade é tomada como algo dado e o esforço pessoal seria a única alternativa ao alcance dos indivíduos para contorná-la.

---

O outro jovem entrevistado por A. Oliveira (2009), por sua vez, caracterizou a desigualdade como o pior problema social e mostrou percebê-la na forma como estão organizadas as pessoas em bairros diferentes da cidade de São Paulo, de acordo com suas classes sociais. Para esse sujeito, as riquezas são merecidas pelo esforço individual – se não do sujeito, de algum antepassado dele que se esforçou para ficar rico. Ao mesmo tempo, esse jovem percebia, a partir de sua experiência de jovem pobre, que apenas com o esforço pessoal é difícil vencer e que a sua família é a única instância à qual pode recorrer para ajudá-lo em seus planos. A responsabilidade de solucionar as desigualdades caberia ao Estado.

Euzébios Filho (2007) buscou compreender o que quatro sujeitos, dois de classe média e dois de classe pobre, pensavam sobre a vida que viviam, sobre a realidade em que estavam inseridos e sobre a desigualdade social, com suas causas e consequências. Os participantes da pesquisa atentaram para diferenças entre indivíduos de classes sociais distintas, evidenciadas pela situação econômica de cada família, pelo nível educacional, pelo acesso a serviços básicos como educação, pelas condições de moradia, pelas necessidades sociais e pelas expectativas em relação a suas vidas futuras.

O principal argumento que os sujeitos pesquisados encontraram para justificar as causas e a manutenção do quadro de desigualdade social no país se baseou em uma concepção estereotipada do pobre como aquele que está, por questões subjetivas, impossibilitado de melhorar suas condições de vida. Tal percepção foi sustentada tanto pelos participantes que se consideravam pobres quanto por aqueles que se viam como pertencentes à classe média. Configurou-se, nas palavras do autor, uma “ideologia de culpabilização do pobre”.

---

...a condição de pobreza é justificada pela falta de uma força mobilizadora interna, pela herança cultural que é passada de geração para geração, no âmbito familiar, pelo imediatismo de pensar somente o aqui e agora e pela displicência e descompromisso com a tarefa de mudar de vida. (EUZÉBIOS FILHO, 2007, p.137)

A desigualdade social, para os participantes desta pesquisa, pareceu ser impossível de ser superada, uma vez que confirmaria a existência de uma natureza humana naturalmente egoística, individualista e mesquinha. Euzébios Filho (2007) destacou ainda que os entrevistados pobres relataram experiências constrangedoras de humilhação por serem pobres, nas relações que estabelecem na sociedade.

Euzébios Filho e Guzzo (2009) aprofundaram, em um artigo, as entrevistas que fizeram com um dos sujeitos que participaram da pesquisa anterior: um jovem negro e pobre de 22 anos. Os autores exploraram como ele retratava as suas condições de vida e como percebia as razões que explicam a desigualdade social.

---

Para tal rapaz, a discriminação racial se apresentou como componente da desigualdade social, assim como o contraste entre ricos e pobres, perceptível nas diferentes condições de renda e de moradia para sujeitos de camadas desiguais. A desigualdade também se manifestava, para esse jovem, no fato de os ricos se acharem melhores do que os pobres. Ele percebia que a diferenciação entre indivíduos de camadas sociais distintas não se dá apenas pela renda, mas pela forma como essas classes se relacionam.

Esse rapaz relatou algumas experiências de humilhação que viveu por ser ex-presidiário e também contou situações parecidas pelas quais passaram pessoas próximas. Esses fatos se sucederam principalmente no mundo do trabalho, nas relações entre patrão e empregado, mas também em outras relações sociais. Embora Euzébios Filho e Guzzo (2009) não citem Gonçalves Filho (1998), tais experiências poderiam ser caracterizadas como de humilhação social.

Por fim, as causas da desigualdade social foram atribuídas, por tal jovem, ao governo, especialmente ao fato de esse não fornecer escola pública de qualidade. A escola foi compreendida como instrumento que deveria combater a desigualdade social. Nesse ponto, o sujeito pesquisado Euzébios Filho e Guzzo se assemelhou aos grupos da camada rica pesquisado por Reis (2000), Kulnig (2010) e ao grupo de brasileiros investigado por Scalon e Cano (2005).

Ao mesmo tempo, esse jovem atribuiu as causas da pobreza aos próprios pobres, em uma leitura individualista dessa condição social: "...justifica a pobreza não mais pela relação e pela dominação ideológica que faz o pobre sentir-se inferior ao rico. Para ele, a pobreza é 'problema da própria pessoa'". (EUZÉBIOS FILHO; GUZZO, 2009, p.42) Cada um tem que acreditar que pode melhorar as suas condições e se esforçar para chegar a ser o que esse jovem chama de um "cidadão ideal": aquele que corre atrás do que quer e estuda para conseguir os seus ideais.

A pesquisa corrobora o que afirma Souza (2009) sobre o significado que assume socialmente o fracasso dos sujeitos pobres: "A lógica que passa a imperar, a respeito do fracasso das classes pobres, é a seguinte: Se todas as classes sociais possuem os mesmos recursos sociais, então a marginalidade e a pobreza só podem ser culpa da própria preguiça, burrice e 'arcaísmo' dos marginalizados." (p.340)

Percebemos, portanto, que a dimensão subjetiva da desigualdade social é de extrema complexidade, sendo composta por sentidos subjetivos e por significados<sup>1</sup> constituídos pelo

---

<sup>1</sup> Ver: página 66.

sujeito que são múltiplos, que são contraditórios, que se movem. Não obstante, encontramos, nos diferentes estudos que revisamos e que abarcam um período de 12 anos, alguns elementos de significação que pareceram se manter ao longo desse tempo – muito embora em cada pesquisa, na fala de cada sujeito, tenham assumido contornos diferentes.

O primeiro elemento de significação que chama atenção é a legitimação das desigualdades sociais a partir de uma lógica meritocrática, fundada em um discurso liberal que explica sucessos e fracassos a partir de esforços individuais. O segundo elemento que se destaca é a ideia da escola como instituição salvadora, como a solução para as desigualdades sociais, correlativa de uma naturalização da má qualidade da instituição escolar pública. O terceiro é a desresponsabilização dos indivíduos – especialmente das elites – pelo quadro de desigualdades em nossa sociedade, correlativo de uma responsabilização do Estado por sua negligência em resolver o problema e também de uma explicação das desigualdades por uma natureza humana com traços negativos, egoístas. O quarto, por fim, é a reflexão de que a dominação que as elites exercem sobre as pobres não é deliberada e de que as camadas ricas, assim como as pobres, não percebem esse mecanismo e também não o compreendem.

Vejamos, a seguir, se/como esses elementos de significação apareceram nas pesquisas sobre projetos de futuro de jovens brasileiros e, mais adiante, se/como se manifestaram na nossa investigação.

---

## **4. JUVENTUDES BRASILEIRAS E SEUS PROJETOS DE FUTURO: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

---

Voltemos nossa atenção para os projetos de futuro de jovens brasileiros, apresentados por algumas pesquisas sobre o tema. Observamos que são poucos os estudos sobre a questão e que esses são variados quanto aos grupos de sujeitos escolhidos, quanto aos referenciais teóricos-metodológicos adotados, quanto aos instrumentos e aos procedimentos de análise eleitos. Há ainda menos pesquisas sobre projetos de futuro de jovens que considerem a classe socioeconômica como variável relevante e que relacionem os planos de vida de sujeitos de diferentes camadas sociais; algumas, embora destaquem essa dimensão ao descrever os sujeitos, não a consideram em suas análises.

Começemos nossa revisão com as pesquisas que trabalharam com dois grupos de sujeitos, caracterizando-os como pertencentes a camadas sociais desiguais.

Já em 1986, Pilon investigava o projeto de vida de jovens da cidade de São Paulo (SP) que estudavam em escolas localizadas em bairros distintos quanto aos índices de renda e de escolaridade média das famílias residentes. O pesquisador aplicou um questionário a 689 alunos, dividindo a amostra entre estudantes de escolas localizadas em bairros de altos e de baixos índices, concluindo que são valorizados pelos jovens o estudo, o trabalho, a vida familiar e de grupo, as relações com o sexo oposto e as atividades de lazer. No entanto, Pilon não analisou como os jovens das diferentes escolas consideradas na pesquisa poderiam se diferenciar ou se aproximar quanto aos seus projetos.

Na PUC-SP, foram produzidas publicações relevantes sobre essa questão, a partir de uma abrangente pesquisa sobre os projetos de futuro de jovens de escolas públicas e particulares de São Paulo. A primeira foi a dissertação de Liebesny (1998), que pesquisou o significado do trabalho para 103 jovens de escolas públicas e 119 de particulares, todos da 8ª série do Ensino Fundamental, por meio de duas redações em que eles manifestaram seus projetos de futuro para 5 anos depois – quando estariam perto do término do Ensino Médio – e para 10 anos após. Para ambos os grupos, o trabalho assumiu um lugar central em seus projetos, como um meio para o bem estar, a realização individual, a constituição de uma família e a aquisição de bens. Os padrões de futuro, nos dois grupos, assemelharam-se por reproduzirem modelos de nossa sociedade liberal e individualista, na qual o trabalho é colocado como forma de sobrevivência individual, sem que haja reflexão sobre a possibilidade de transformação das relações sociais por meio dele.

Liebesny (1998) apreendeu, em sua pesquisa, uma contradição interessante nos projetos de futuro desses jovens. Quando se projetavam para 5 anos no futuro, os dois grupos se distanciavam: o trabalho aparecia cedo para os jovens da escola pública, como meio de sobrevivência, ao passo que, entre o grupo da escola particular, os estudos assumiam lugar central em sua constituição identitária, estando o trabalho colocado como algo que vem com o tempo. No entanto, quando pensaram sobre como estariam 10 anos depois, os dois grupos se assemelharam na expectativa de uma vida idealizada: o futuro seria um tempo em que se está feliz e realizado, em que se tem responsabilidades normais da vida adulta e em que foram alcançados desejos relativos a família, trabalho e consumo.

Em 2003, Bock e Liebesny publicaram uma síntese dos resultados de uma pesquisa sobre os projetos de futuro de cerca de 400 jovens de escolas públicas e particulares da cidade de São Paulo, cursando desde a 8ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. O instrumento utilizado foi uma redação sobre os projetos de futuro dos jovens. Trabalho, estudo e família se destacaram como elementos centrais nesses projetos. O trabalho ocupou lugar central nas expectativas dos jovens para o futuro, associado à satisfação pessoal. No entanto, se, por um lado, na escola pública o trabalho apareceu como necessidade que implica o adiamento dos estudos, por outro lado, na escola particular, esse foi colocado como a consequência lógica de uma boa formação. O estudo, nos dois grupos, foi destacado como meio de acesso ao trabalho e à profissão. Por fim, a família também estava presente nos projetos de futuro desses jovens, sendo relacionada a responsabilidade, apoio e felicidade.

Ambas as pesquisas apontam para projetos de futuro centrados no significado de adulto estipulado como desejável em nossa sociedade: um modelo naturalizado de adulto, pautado em ideais burgueses de família nuclear composta de casal e filhos, emprego estável e rentável, alcançado por meio de estudos e esforços pessoais, possibilitando acesso ao consumo (LIEBESNY, 2008). Liebesny (1998) e Bock e Liebesny (2003) destacam a presença da ideologia liberal nesses projetos, que tomam o esforço pessoal como explicação de sucessos e fracassos, assim como da ideologia individualista, em que os sujeitos não se percebem como pertencentes à coletividade e não visam transformá-la.

Também em 2003, Oliveira, Pinto e Souza investigaram as perspectivas de futuro de 48 adolescentes entre 16 e 21 anos que estudavam no 3º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas do Distrito Federal – em Brasília e em uma cidade-satélite –, por meio de um questionário na forma de escala Likert, contendo uma questão aberta. Tal recorte visou estudar perspectivas de futuro mediadas por contextos socioculturais e econômicos distintos. A maioria dos participantes se mostrou otimista em relação ao futuro e a suas possibilidades

de alcançar metas, mas, ao se confrontarem com as exigências da realidade, os jovens demonstraram sentimentos como indecisão, segurança e medo. Os alunos da rede privada tiveram menos respostas positivas em relação a seu futuro, dizendo se sentir pressionados na direção de tomar decisões acertadas. Os alunos da rede pública expressaram sentimentos ambíguos em relação ao futuro.

A formação profissional apareceu como questão em destaque nas preocupações dos jovens. Os sujeitos que estudavam em escolas públicas de uma cidade satélite de Brasília foram os que se mostraram mais preocupados com a formação profissional, colocada como meio de acesso a uma atividade remunerada – que pode ou não estar em acordo com o que desejam –, e que viram a entrada na universidade de forma mais negativa, pois, embora valorizada, essa possibilidade é colocada por eles como inacessível. Entre o grupo de jovens mais ricos, estudantes de escola particular de Brasília, o ensino superior aparece como extensão natural do médio e suas preocupações se focam no exame do vestibular. O trabalho, para eles, não aparece como uma questão de urgência, mas como algo por meio do qual se busca realização pessoal e financeira. Oliveira, Pinto e Souza (2003) observaram, ainda, que a maior parte dos jovens se manifestou de forma positiva em relação a seus relacionamentos afetivos futuros, desejando e valorizando a constituição de uma família e a preservação de amizades. Além disso, as autoras perceberam o jovem atual, ao qual solicitaram que refletisse sobre o futuro da sociedade brasileira, como pouco crítico e pouco comprometido com a transformação social.

Valore e Viaro (2007) buscaram investigar, por meio de um questionário, os projetos de vida futura e a escolha profissional de 114 estudantes entre 15 e 18 anos, sendo 71 provenientes de escolas públicas e 43 de instituições privadas. Apesar de os sujeitos selecionados terem diferenças quanto ao tipo de escola frequentada, as autoras afirmam que essas desigualdades não configuraram preocupação na pesquisa e, tratando de início como iguais sujeitos constituídos em condições diferentes, terminam por encontrar, nas análises quantitativas dos dados, uma ausência de diferenças significativas nas respostas dos sujeitos.

Nessa pesquisa, a profissão se destacou como o principal elemento no projeto de vida dos jovens, estando associada fortemente aos desejos de estabilidade e de independência financeira. Em segundo lugar, ressaltou-se a constituição de família, associada à estabilidade financeira, seguindo-se o estudo e preparo pessoal e, depois, a realização e felicidade pessoal. Valore e Viaro consideram que, se alguns jovens constroem projetos de vida individuais, imediatistas e de curto-prazo, outros rompem com tais projetos, construindo planos que as autoras consideram ir em sentido oposto ao individualismo: o desejo de estar de acordo, no

plano familiar, profissional e pessoal, com valores tradicionais da sociedade; a ideia de uma realização profissional para além da profissão; a possibilidade de contribuição do jovem à sociedade, o que denotaria a existência de valores como altruísmo e solidariedade. As autoras destacam que os jovens que desejam modificar a sociedade por meio de uma atuação junto a populações pobres são, majoritariamente, provenientes de escola pública. Valore e Viaro (2007) levantam a hipótese se as escolas particulares estariam contribuindo para a produção de subjetividades mais individualistas; no entanto, consideramos que essa questão não pôde ser aprofundada devido à escolha das pesquisadoras de não considerar como variável relevante para as análises o tipo de escola em que os jovens estudam.

Buscando investigar se os ambientes em que os sujeitos vivem influenciam a construção de seus projetos de vida, Furlani e Bonfim (2010) estudaram dois grupos de jovens, entre 13 e 19 anos, do estado do Ceará: um grupo que vive em um ambiente rural litorâneo e outro que vive no meio urbano, em Fortaleza. Em seu percurso metodológico para apreender a realidade investigada, os autores buscaram construir mapas afetivos, a partir de vários instrumentos, visando relacionar a afetividade com o local de moradia com os projetos de vida dos jovens. Encontraram pouca diversidade entre os projetos de jovens rurais e urbanos: a maior parte dos jovens tem como projeto de vida terminar a escola, ir para a faculdade, ter um trabalho estável e construir uma família. Houve, no entanto, diferenças: os jovens rurais tendem a se engajar em trabalhos, geralmente informais, mais cedo do que os urbanos e o ingresso na universidade está mais presente nos projetos do grupo que mora em ambiente urbano.

Analisemos, agora, algumas pesquisas sobre a temática dos projetos de futuro que tomaram como sujeitos jovens pobres.<sup>1</sup>

Nascimento (2002) estudou as representações sociais do projeto de vida de 83 adolescentes, entre 15 e 24 anos e cursando os 2º e 3º ano do ensino médio, que estudavam em uma escola pública na região central de São Paulo. Utilizando um questionário e a associação livre na coleta de dados e organizando esse material pelo seu conteúdo, a autora encontrou projetos de vida orientados pela tríade educação, trabalho e família.

---

<sup>1</sup> Incluímos nesse grupo algumas pesquisas que não explicitaram a classe socioeconômica de seus sujeitos como variável, e sim pretenderam trabalhar com jovens que estudam em escola pública. É importante destacar que não queremos identificar escola pública com pobreza. Fizemos essa opção porque compreendemos que, atualmente, é na escola pública, gratuita, que se encontram os filhos das classes empobrecidas de nossa sociedade. Nem sempre foi assim. Essa configuração se constituiu em um processo histórico pelo qual, a partir dos anos 1960, a escola pública foi sendo sucateada, em um projeto privatista do governo, sendo deixada para as classes mais pobres de nossa população, ao mesmo tempo em que foram criadas instituições particulares, para as quais migraram as camadas médias e altas.

Cardoso e Cocco estudaram, em 2003, os projetos de vida de um grupo de sete adolescentes, entre 14 e 18 anos, de escolas públicas de Marília (SP), por meio de entrevistas individuais semi-estruturadas e de reuniões em grupo. A pesquisa destacou que os projetos de vida desses jovens se centram em conquistas mais humildes diante das possibilidades oferecidas no seu dia-a-dia, visando à concretização de direitos básicos na sociedade, como ter uma escolaridade mínima, um local de moradia e um emprego e à constituição de uma família.

Em 2006, Nascimento estudou as representações sociais dos projetos de vida de 725 adolescentes cursando o ensino médio em escolas públicas de Belém (PA), na faixa entre 15 e 24 anos. Utilizando um questionário, que forneceu informações tratadas por meio da análise de conteúdo, a autora concluiu que o projeto de vida dos adolescentes se centra em significados que transitam entre emprego e educação. A escola, para eles, representa, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma vida melhor e também um obstáculo, pela ausência de condições de ensino que contribuam para a construção e a realização de projetos presentes e futuros dos jovens.

Souza et. al (2007) investigaram, em uma oficina de orientação profissional, os sentidos atribuídos ao sucesso profissional e pessoal por sete estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública. Verificaram uma forte presença da visão liberal de homem, que afirma que o indivíduo se destaca por seus esforços individuais e que seu sucesso pode ser medido pelo dinheiro, pelos bens e pelo status que obtém. Os autores ressaltaram que, com o trabalho na oficina, os jovens puderam refletir sobre tal visão, construindo sentidos ligados ao sucesso emocional e social, além do sucesso financeiro.

Também em 2007, Zonta estudou a construção dos projetos de vida de alunos do ensino médio da rede pública de educação de Curitiba (PR), realizando entrevistas com jovens do 3º ano e utilizando depoimentos de jovens do 2º ano que integravam um programa de orientação profissional. Verificou que possuir uma profissão é o principal objetivo desses jovens, que consideram que o esforço pessoal é o meio para alcançá-la. Tais projetos de futuro reproduzem, segundo as análises da autora, o modelo de sociedade estabelecido.

A. Oliveira (2009) pesquisou o sentido da escolha da profissão para jovens pobres. Uma de suas entrevistadas, uma jovem de 22 anos, afirmou não projetar o futuro, por medo de que seus projetos não se realizem, vivendo um dia após o outro. Ao mesmo tempo, falou de projetos de casamento, de ter filhos, de cursar a faculdade de pedagogia e de ser pedagoga, trabalhando com crianças. Chegar a esses projetos dependeria de fatores individuais. O sentimento de inferioridade que essa jovem manifesta por não ter atingido, até o momento da

entrevista, os seus objetivos foi colocado no plano individual; os fracassos são determinados, em sua visão, por fatores individuais e subjetivos.

O outro jovem, de 21 anos, entrevistado por A. Oliveira disse se considerar feliz, porém não realizado, por estar distante de seu sonho de ser geógrafo. Ele construiu o projeto intermediário de fazer um curso de eletrônica e de trabalhar nessa área até se estabilizar, para então poder cursar uma faculdade – que necessitaria ser pública, devido à sua dificuldade financeira. Apesar das dificuldades experimentadas na realização de seus objetivos, esse jovem disse ainda acreditar nessa possibilidade, para o futuro.

S. Bock (2010) desenvolveu um programa de orientação profissional com doze jovens pobres, com ensino médio completado em escolas públicas. O autor enfocou, em uma das quinze sessões desenvolvidas com os jovens, as aspirações e as expectativas desses sujeitos sobre o futuro. Trabalhando com a questão do que os jovens queriam, S. Bock percebeu que o maior número de menções se referia a bens materiais, com ênfase em carros e motos e em terminar de construir a sua casa. São expectativas, reflete o autor, relacionadas à melhoria das condições de vida e à ascensão social.

O segundo item com mais respostas sobre o que os jovens querem para o futuro foi o que S. Bock denominou de “expectativas relacionadas ao afeto”: ter amigos, namorar, casar, constituir família, ter filhos, conhecer novas pessoas. Por fim, o terceiro item mais mencionado foi chamado pelo pesquisador como “expectativas de diversão e de entretenimento”, como viajar e conhecer outros países, o que S. Bock analisa como um possível reflexo de um desejo de ascensão social, pois, no Brasil, os sujeitos que podem viajar são aqueles que participam das classes sociais mais privilegiadas.

Nesse sentido, quatro dos sujeitos com que o autor trabalhou destacaram o “subir na vida” como plano para o futuro. Também quatro jovens destacaram planos de fazer algum curso de formação profissional, universitário ou técnico. Três mencionaram a necessidade de ter que se esforçar para conquistar seus objetivos e dois, por sua vez, falaram do desejo de se tornar profissionais. Também apareceram respostas que falavam em ajudar a família como um plano futuro. Os jovens deram destaque ao trabalho e à profissão, compreendidos como maneiras de ser bem sucedidos, de ascenderem socialmente, possibilitando a realização de sonhos – S. Bock pondera que essa centralidade do trabalho nos projetos, no entanto, deve-se ao fato de tais sujeitos estarem em um programa de Orientação Profissional.

Os jovens pobres da pesquisa de S. Bock (2010) responsabilizaram o nível de ensino das escolas públicas pela dificuldade de passar no vestibular. Essa lacuna, para eles, deveria ser suprida pelos cursinhos pré-vestibulares. S. Bock reflete que tanto o vestibular como

forma de seleção quanto a qualidade do ensino público foram vistos pelos jovens como naturais, não tendo sido alvos de questionamentos.

Borges e Coutinho (2010) pesquisaram os projetos de vida de jovens a partir do primeiro emprego, visando entender os sentidos do trabalho para esses sujeitos. Foram estudados 9 jovens de 15 a 17 anos, de classes pobres, que participavam de uma ONG que trabalhava com jovens aprendizes. Foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas com cada sujeito, analisadas por meio da construção de núcleos de significação. Os resultados apontaram para a centralidade do trabalho na vida dos jovens estudados. Esse é significado como possibilidade de felicidade e de ser alguém, estando associado a ter um salário, e não a ser um trabalhador. Os projetos de vida dos jovens ora se estruturavam em conformidade com suas histórias de vida, ora buscavam ressignificação em relação à história dos pais.

D'Ávila et al. (2011) buscaram identificar como o projeto profissional de estudantes se alterava com a entrada em um curso pré-vestibular comunitário, localizado em uma universidade. Foram realizadas entrevistas individuais com 7 alunos considerados “exemplares” no curso e as falas foram tratadas a partir da análise do discurso. A pesquisa concluiu que os projetos desses sujeitos eram de “ser alguém” na sociedade, o que seria possibilitado pelo ingresso no ensino superior, o que esses jovens acreditavam que lhes traria uma melhor situação socioeconômica. O estudo e o trabalho remunerado durante a faculdade seriam os meios para se alcançar esse objetivo na sociedade brasileira atual, em que a ascensão social se daria via trabalho.

Dias (2011) realizou sua pesquisa de doutorado com 14 jovens brasileiros, entre 22 e 28 anos, que estavam concluindo a faculdade em cursos diversos de uma universidade pública. Embora não tenha dado destaque à caracterização socioeconômica desses sujeitos, a autora descreveu um pouco a história de vida de cada um, o que nos leva a perceber que esse grupo é integrado tanto por sujeitos de classes mais pobres, com um histórico de dificuldades financeiras na família e com pais trabalhando em funções pouco qualificadas, quanto por sujeitos das camadas média e média alta. A autora analisa os sentidos do trabalho na construção dos projetos desses jovens.

Esses sujeitos manifestaram angústias e expectativas ligadas à incerteza de como seria seus futuros. O trabalho como emprego apareceu como sua preocupação central. Ao mesmo tempo em que perceberam que a universidade lhes forneceu qualificação para o trabalho, o que acreditavam que lhes permitiria uma inserção profissional diferenciada, esses jovens manifestaram um sentimento de vulnerabilidade diante da expectativa de se confrontarem com a condição de desemprego. Diante disso, tais sujeitos valorizaram uma busca constante

de mais qualificação como meio de se inserirem em um mercado indeterminado. Dias destaca, com sua pesquisa, a necessidade de políticas públicas que atendam aos jovens no momento de transição da universidade para o mercado de trabalho, de forma a permitir que eles discutam a construção de seus projetos de vida para além dos sentidos que o capital atribui ao trabalho.

Após termos revisado as investigações sobre projetos de futuro que trabalharam com dois grupos de sujeitos, ricos e pobres, e também aquelas que só tiveram como foco os jovens das camadas pobres, apresentaremos, por fim, as pesquisas que trabalharam com jovens das camadas médias e altas de nossa sociedade.

Marques (2007) pesquisou os sentidos que jovens estudantes do primeiro ano do curso de graduação em administração na PUC-SP atribuem aos seus projetos de futuro profissional, bem como os elementos que os compõem, analisando seus múltiplos determinantes. A autora verificou que tais jovens têm grande dificuldade em se projetar para o futuro, diante do qual se mostram apáticos e descrentes. Vivem no imediatismo do presente, desejando aproveitar a vida, ao mesmo tempo em que falam de sonhos futuros de ganhar dinheiro, os quais consideram garantidos pelo fato de que terão um diploma da PUC, sem que, no entanto, visualizem meios concretos para realizar tais desejos.

O fato de que estudar na PUC-SP, faculdade privada, configura um recorte de classe socioeconômica é explorado por Marques na construção de um núcleo de significação que visa traçar um paralelo entre os sentidos para o futuro constituídos por um aluno Prouni e por alunos que pagam a PUC-SP. A autora observa que o aluno Prouni não reconhece o lugar que ocupa na universidade como legítimo e não se identifica com o perfil de aluno da PUC-SP – que seria o padrão procurado pelo mercado de trabalho –, sentindo-se em desvantagem em função de sua condição social. Ao mesmo tempo, Marques (2007) considera que esse sujeito é atravessado pela ideologia neoliberal, sustentando o esforço próprio e a motivação interna como as salvaçãoes que o ajudarão a superar sua condição de desigualdade. Por sua vez, os alunos pagantes da PUC-SP trazem, em seus discursos sobre o futuro, os desejos de manter ou aumentar seu status socioeconômico e de buscar o prazer através do dinheiro e do consumo.

Dib e Castro (2010), em experiência com universitários da camada média, buscaram analisar fatores que atravessam a construção da trajetória profissional desses jovens e as condições de construção de um projeto profissional na contemporaneidade. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação e o instrumento usado foi o registro do discurso de 595 alunos em disciplinas de discussão sobre projetos profissionais em duas universidades do Rio de Janeiro. As autoras encontraram a expressão de uma aparente ausência de projetos e de recursos para a construção de uma visão de futuro, manifestando-se subjetivamente como

uma sensação de angústia diante da ideia de um futuro sobre o qual o jovem não vê possibilidade de ação. Esse não saber de si e nem do futuro leva à construção de projetos transitórios, visando a um presente estendido, e não ao futuro. Segundo as autoras, a posição identitária desses jovens se remete à ausência de recursos subjetivos para saber de si e do futuro, o que pode se ligar às incertezas no mercado de trabalho na contemporaneidade.

Maia e Mancebo (2010) analisaram as trajetórias, as narrativas e os projetos de vida construídos por jovens de classes média e média alta do Rio de Janeiro, entre 21 e 26 anos, universitários e estagiários de uma grande empresa nacional privada. Seus depoimentos foram coletados em entrevistas semi-estruturadas, tratadas por meio da análise do conteúdo e da análise do discurso. Verificou-se a centralidade do trabalho na construção subjetiva dos jovens entrevistados, que mostram uma preocupação em se adaptar ao perfil valorizado pelo mercado de trabalho e em estabelecer contatos para se inserir e permanecer nele.

As autoras percebem uma dificuldade de esses jovens construírem projetos de longo prazo, o que relacionam à rapidez das mudanças no cenário atual. O futuro aparece como campo dos sonhos, dos desejos e de múltiplas oportunidades, mas os sujeitos não elaboram estratégias de ação para concretizá-los. Os jovens delineiam projetos voltados para um tempo mais imediato e manifestam um otimismo em relação a suas possibilidades presentes, bem como sentimentos de esperança e de medo em relação ao futuro. Maia e Mancebo destacam, ainda, que os projetos elaborados pelos jovens não integram interesses coletivos, e sim têm caráter meramente individual: caberia a eles se adaptar à realidade, e não mudá-la. As autoras dão também visibilidade à presença, no discurso desses jovens, da ideologia neoliberal de ascensão pelo esforço pessoal.

Percebemos, portanto, que as pesquisas sobre projetos de futuro de jovens têm centrado suas análises em destacar os temas que aparecem nesses projetos. Trabalho, estudos e família têm se destacado em muitas pesquisas. No entanto, os pesquisadores têm dado maior destaque a explorar os significados do trabalho para a juventude, não se adentrado mais profundamente nos outros temas – embora não os ignorem e tracem algumas considerações sobre eles. Isso provavelmente se explica pelo fato de que muitas dessas pesquisas partiram de trabalhos de Orientação Profissional, área na qual trabalham muitos dos autores citados.

As pesquisas têm apontado uma pasteurização dos elementos encontrados nos projetos de vida dos jovens: independente da classe social, todos os jovens aspiram a uma vida padronizada que inclua um bom emprego, conseguido por meio dos estudos, uma família perfeita e possibilidades de acesso a lazer e consumo. No entanto, a forma como tais

elementos se estruturam tem se apresentado de forma diferente em projetos de jovens de camadas sociais desiguais.

O trabalho tem aparecido mais cedo nos projetos de vida de jovens pobres e mais tarde nos de jovens ricos, após muitos estudos visando à especialização. Os sujeitos das camadas pobres têm destacado, nas pesquisas sobre projeto de futuro, a dificuldade no acesso à universidade, ao passo que os jovens ricos têm falado do acesso ao ensino superior como processo natural em suas trajetórias. Tais construções feitas por esses jovens parecem coerentes com os dados concretos de pesquisas sobre diferentes combinações de trabalho e estudos para juventudes desiguais (CORROCHANO et. al, 2008; DIEESE, 2011)

Algumas pesquisas sobre projetos de futuro – especialmente aquelas realizadas por autores que trabalham com Psicologia Sócio-Histórica ou com concepções que têm visões de homem coerentes com essa abordagem – têm destacado a presença da ideologia liberal no projeto dos jovens, aparecendo o esforço ou a sua ausência como explicação para sucessos ou fracassos. A ascensão social dar-se-ia via trabalhos e estudos e a escola, nesse sentido, aparece como possibilidade de uma vida melhor.

Também percebemos que as pesquisas que têm se preocupado em destacar a classe social dos jovens com que trabalham como variável relevante para compreendê-los têm sido produzidas a partir do referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica e de outras perspectivas críticas em psicologia, que assumiram a preocupação em produzir conhecimentos socialmente relevantes.

## 5. MÉTODO

Escolher um método para pesquisar é eleger um percurso para a apreensão do real. Essa escolha depende de como concebemos tanto a realidade quanto o homem em sua relação com ela. No primeiro capítulo, já apresentamos a Psicologia Sócio-Histórica e a suas concepções de homem e de mundo, pelas quais estamos orientamos nesta investigação.

Neste capítulo, enfocaremos os caminhos metodológicos - traçados na busca de uma coerência com os pressupostos dessa abordagem em psicologia – que percorremos para nos aproximarmos de nosso tema de pesquisa: a dimensão subjetiva da desigualdade social, que buscamos estudar por meio dos projetos de futuro de jovens de camadas socioeconômicas desiguais.

### 5.1. Considerações metodológicas

#### 5.1.1. A concepção do pesquisar para a Psicologia Sócio-Histórica

O método que adotamos neste estudo é o do materialismo histórico e dialético, que representa a superação entre a dicotomia objetividade-subjetividade – que prevalece no campo da psicologia – ao buscar apreender o caráter histórico dos fenômenos. Sujeito e objeto, nessa compreensão, têm existência objetiva e real e, segundo o princípio dialético, formam uma unidade de elementos contrários que agem um sobre o outro. Afirmando a necessidade e a possibilidade de transformação da sociedade como uma opção metodológica, o materialismo histórico e dialético sustenta que a ação do sujeito no mundo é histórica e socialmente situada e que esse agir transforma tanto a objetividade quanto o próprio sujeito. (GONÇALVES, 2011)

O foco da investigação do método materialista histórico e dialético está nos processos de constituição dos fenômenos humanos. Entende-se, nessa perspectiva, que a realidade está em constante movimento, em transformação, e que, para compreender um objeto de pesquisa, precisamos compreendê-lo em seus processos de constituição histórica, em suas relações sociais, lançando luz aos determinantes que o constituem.

Para apreender tais processos, indo além da aparência dos fatos empíricos, os pesquisadores guiados pelo referencial da Psicologia Sócio-Histórica recorrem à construção de categorias intelectivas – teóricas e metodológicas – que lançam visibilidade a determinados

aspectos da realidade, que está em movimento. Diferentemente de conceitos, que explicam aspectos estáveis da realidade, passíveis de ser circunscritos em uma definição, as categorias pretendem dar conta de uma realidade que está em movimento e que se move por contradição. Por meio dessas categorias, visam explicar processos que ocorrem na realidade concreta. Segundo Aguiar (2011), as categorias carregam os movimentos, as contradições e a historicidade dos fenômenos estudados.

Coerentemente, buscamos produzir conhecimento, nesta pesquisa, apoiados na concepção de Epistemologia Qualitativa tal como delimitada por González Rey (2005), que defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento. Isso significa compreender o conhecimento não como uma representação de uma realidade ordenada de acordo com categorias universais, como na tradição positivista, e sim como uma construção, uma produção humana. O conhecimento, assim, é construído no confronto do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos com que ele se depara e a que organiza e significa, conferindo-lhe inteligibilidade e formando assim novos campos de realidade. O empírico é concebido, nessa perspectiva, como um momento inseparável do processo de produção teórica.

### 5.1.2. Categorias importantes em nosso percurso investigativo

Neste momento, desenvolveremos algumas categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. Escolhemos dar foco às categorias de análise às quais recorreremos em nosso processo de análise dos dados que produzimos: sentidos subjetivos e significados.

É importante destacar que essa é uma opção didática e que, para compreender a Psicologia Sócio-Histórica em toda a sua complexidade, é preciso compreender o conjunto de suas categorias fundamentais. Isso porque a compreensão de cada categoria não pode se dar de forma isolada, e sim exige um movimento em direção às outras. Tendo isso em vista, para chegar às categorias sentido subjetivo e significado, consideramos importante passarmos por outras categorias da Psicologia Sócio-Histórica, que ajudam em sua compreensão.

## **Consciência e atividade**

Aguiar et. al (2009) afirmam, a partir do referencial da Psicologia Sócio-Histórica, sobre as categorias consciência e atividade:

Consciência e atividade surgem, nessa perspectiva teórica, como categorias básicas e essenciais para a compreensão da constituição do fenômeno psicológico. Assim, quando falamos em consciência e atividade, estamos nos referindo, dentre outras propriedades, à forma como se constitui o fenômeno psicológico e enfatizando a importância da relação com o mundo nessa constituição. (AGUIAR et. al, 2009, p.57)

Podemos compreender a categoria consciência como as formas de pensar, de sentir, de agir que o homem constitui, de forma ativa, em sociedade, em um processo histórico. A consciência deve ser vista como um sistema integrado, em processo permanente, que é determinado pelas condições sociais e históricas que, em um processo de conversão, transformam-se em produções simbólicas singulares, que contêm a possibilidade do novo, da criação.

Assim, por sua atividade no mundo, o homem constrói a sua consciência, que não é reflexo passivo da realidade objetiva, e sim construída de forma criativa, pela transformação prática da realidade a partir de suas relações no mundo. Nas palavras de Aguiar (2011), “O homem transforma a natureza com sua atividade por meio dos instrumentos, e assim transforma-se a si próprio” (p.98).

É importante destacar que a atividade do homem não é simplesmente cognitiva e intelectual, mas também tem uma dimensão emocional. A emoção deve, então, ser vista como elemento constituinte da consciência.

## **Linguagem e pensamento**

A atividade humana é uma atividade significada, mediatizada<sup>1</sup> semioticamente – intermediada por signos, pela linguagem. A linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, distinguindo-os dos animais. Luria (1979) define a linguagem como “um

---

<sup>1</sup> Mediação é outra importante categoria da Psicologia Sócio-Histórica. A especificidade do trabalho humano está no fato de estabelecer uma relação com a natureza na qual se interpõem elementos intermediários, criados e utilizados pelo homem a fim de provocar uma modificação intencional no objeto sobre o qual trabalha. Esses elementos intermediários fazem a função de mediação entre o homem e o mundo e são chamados de mediadores. Vigotski separa dois tipos de elementos mediadores da relação do homem com o mundo: os instrumentos, que são objetos externos ao indivíduo que o auxiliam em ações concretas; e os signos, que são representações da realidade que auxiliam no desempenho de atividades psicológicas. (M. OLIVEIRA, 1997)

*sistema de códigos por meio dos quais são designados os objetos do mundo exterior, suas ações, qualidades, relações entre eles, etc.” (p.78).*

A linguagem, produzida social e historicamente, é o instrumento fundamental nos processos de constituição do sujeito e de mediação das relações sociais. Segundo Aguiar et. al (2009): “A linguagem é a mediação na relação dialética entre interno e externo e, portanto, podemos dizer que o que está na base da consciência é a linguagem. Pode-se concluir, para melhor compreensão, que o que constrói a consciência é a atividade mediada pelos significados (p.56).”

A importância da linguagem para a formação da consciência se deve ao fato de ela penetrar todos os campos da atividade consciente humana, elevando a um novo nível o desenrolar de seus processos psíquicos, segundo Luria (1979). A linguagem e o discurso constroem a vida consciente do homem e permitem que ele desenvolva comportamentos guiados por motivos que estão para além das situações imediatas.

Com o desenvolvimento da linguagem, o homem dá um salto qualitativo em relação aos animais, em seu desenvolvimento. A linguagem assume a importante função de intercâmbio social: tendo seu desenvolvimento sido impulsionado pela necessidade de comunicação dos seres humanos, a construção de uma linguagem compartilhada com outros de um grupo social permitiu aos homens o aprimoramento da comunicação com os demais e das relações sociais. A linguagem também é veículo fundamental de transmissão da informação e da experiência acumuladas historicamente pelas gerações anteriores.

A partir da linguagem, o homem pode criar um mundo interior de imagens, com os quais pode operar, em sua atividade, mesmo na ausência dos objetos concretos do mundo exterior. A linguagem, ainda, permite que o homem ordene o real pela análise e classificação dos objetos, agrupando-os em categorias conceituais compreensíveis por todas as pessoas, traduzindo ideias, vontades, sentimentos, pensamentos de forma precisa. A linguagem se torna, assim, nas palavras de Luria, “o veículo mais importante do pensamento” (p.81), fornecendo as formas de organização do real que fazem a mediação entre o sujeito e o mundo que ele toma como objeto de conhecimento.

Pensamento e linguagem têm origens diferentes, desenvolvem-se por trajetórias diferentes e independentes. Em determinado momento do desenvolvimento ontogenético, repetindo o processo que ocorreu no nível filogenético, pensamento e linguagem se unem, impulsionados pela inserção da criança em um grupo social. Isso ocorre por volta dos dois anos de idade. A partir de então, o ser humano adquire a possibilidade de um funcionamento psicológico mais sofisticado, mediado pela linguagem. (M. OLIVEIRA, 1997)

Aguiar et. al (2009) afirmam que o pensamento, para Vigotski, não é meramente realizado no ato da fala; essa não pode ser compreendida como um momento em que o pensamento, até silencioso, revela-se. O pensamento se realiza na fala: ao se transformar em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica.

O que faz a mediação entre pensamento e linguagem é o significado. O desenvolvimento da linguagem, produzida social e historicamente, e dos significados permite uma representação da realidade no pensamento e, portanto, para o estudioso, a compreensão da atividade no campo da consciência. (AGUIAR et. al, 2009, p.55)

M. Oliveira (1997) afirma que é no significado da palavra que pensamento e linguagem se unem, como pensamento verbal. A palavra com significado configura-se, então, como recurso metodológico para se acessar o pensamento, que se realiza nela. É a unidade de análise – unidade mínima que contém as propriedades do todo – que se utiliza em investigações que assumem a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica.

### **Sentidos subjetivos e significados**

Sentidos subjetivos e significados são categorias de análise da Psicologia Sócio-Histórica que permitem o acesso a elementos da subjetividade, buscando superar a dicotomia entre interno e externo, individual e social. Sentido subjetivo e significado constituem um par dialético: não podem ser entendidos senão em relação, embora um não se identifique com o outro. Por meio dessas categorias, afirmam Aguiar et. al (2009), buscamos dar visibilidade à dimensão subjetiva da realidade.

Segundo tais autores, Vigotski afirma que a significação é a atividade mais geral e fundamental do ser humano, que o diferencia animais. O homem, ao nascer, encontra pronto um sistema de significações elaborado historicamente. Essas significações são frutos de um desenvolvimento coletivo, ao longo de um processo histórico, e, assim, transformam-se constantemente ao longo da história de uma língua, de uma sociedade e de um sujeito.

É por meio da relação com outros homens, mediada pela linguagem, que o homem constitui, para si e para o coletivo, conjuntos de significações através dos quais irá compreender o mundo. Aguiar et. al (2009) afirmam que “a atividade humana de significação se refere ao processo de constituição do pensamento e, desse modo, de constituição dos significados e dos sentidos” (p.61).

Segundo M. Oliveira (1997), o significado é um núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, formado em seu processo de desenvolvimento social, e é compartilhado pelas pessoas que a utilizam. Aguiar et. al (2009) afirmam que “os significados são produções históricas, sociais, relativamente estáveis e, por serem compartilhados, são eles que permitem a comunicação entre os homens, além de serem fundamentais para a constituição do psiquismo.” (p.61)

Por sua vez, ao falar do processo de constituição dos sentidos, Aguiar et. al explicam:

No processo humano, os significados sociais compartilhados, mais estáveis, mediadores do processo de comunicação e, por que não, do próprio processo de humanização, são transformados/convertidos em sentidos, num processo subjetivo, que contém – como elemento essencial – a realidade objetiva. (...) é fundamental explicitarmos que os significados sociais, que serão internalizados e transformados em sentidos, só existem enquanto tal porque os homens, na sua atividade no mundo social e histórico, os constituíram e os constituem permanentemente. (AGUIAR et. al, 2009, p.63)

O sentido subjetivo diz respeito às expressões dos sujeitos, constituindo-se a partir do confronto entre significações sociais vigentes e a experiência pessoal do sujeito. Nesse sentido, Bock e Gonçalves (2005) nos lembram de que os sentidos subjetivos constituídos pelo sujeito são únicos, mas têm sua fonte no mundo cultural e social, no mundo dos significados. São, assim, mais complexos e mais amplos do que o significado, que constitui uma das zonas do sentido, mais estável e mais precisa (AGUIAR, 2011). Seu processo de produção pode conter elementos contraditórios, gerando sentidos subjetivos que incluem emoções e afetos contraditórios.

Sinteticamente, nas palavras de Bock (1999):

Quando [o homem] atua sobre o mundo, relacionando-se, apropria-se da cultura e adquire linguagem; apropria-se dos significados e constrói um sentido pessoal para suas vivências. Tem, assim, todas as condições para atuar com os outros, criar cultura e elaborar significados. O homem se faz homem ao mesmo tempo que constrói seu mundo. (p.33)

## 5.2. Processo de coleta de informações

### 5.2.1. Sujeitos e locais de coleta de informações

Escolhemos para a nossa pesquisa jovens que cursavam o 3º ano do ensino médio, em duas escolas diferentes. Optamos por trabalhar com sujeitos no último ano de seu processo de escolarização pelo fato de que nesse momento lhes é colocada socialmente a tarefa de pensar sobre o que desejam para o seu futuro, já que a escolha da profissão desencadeia isso, estando eles em um momento propício a reflexões sobre o tema de nossas redações.

Para investigar a dimensão subjetiva da desigualdade social, escolhemos trabalhar com dois grupos de sujeitos: um de jovens pobres e outro de jovens ricos. Para encontrá-los, buscamos duas escolas em situações desiguais.

Na primeira, uma instituição pública localizada em um bairro com alto Índice de Exclusão Social<sup>1</sup> da cidade de São Paulo – indicado por Campos et. al (2003) pela cor vermelha em seu Atlas da Exclusão Social (ANEXO A) –, esperávamos encontrar jovens pobres. Consideramos que, em nossa configuração social atual, é na escola pública, gratuita, que se encontram os jovens que integram famílias das camadas pobres da sociedade – especialmente nas instituições localizadas em bairros com piores indicadores sociais.

Na segunda instituição, uma escola privada de prestígio, localizada em um bairro com baixo Índice de Exclusão Social da cidade de São Paulo – destacado no mesmo Atlas em cor verde –, esperávamos achar jovens ricos. Consideramos que, em nossa sociedade hoje, é nas escolas particulares prestigiadas, que cobram altas mensalidades, que se encontram os jovens de famílias ricas – especialmente nas instituições localizadas em bairros com melhores indicadores sociais.

---

<sup>1</sup> O Índice de Exclusão Social é uma construção que analisa e integra em uma fórmula ponderada estes indicadores: vida digna, conhecimento e vulnerabilidade juvenil (POCHMANN; AMORIM, 2003). Em 2003, foi calculado para diferentes distritos da cidade de São Paulo (CAMPOS et. al, 2003). Para mais detalhes, ver a página 16, em nota de rodapé.

### 5.2.2. Instrumentos

#### Caracterização socioeconômica

Criamos um instrumento para realizar uma caracterização socioeconômica dos dois grupos de sujeitos que escolhemos, a fim de verificar se eles se enquadravam nos perfis de camadas sociais que buscávamos em nossa pesquisa. (APÊNDICE A). Escolhemos as seguintes informações como importantes: idade, sexo, grau de escolarização dos pais, ocupação deles, se o sujeito trabalha ou já trabalhou e, em caso afirmativo, em que ocupação o faz ou o fez.

#### Redações sobre projetos de futuro

Nossos instrumentos principais foram duas redações sobre projetos de futuro (APÊNDICE A). A primeira delas é um instrumento já validado por pesquisas anteriores (LIEBESNY, 1998; BOCK; LIEBESNY, 2003). Seu objetivo é apreender os sentidos subjetivos que os jovens constroem sobre seu próprio futuro, evidenciando os temas que aparecem.

O enunciado dessa primeira redação segue abaixo:

Hoje é dia 25 de setembro de 2022.

Você está pensando no que foi e no que tem sido a sua vida nesses últimos 10 anos.

**Coloque-se nessa situação e conte essa história com detalhes.**

A segunda redação é um instrumento novo, elaborado especificamente para esta pesquisa. Seu enunciado solicita ao jovem rico que imagine o futuro de um jovem pobre, e vice-versa. Seu objetivo é apreender os sentidos subjetivos que os jovens constroem sobre esse outro em condição socioeconômica desigual à sua e sobre a sua relação com ele.

O enunciado da segunda redação segue abaixo:

Hoje é dia 25 de setembro de 2022.

Pense em um jovem (um personagem fictício) que se formou no ensino médio, em 2012, em uma escola pública de um bairro pobre/ em uma escola particular de um bairro rico. O que foi e o que tem sido a vida dele nesses últimos 10 anos? **Conte a história dele com detalhes.**

Consideramos que a criação desse segundo instrumento nos permite realizar uma análise de como os projetos de futuro de cada grupo de sujeitos estão atravessados por sua condição socioeconômica. Apoiados no referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica, consideramos que sujeitos constituídos em camadas sociais diferentes, com acesso desigual a bens materiais e culturais, significam/sentem também de maneiras diferentes. Assim, ao buscarmos as redações desse dois grupos de sujeitos, que estão em situações socioeconômicas desiguais, pretendemos dar visibilidade a esses diferentes modos de ser, de sentir/significar.

As redações produzidas pelos jovens são meios para, a partir de suas falas escritas, acessarmos, em um processo construtivo-interpretativo, as significações – os sentidos subjetivos e os significados – desses sujeitos sobre si mesmos, sobre um outro em condição socioeconômica desigual e sobre suas relações, em uma sociedade marcada pela desigualdade social.

As duas redações, nesse sentido, são recursos metodológicos para acessarmos a dimensão subjetiva da desigualdade social. A comparação entre as duas redações de cada sujeito e entre o conjunto de redações dos dois grupos dá visibilidade à forma como os sujeitos de camadas socioeconômicas desiguais significam/sentem aqueles que estão em um lugar desigual ao seu na sociedade, ao modo como se relacionam e à forma como, assim, vão criando e caracterizando a realidade social desigual – e sendo, ao mesmo tempo, constituídos por ela.

### 5.2.3. A coleta de informações

Nas duas escolas, solicitou-se à direção que selecionasse 20 alunos para a participação na pesquisa, da forma como fosse melhor para a instituição. A participação dos jovens foi voluntária.

No dia da coleta, foram dadas aos participantes explicações sobre os procedimentos éticos da pesquisa, garantindo o anonimato e o caráter voluntário da participação. Na escola pública, alguns jovens saíram após a explicação, alegando que sua turma tinha uma aula naquele horário que eles não queriam perder. Na escola particular, uma jovem desistiu de participar, justificando para a pesquisadora que pensar sobre o futuro mobilizava muitas angústias e que ela preferia não fazer as redações.

Após as explicações iniciais sobre a pesquisa, foram entregues as redações em duas partes: primeiro, entregaram-se grampeados o Termo de Assentimento (APÊNDICE B), as questões sobre dados pessoais/socioeconômicos e a primeira redação. Os alunos foram

instruídos a chamar a pesquisadora quando terminassem a primeira redação, para receber a segunda – a fim de evitar que escrevessem a redação sobre o seu futuro já tendo em vista a comparação com um jovem de classe socioeconômica desigual. Ao final, eles entregaram as duas redações juntas, unidas por um clipe.

Na escola pública, a coleta de informações foi feita com alunos que cursam o turno da manhã, durante um intervalo de aulas. A sala disponibilizada pela instituição era mobiliada com uma mesa redonda grande, que, no entanto, não comportou todos os alunos. Alguns jovens fizeram a redação sentados em cadeiras separadas. Pela disposição dos sujeitos em torno de uma grande mesa, observaram-se algumas conversas entre eles, que foram, na medida do possível, interrompidas pela pesquisadora. Estava presente durante toda a coleta uma professora que ocupa a função de mediadora na escola e estiveram presentes, em alguns momentos, outras duas professoras.

Na escola particular, a coleta de informações foi realizada com alunos que cursam o turno da manhã, em um momento após o término das suas aulas, depois do almoço. Alguns alunos chegaram em momentos posteriores à explicação geral e receberam instruções individuais. A sala disponibilizada pela instituição continha carteiras enfileiradas, o que evitou que os alunos se comunicassem enquanto faziam as redações. A pesquisadora esteve sozinha com os alunos durante toda a coleta.

#### 5.2.4. Considerações éticas

Inicialmente, escrevemos uma carta de apresentação às escolas (APÊNDICE C), que entregamos ao diretor de cada uma, junto a um modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D), a um modelo do Termo de Assentimento (APÊNDICE B) e a um modelo dos instrumentos (APÊNDICE A). Após obtida a autorização, cada diretor assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O Termo de Assentimento foi assinado por todos os jovens, como forma de se responsabilizarem por sua participação na pesquisa.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da PUC-SP, via Plataforma Brasil, e foi aprovado, recebendo parecer favorável à sua realização (Parecer número 89.826).

### 5.3. Processo de análise

#### 5.3.1. Caracterização socioeconômica

Trabalhamos separadamente com o grupo de jovens ricos e com o grupo de jovens pobres.

Para fins de organização, os sujeitos de cada grupo foram agrupados por sexo. Em seguida, foi selecionado, de forma aleatória, um código para designar cada um na pesquisa, preservando o sigilo das identidades dos participantes. Para o grupo de jovens pobres, foram usadas letras e, para o grupo de jovens ricos, foram usados números.

Tabulamos as informações socioeconômicas fornecidas por cada sujeito em uma tabela geral de seu grupo, a qual usamos para proceder à análise de cada variável: sexo, idade, ocupação dos sujeitos, escolaridade dos pais e ocupação desses (APÊNDICE E). Produzimos, assim, dados caracterizando cada grupo em um perfil socioeconômico.

Em seguida, procedemos a uma análise comparativa entre os dados dos dois grupos.

#### 5.3.2. Redações

A primeira etapa da análise das redações considerou as produções de cada sujeito separadamente. As duas redações de cada jovem foram lidas mais de uma vez: a primeira leitura com finalidade de apropriação de seus conteúdos e a segunda para que pudéssemos destacar, em cada uma delas, os temas que apareciam— por exemplo, trabalho, família, ensino superior. Produzimos, para cada sujeito, uma folha com o registro desses temas, do conteúdo que aparecia em cada um e também com anotações sobre contrastes que apareciam entre o próprio futuro e o do outro. Um modelo dessa folha de registro se encontra no Apêndice F.

A segunda etapa da análise das redações consistiu em selecionar os temas que se repetiam para um grande número de sujeitos e transformar esses temas em categorias gerais. As categorias produzidas foram as mesmas para os sujeitos pobres e os ricos, de modo a permitir uma comparação entre os dois grupos. No entanto, as análises foram realizadas separadamente para cada grupo.

Em cada grupo, criamos uma tabela para cada categoria. Nessa tabela, foram inseridas todas as respostas dos sujeitos daquele grupo sobre aquele tema. Consideramos como uma

resposta um trecho da fala de um sujeito particular, no qual aparece um conteúdo singular<sup>1</sup> sobre o tema em questão. Quando, ao longo de uma mesma redação, houve mais de um trecho apontando para um mesmo conteúdo, desconsideramos as repetições, elegendo apenas o trecho que melhor o apresentou.

Cada categoria foi separada em uma seção diferente do capítulo. Nomeamos cada seção à moda do que Aguiar e Ozella (2006) propõem para os núcleos de significação: buscamos frases que explicitassem a significação básica daquele grupo de sujeitos a respeito do tema trazido na categoria. Tais significações foram comentadas abaixo de cada tabela.

Transcrevemos as frases do sujeito tal como ele as escreveu, mantendo quaisquer incorreções quanto ao uso da norma culta do português. Eventualmente, inserimos entre colchetes algumas informações explicativas, formuladas pela pesquisadora com base na totalidade das redações, por julgá-las essenciais para a compreensão do sentido de determinados trechos.

Ao final, foi produzida uma tabela geral, em que se registrou o número de respostas que aquele grupo de jovens produziu em cada categoria. Os conteúdos menos frequentes, que não chegaram a configurar categorias gerais para os dois grupos, também foram registrados nessa tabela geral.

Consideramos que, nesse processo de análise, partimos das falas de cada sujeito sobre determinado tema e nos aproximamos dos sentidos subjetivos constituídos sobre si, sobre o outro e sobre sua relação na sociedade. Por sua vez, ao produzirmos categorias gerais para todos os sujeitos, obtivemos como síntese os significados, partilhados por aquele coletivo de jovens, sobre os jovens de sua camada socioeconômica e sobre suas relações com sujeitos de classes sociais desiguais em nossa sociedade.

---

<sup>1</sup> Optamos pela expressão “conteúdo singular”, em vez de usar a categoria sentido subjetivo, porque não foi sempre que cada resposta trouxe um sentido subjetivo diferente. Às vezes, um sentido subjetivo se configurou por um conjunto de respostas.

## 6. ANÁLISE

### 6.1. Caracterização dos sujeitos<sup>1</sup>

#### 6.1.1. Sexo e idade

A maioria dos jovens pobres era do sexo feminino, uma vez que houve mais mulheres interessadas em participar da pesquisa do que homens. Nota-se que a maioria dos sujeitos tinha 17 anos, idade esperada para quem cursa o 3º ano do ensino médio. Encontramos apenas dois sujeitos em situação de distorção idade-série, com 19 e 20 anos<sup>2</sup>.

Também entre os jovens ricos, a maioria dos sujeitos tinha 17 anos. Nenhum deles tinha idade fora da faixa esperada para o 3º ano do ensino médio. Nesse grupo, houve um maior equilíbrio entre o número de homens e de mulheres que se voluntariaram para participar da pesquisa.

Tabela 1 – Distribuição dos jovens da pobres e ricos por idade e sexo

	Jovens pobres			Jovens ricos		
	Feminino	Masculino	Total por idade	Feminino	Masculino	Total por idade
<b>16 anos</b>	3	1	4	-	1	1
<b>17 anos</b>	9	2	11	7	6	13
<b>18 anos</b>	3	2	5	3	1	4
<b>19 anos</b>	-	1	1	-	-	-
<b>20 anos</b>	-	1	1	-	-	-
<b>Não declarou</b>	-	1	1	-	-	-
<b>Total por sexo</b>	15	8	23	10	8	18

<sup>1</sup> As informações pessoais e socioeconômicas completas, sujeito a sujeito, encontram-se no Apêndice E.

<sup>2</sup> O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) define a distorção idade-série como um atraso de dois ou mais anos na série escolar correspondente à idade do estudante, o que é provocado por repetências e/ou evasões, às vezes sucessivas. (CDES, 2011)

### 6.1.2. Ocupação dos sujeitos

Entre os 23 sujeitos pobres, 9 trabalhavam ou já haviam trabalhado e 14 nunca trabalharam. Esses 9 sujeitos se aproximam da realidade que apontam as pesquisas sobre juventude, educação e trabalho: os jovens de famílias com baixa renda entram mais cedo no mercado de trabalho e parte deles concilia trabalho com estudos (CORROCHANO et. al, 2008). Percebemos, no entanto, que essa realidade não se aplica à maioria dos nossos sujeitos, colocando em xeque raciocínios que generalizam tal condição a todos os jovens pobres e nos levando a pensar que esse grupo de sujeitos talvez não venha de famílias em realidade de extrema pobreza.

Os nove sujeitos que já haviam trabalhado ou trabalhavam citaram ocupações diferentes – alguns citaram locais de trabalho. As ocupações listadas, em tabela a seguir, convergem com o que aponta a pesquisa do Dieese (2011): a maioria dos jovens brasileiros trabalha em funções que exigem baixos níveis de escolarização.

Tabela 2 – Ocupações dos jovens pobres

<b>Sujeito</b>	<b>Em que trabalha ou trabalhou?</b>
B	Cuidou de crianças
D	Operadora de telemarketing
E	Ajudante geral em restaurante
K	Professora, de ballet clássico e reforço escolar (português e matemática) com aulas particulares para crianças do Ensino Fundamental I.
P	Digitador de ficha médica e garçom
S	Atendente em lava rápido e em um restaurante
T	Em um projeto de internet na escola
V	Esteve empregado em uma empresa de seguros
W	Auxiliar de escritório

Dos 18 jovens ricos, apenas um trabalhava ou já havia trabalhado: uma menina que explicou o seu trabalho como “informal de iniciativa própria”, consistindo na venda de doces caseiros por meio da internet, projeto que, no futuro, ela deseja transformar em um negócio maior. Não se trata, portanto, de um trabalho de cujos rendimentos dependa o sustento da jovem ou de sua família, e sim de empreendimento em caráter eletivo. Tais dados corroboram os de Corrochano et. al (2008), que indicam que os jovens da camada alta ingressam no mercado de trabalho mais tarde do que os de classes mais pobres. Os sujeitos ricos de nossa

pesquisa integram, em sua maioria, os 13,5% de jovens brasileiros que apenas estudam, segundo tal pesquisa.

### 6.1.3. Escolarização dos pais

A distribuição dos pais dos jovens pobres por faixas de escolarização reforça a hipótese de que esse grupo de jovens não vive em situação familiar de pobreza acentuada, pois há um número expressivo de pais que concluíram o ensino básico e alguns que ingressaram no superior. Ainda assim, a presença de sujeitos com processos de escolarização interrompidos em anos iniciais da educação básica e de um pai analfabeto, junto ao fato de serem poucos os pais que ultrapassaram o ensino médio, caracteriza uma realidade de classes pobres.

Já no grupo dos jovens ricos, o grau de escolarização dos pais se concentra em níveis superiores de ensino, especialmente no ensino superior completo e na pós-graduação. Há mais mulheres do que homens com nível de pós-graduação. A figura a seguir mostra a distribuição dos pais dos jovens ricos e pobres por faixas de escolarização, evidenciando as diferenças nos processos de escolarização.

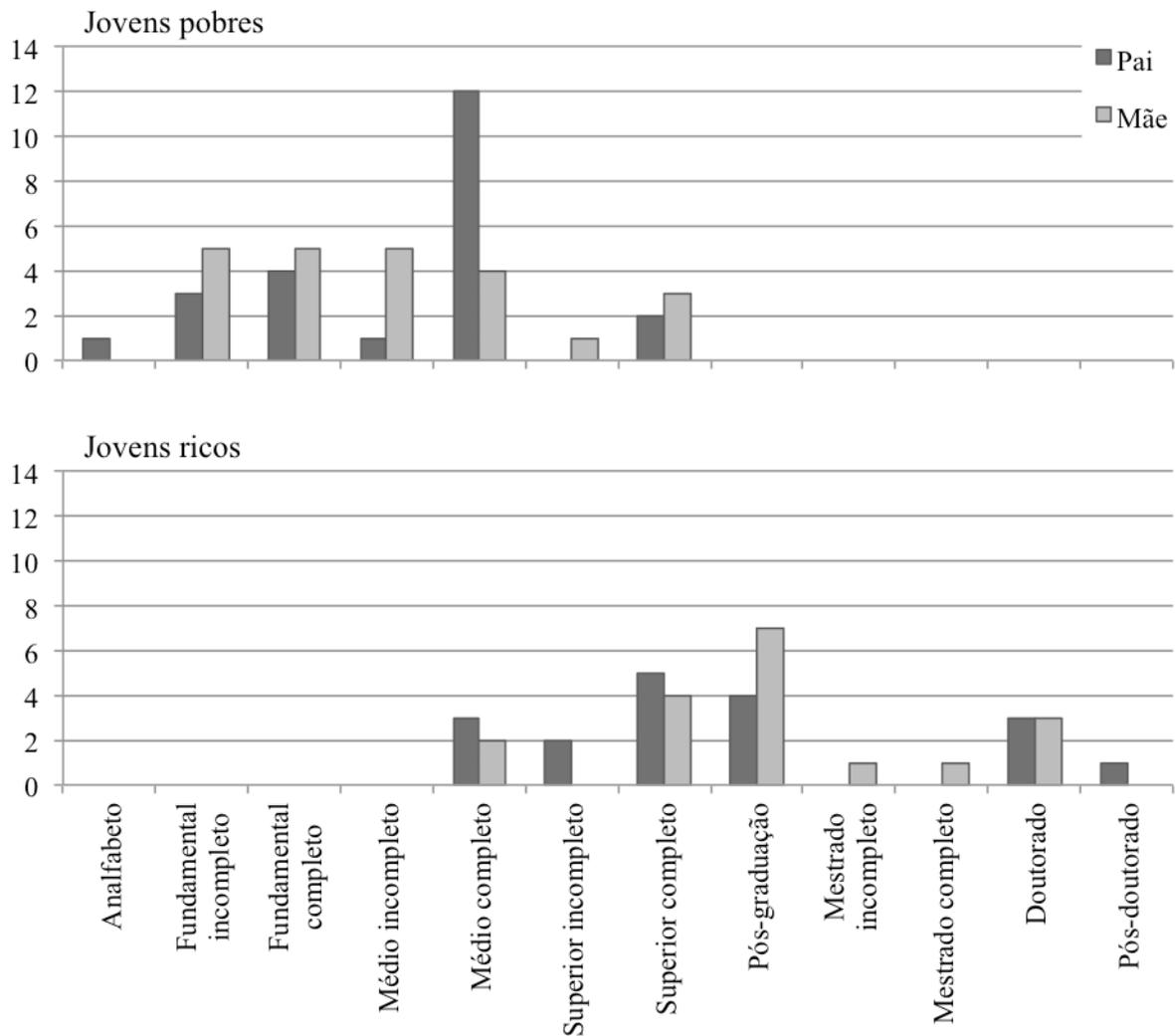


Figura 1 – Nível de escolaridade dos pais dos jovens pobres e dos jovens ricos

#### 6.1.4. Ocupações dos pais

As ocupações dos pais e das mães dos jovens pobres indicam, em sua maioria, funções que exigem baixos graus de escolarização e que se caracterizam por trabalhos manuais, que são desprestigiados em nossa sociedade e comumente realizados por sujeitos de classes pobres.

Por sua vez, nota-se que as ocupações dos pais dos jovens ricos são, em sua maioria, de nível superior e têm como atividade principal trabalhos intelectuais, valorizados em nossa sociedade e tradicionalmente realizados por sujeitos de classes mais ricas.

Tabela 3 – Relação entre grau de escolarização e ocupação de pais dos jovens pobres e ricos (continua)

	Jovens pobres	Jovens ricos
<b>Analfabeto</b>	Encarregado de construção civil	-
<b>Fundamental incompleto</b>	Aposentado Auxiliar de laboratório Doméstica (3) Dona de casa Encanador Eletricista aposentado	-
<b>Fundamental completo</b>	Auxiliar de limpeza Cozinheira Diarista Dona de casa Empregado doméstico Secretária do lar Segurança/portaria Vigilante noturno (2)	-
<b>Médio incompleto</b>	Autônoma Dona de casa Enfermeira* Garçom Não trabalha Produtora cultural e artística	-
<b>Médio completo</b>	Administrador de empresa Autônomo (3) Carteiro Cozinheira Dona de Casa Gerente de comércio Montadora de cintos Motorista particular e autônomo Policia militar Recepcionista Segurança Técnico de laboratório Trabalha em empresa automobilística Veterinário *	Engenheiro elétrico * Professor de inglês Presidente de time de futebol Professora Estilista
<b>Superior incompleto</b>	-	Administrador de empresas (presidente/gestor/dono) Empresário no ramo de confecções

Tabela 3 – Relação entre grau de escolarização e ocupação de pais dos jovens pobres e ricos (conclusão)

	Jovens pobres	Jovens ricos
<b>Superior completo</b>	Administradora de faturamento hospitalar Carteiro Diretora de escola pública Professora Securitário	Administradora pública Administradora de empresas, em empresa de consultoria Engenheiro civil (2) Desembargador Professor e ator Trabalha com educação Trabalha em empresa de consultoria
<b>Pós-graduação</b>	-	Administrador de patrimônios imobiliários Administradora de empresas Advogado Dentista Desempregada Gerente de banco Trabalha em imobiliária da família Procuradora do estado Professora de yoga Publicitário (2)
<b>Mestrado incompleto</b>	-	Terapeuta
<b>Mestrado completo</b>	-	Procuradora do estado
<b>Doutorado</b>	-	Administrador público e professor universitário Advogado e professor (2) Dentista Historiadora Professor e escritor
<b>Pós-doutorado</b>	-	Economista e professor

Nota. Os números entre parênteses se referem à frequência, quando maior do que um, com que as ocupações apareceram para aquele grau de escolarização.

\* Ver referência em nota de rodapé.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Os asteriscos na tabela marcam incoerências que percebemos entre o nível de escolarização e a ocupação mencionadas pelos sujeitos em relação a seus pais. Apesar disso, mantivemos as informações tais como fornecidas pelos jovens. Consideramos que pode ter ocorrido uma confusão quanto ao nível de escolarização dos pais ou quanto ao nome de suas ocupações – por exemplo, fornecendo um nome de ocupação de nível superior para uma de nível médio na mesma área.

Um dado chama atenção na comparação entre os pais dos jovens ricos e pobres: se selecionarmos o mesmo nível de escolarização – ensino médio completo e superior completo –, temos ocupações muito diferentes, dependendo da classe social. As diferenças se fazem mais acentuadas quando olhamos para o ensino médio: enquanto os pais de jovens ricos com ensino médio completo têm ocupações de profissionais liberais, os pais dos jovens pobres, com o mesmo nível de ensino completo, ocupam funções de menor prestígio social. Isso dá suporte à hipótese de que fatores ligados à classe social, para além do grau de escolarização, podem ser determinantes das possibilidades ocupacionais desses sujeitos: qualidade da instituição em que foi concluído o ensino médio e as condições em que isso ocorreu, capital social e capital cultural<sup>1</sup> desses sujeitos etc.

#### 6.1.5. Comentário

A caracterização socioeconômica dos dois grupos de sujeitos aponta para a adequação dos critérios que combinamos na seleção dos sujeitos, em diferentes locais de coleta de informações. De fato, o grupo de jovens que estudava na escola pública de bairro com alto Índice de Exclusão Social se alinha ao perfil socioeconômico de camadas mais pobres de nossa sociedade – embora não extremamente pobres – e o grupo de jovens que estudava na escola particular de prestígio localizada em um bairro com baixo Índice de Exclusão Social se adequa ao perfil socioeconômico de camadas mais ricas de nossa sociedade.

A partir desse momento, consideramos que a caracterização dos grupos com que trabalhamos como um grupo de jovens pobres e outro de jovens ricos pode ser utilizada não apenas como referência a pressupostos adotados na seleção dos locais de coleta de informações, mas também com o apoio dos dados produzidos e discutidos a partir dessas informações.

---

<sup>1</sup> Bourdieu traz essas noções, que consideramos que enriquecem nossa análise. Segundo o autor, cada indivíduo é caracterizado por uma herança familiar, composta por elementos exteriores ao sujeito – capital econômico (bens e serviços a que tem acesso), capital social (relacionamentos influentes mantidos pela família) e o capital cultural institucionalizado (títulos escolares) –, bem como por elementos que se integram à subjetividade. Nesse último grupo está o capital cultural na sua forma “incorporada”, que diz respeito às competências linguísticas e culturais socialmente herdadas que facilitam o desempenho escolar e profissional. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002)

A seguir, apresentaremos as seções que organizam e analisam as respostas dos nossos grupos de sujeitos. Trabalhamos separadamente com cada grupo. Faremos essa análise a partir das categoria que construímos, que trazem os temas que apareceram com mais frequência para os dois grupos de jovens.

No item 6.2, analisaremos as duas redações escritas pelos jovens pobres, buscando, a partir de suas respostas, configurar elementos de significação desses sujeitos sobre si mesmos e sobre o outro (jovem rico).

No item 6.3, trabalharemos, de forma análoga, com as duas redações escritas pelos jovens ricos, buscando constituir as significações desses sujeitos sobre si mesmos e sobre o outro (jovem pobre).

Já no item 6.4, tentaremos um movimento de comparar os dados apresentados nos itens anteriores, utilizando as categorias para nos ajudar nesse processo. Escolhemos as categorias que tiveram conteúdos mais expressivos, nos dois grupos de sujeito. Para facilitar a compreensão do que buscamos, apresentamos um exemplo concreto: na categoria esforço pessoal, comparamos como os jovens pobres significam o esforço pessoal em seu próprio futuro e como os jovens ricos significam o esforço pessoal no futuro dos jovens pobres – e vice-versa.

## 6.2. Análise das redações dos jovens pobres

Apresentamos, a seguir, a tabela que evidencia a frequência com que cada categoria apareceu para o coletivo de jovens pobres. Esses dados apontam para a relevância que cada tema assume para esse grupo.<sup>1</sup>

Tabela 4 – Frequência com que cada categoria apareceu entre os jovens pobres

Categoria	Futuros dos dois (seu e do outro)		Seu futuro		Futuro do outro (jovem rico)	
	Total de respostas	Porcentagem total	Número de respostas	Porcentagem (%)*	Número de respostas	Porcentagem (%)*
Trabalho	58	15,9%	33	9,1%	25	6,9%
Ensino superior	57	15,7%	31	8,5%	26	7,1%
Família	55	15,1%	17	4,7%	38	10,4%
Esforço pessoal	40	11,0%	17	4,7%	23	6,3%
Mudanças de vida	36	9,9%	22	6,0%	14	3,8%
Ensino médio	32	8,8%	13	3,6%	19	5,2%
Dinheiro e consumo	21	5,8%	6	1,6%	15	4,1%
Identidade	15	4,1%	10	2,7%	5	1,4%
Relações sociais	12	3,3%	7	1,9%	5	1,4%
Sentimentos	10	2,7%	8	2,2%	2	0,5%
Outros estudos e cursos	7	1,9%	4	1,1%	3	0,8%
Juventude	5	1,4%	4	1,1%	1	0,3%
Local de moradia (exterior)	5	1,4%	2	0,5%	3	0,8%
Lazer (diversão, festas, viagens)	5	1,4%	1	0,3%	4	1,1%
Participação política e social	3	0,8%	2	0,5%	1	0,3%
Conteúdo religioso	3	0,8%	2	0,5%	1	0,3%
<b>Total</b>	<b>364</b>	<b>100,0%</b>	<b>179</b>	<b>49,2%</b>	<b>185</b>	<b>50,8%</b>

<sup>1</sup> É importante destacar que as porcentagens que utilizamos apresentam valores aproximados. Optamos pelo uso de apenas uma casa decimal para facilitar a visualização dos dados, reconhecendo que essa escolha pode implicar uma soma que não feche perfeitamente, por décimos.

\* Todas as porcentagens foram calculadas em cima do número total de respostas (referentes aos futuros dos dois jovens), para permitir a comparação de quaisquer valores na tabela.

Destacamos a predominância, nesta ordem, das categorias “Trabalho”, “Ensino Superior” e “Família”.

A categoria “Família” chama a atenção pela distribuição das respostas: estão mais concentradas no “futuro do outro”. Isso revela uma caracterização mais detalhada das configurações familiares dos jovens ricos, que são idealizadas pelos pobres. Poderemos analisar isso com mais detalhes, ao olhar qualitativamente para esses dados, a seguir.

A categoria “Esforço Pessoal” aparece em quarto lugar, mostrando a relevância desse tema para o grupo de jovens pobres. A distribuição das respostas entre os futuros dos jovens pobres e dos outros (ricos) mostra como a análise quantitativa desses dados precisa estar acompanhada de uma análise qualitativa. Ao olhar quantitativamente para esses dados, percebemos uma concentração das respostas no futuro do outro (jovem rico). No entanto, percebemos, ao olhar qualitativamente para tais dados, que essa maior concentração de respostas no futuro dos outros (jovens ricos) aponta principalmente para uma significação de não-esforço, de ausência dessa necessidade para quem é rico.

As respostas da categoria “Dinheiro e Consumo” estão mais concentradas no futuro do outro, o que se liga a suas condições socioeconômicas de riqueza. Também a categoria “Lazer” chama a atenção pela sua concentração no futuro do outro (rico). Isso aponta para uma significação de que o lazer, a diversão, as festas ficam para quem é rico, para quem não precisa se esforçar e pode aproveitar a vida, sem responsabilidades.

As categorias “Identidade” e “Sentimentos”, por trazerem conteúdos mais pessoais, que caracterizam a forma como os jovens percebem a si, estão concentradas em seu futuro.

Ressaltamos a presença da categoria “Conteúdo Religioso”, específica desse grupo de sujeitos. Esses conteúdos indicam que os jovens desse grupo estão engajados em alguma religião ou são próximos, de alguma outra forma, a valores religiosos.

Por fim, destacamos que a categoria “Participação política e social”, com apenas 0,8% das respostas, assume relevância justamente por essa porcentagem tão baixa. Os desejos de participar de forma ativa dos rumos do país e de contribuir para uma mudança da sociedade não estão presentes de forma significativa para esse grupo de sujeitos.

Escolhemos apresentar as categorias a partir de uma sequência lógica, em vez de organizá-las por sua frequência. Começaremos pelas categorias “Esforço Pessoal” e “Mudanças de Vida” – as duas muito relacionadas –, pela centralidade que o esforço individual assume nos projetos de vida desses jovens, com o meio pelo qual conseguem conquistar os seus objetivos. Em seguida, traremos as categorias “Ensino Médio”, “Ensino Superior” e “Trabalho”, que se encadeiam em geral nessa ordem nos projetos de futuro dos

jovens. A categoria “Família”, que perpassa todos esses momentos, vem logo depois, seguida das demais.

### 6.2.1. *Eu me esforço; tu não te esforças.*

Em nossa sociedade, em que a ideologia liberal é dominante e perpassa todas as camadas socioeconômicas, é forte a ideia (ideológica) de que a ascensão ou a estagnação social podem ser explicadas apenas pela quantidade de esforço que cada indivíduo faz para melhorar suas condições de vida. Para os jovens pobres com que trabalhamos, tal ideologia do esforço pessoal aparece de forma enfática.

Consideramos que essa lógica é ideológica porque carrega uma meia-verdade: é verdadeiro que o esforço tem valor e que as pessoas precisam aplicar esforços para obter suas metas pessoais; no entanto, ascender socialmente pelo próprio suor ocorre muito raramente, em exemplos como o de Sílvio Santos, que são tratados ideologicamente como prova de que tal possibilidade está aberta para todos.

Não está. As desigualdades socioeconômicas em nossa sociedade são sustentadas também por disparidades no acesso à educação básica e superior, aos postos no mercado de trabalho, aos bens culturais produzidos pela humanidade, configurando uma barreira difícil de ser transposta por sujeitos de classes mais pobres, cuja constituição subjetiva se deu sem o acesso aos bens materiais e culturais tão comuns às vidas da elite.

Vejamos o que os jovens pobres tiveram a dizer sobre a categoria a que denominamos de “Esforço pessoal”.

Tabela 5 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Esforço pessoal (continua)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
A (F)	-	“...conseguiu sem esforço um emprego...” “...lembrou-se nesse momento que o colega sempre fora inteligente, mas não tinha dinheiro e estudava em uma escola pública, pensou consigo mesmo... Quem dera pudesse voltar no tempo...”
C (F)	-	“... apesar de todo esforço, não me arrependo, pois agora tenho o que quero.”

Tabela 5 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Esforço pessoal (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
D (F)	-	“...não precisou se esforçar tanto para conseguir o que um jovem de baixa renda tende fazer para conseguir entrar em uma faculdade.”
G (F)	<p>“Comecei a batalhar, trabalhar e me esforçar nos meus estudos porque afinal tinha um objetivo.”</p> <p>“Hoje posso dizer que sou vencedora nesses últimos 10 anos me esforcei consegui ingressar na USP ter um trabalho bom e ser feliz.”</p>	“...e sem passar por dificuldades alguma.”
H (F)	“..às vezes reclamava demais pensei em desisti várias vezes, direto reclamava do cansaço, da escola, dos cursos que fazia mais não desisti a cada lágrima de cansaço que caía era mais força que eu ganhava.”	“Como uma pessoa, como um adolescente até mesmo, nunca precisou se esforçar muito para conseguir as coisas que queria, Manoela Motta sempre teve tudo ao mesmo tempo...”
I (F)	-	<p>“Na verdade Felipe não queria nada da vida...”</p> <p>“Ser rico e estudar em uma escola cara não adianta nada se a pessoa não quiser nada da vida, há muitas pessoas que não tem tantas oportunidades mas correm atrás e alcançam seus objetivos.”</p>
J (F)	“E agora concluo que, nesses dez anos da minha vida eu realizei uma boa parte do meu objetivo, não foi fácil, mas valeu muito a pena.”	<p>“A vida dele não deve ter sido difícil nesses últimos dez anos, porém nem sempre escolas caras nos abrem oportunidades se não estudarmos devidamente...”</p> <p>“...foi uma vida de estudo e dedicação...”</p>
K (F)	<p>“...eu fiquei pensando em como era minha vida no Brasil, em como batalhei para chegar até aqui.”</p> <p>“...resolvi apenas focar na dança. Eu não era boa em nada, só na dança (nem era tão boa também), então eu sabia que tinha que dar o meu máximo para me aperfeiçoar e poder realizar o meu sonho de me tornar uma grande bailarina.”</p>	-

Tabela 5 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Esforço pessoal (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
L (F)	<p>“Lembro das noites de sono perdidas, mas que valeram a pena...”</p> <p>“Hoje percebo que a vida é cheia de problemas e obstáculos e temos que aproveitar a juventude para crescer e aprender sempre.”</p>	<p>“Mesmo com a vida tão difícil ele é um exemplo, por mostrar que nem tudo é dinheiro, que a vida é a gente que faz.”</p>
N (F)	<p>“Hoje é dia 29 de maio de 2022 e me peguei pensando o quanto difícil foi esta onde eu me encontro agora... Veio várias portas fechadas e muitos não, mas com persistência, hoje a recompensa chegou.”</p> <p>“...não uma realidade inventada, mas sim conquistada.”</p>	<p>“Para ser franco não sofrer para estar onde eu me encontro agora...”</p> <p>“Mas, hoje 11 anos depois, perceber que talvez nunca conheça o verdadeiro sabor sobre conquista: conquistar o que sempre quis, com meu esforço e determinação, não, isso eu nunca saberei.”</p>
O (F)	<p>“Ainda me lembro como se fosse hoje, das provas, trabalhos, lições, professores e das escolas que passei, e como foi bom toda a dedicação que tive, talvez não tenha feito o meu melhor, mais hoje estou aqui, com minha família constituída e vida estabilizada.”</p>	<p>“...apesar de ter nascido em uma família rica, ele nunca quis depender dos pais. Seus pais querem ajuda-lo no sonho, mais ele não aceita, prefere trabalhar e conseguir com seu próprio esforço.”</p>
P (M)	-	<p>“Com muito esforço, horas de sono perdidas e apoio de próximos, Miguel hoje alcançou todos os seus sonhos...”</p>
Q (M)	<p>“Uma vida batalhadora com todos os objetivos e idéias conquistada e com o medo superado.”</p>	<p>“Uma vida fácil, tudo na hora, sem esperas, uma vida cuja a qual nunca precisei me esforçar muito para conseguir o que queria, era só pedir dinheiro para meus pais e pronto, problema resolvido.”</p> <p>“Sempre me questionei: muitos queriam ter o que tenho e não tem e mesmo assim, correm atrás do que quer, o que vale mais uma vida fácil ou uma vida cheia de batalhas e méritos?”</p>
R (M)	-	<p>“Mas levaria meio que digamos uma vida normal mas só que com mais atribuições e oportunidades. E ele não teria nenhuma dificuldade pra nada.”</p>
S (M)	<p>“...me fez recordar toda a trajetória que travei, com punho de ferro para alcançar estes objetivos: o quanto tive que me afasta daqueles que me amavam, ou dizia amar-me, porem temos que sacrificar algumas coisas pela nossa felicidade.”</p>	-

Tabela 5 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Esforço pessoal (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
T (M)	“Lembra a dez anos atrás pensava em fazer tudo abraçar o mundo e quando comecei a correr atrás do que queria Não parei mais de tudo que quis eu fiz e batalhei e venci.”	-
U (M)	“O caminho até a minha formatura não foi fácil, conciliando trabalho, estudos, responsabilidade e a família mas cinco anos atrás isso valeu muito a pena...”	-
V (M)	“...no entanto a derrota que trouxe o pensamento de desistência acabou gerando o triúmviro de retomar o caminho em busca de uma meta em comum com aquilo que as pessoas conhecem como felicidade, através do trabalho e do esforço contínuo. O termo mais plausível a ser usado é guerra, porque na guerra há a evolução o desenvolvimento o valor a ser dado áquilo que tem.”	“...tendo em vista que seus responsáveis sabem o quão é duro alcançar suas metas. Os responsáveis pela supervisão desta pessoa fizeram e fazem todos os esforços para que ele aprenda e entenda que tudo deve ter um mérito uma dedicação.” “...que o leva a dar mérito á suas escolhas e se dedicar para que sempre esteja aprendendo.”
W (M)	“Uma trajetória um tanto quanto árdua e cansativa, porém satisfatória ao ver quanto todo esforço e concentração aliada a um foco traçado como profissão desde sempre...”	“... todos sem julgando, pela facilidade em ter e obter sucesso devido à situação, mas mesmo assim continuei a seguir meu sonho.” “Mas como tudo que ‘vem fácil vai fácil’ perdi tudo o que tinha por meio da própria condição financeira, mesmo tendo estudado sempre nos melhores e mais conceituados colégios musicais...” “O meu próprio sucesso destruiu minha carreira nos últimos 10 anos por não saber valorizar.”
<b>Total de sujeitos – 19</b>	<b>Total de respostas - 17</b>	<b>Total de respostas - 23</b>

### Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:

Percebemos que a ideologia do esforço pessoal se materializa nas falas dos jovens pobres sobre o seu futuro, ganhando grande peso para esse grupo de sujeitos. A presença da ideologia liberal, com a ideia de um esforço individual como meio de ascensão social, já vem ganhando visibilidade e sendo discutida por outras pesquisas sobre a temática de projetos de futuro com jovens pobres. (LIEBESNY, 1998; BOCK; LIEBESNY, 2003; MARQUES, 2007; SOUZA et. al, 2007; ZONTA, 2007; A.OLIVEIRA, 2009; S.BOCK, 2010)

Eis a lógica que aparece: o seu caminho não é fácil, pois há vários obstáculos, várias portas fechadas. Para superá-los, é necessário empreender uma batalha, com dedicação e

persistência. O esforço pessoal é significado como forma de superar tantas pedras no meio do caminho. Não é fácil travar essa luta, mas vale a pena: esse esforço, esse movimento de superação, leva à conquista, à realização de sonhos, à satisfação. Destacamos que os esforços, tal como concebidos pelos jovens pobres, trazem uma significação de mobilização física e renúncia a comodidades.

Tal certeza matemática de que obstáculos mais esforços resultam em vitória esconde o fato de que os casos em que esforços não garantem o sucesso não são exceções, e sim constantes em nossa realidade.

### **Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

Em relação ao futuro imaginado pelo jovem pobre para o rico, distinguimos três grandes grupos de significados sobre o esforço pessoal.

O primeiro, mais frequente, é o de que os jovens ricos têm uma vida fácil, sem dificuldades, com oportunidades e que, por isso, não necessitam fazer esforços. Ao mesmo tempo em que se atribui a eles tantas vantagens, é apontada uma desvantagem: eles nunca conhecerão o valor do mérito e o sabor de conquistar algo pelo próprio esforço.

O segundo grupo, também expressivo, traz o significado de que os jovens ricos não se esforçam, de que não querem nada com a vida. Nesse sentido, não adiantaria ser rico, se o indivíduo não dá valor ao que tem, uma vez que essa ausência de esforços levaria a uma vida arruinada, com privilégios perdidos.

O terceiro grupo de significados fala de jovens ricos que empreendem esforços. Destacamos dois subgrupos. O primeiro é composto por sujeitos ricos que se esforçam à maneira como os pobres descrevem o seu próprio esforço: renunciando às comodidades que viriam de sua riqueza e realizando um trabalho duro. O segundo é dos jovens ricos que até empreendem alguns esforços, localizados em sua relação com os estudos e com o conhecimento – mas não são esforços muito grandes, nem muito penosos.

6.2.2. *Eu construo a minha vida, pelo esforço; tu destróis a tua, pela ausência de esforços.*

A tabela a seguir apresenta conteúdos que os sujeitos pobres trouxeram sobre a categoria que chamamos de “Mudanças de vida”.

Tabela 6 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Mudanças de vida (continua)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
A (F)	-	“...na realidade ele reconhecia que seu cargo poderia ser mais alto se tivesse continuado seus estudos. ... pensou consigo mesmo: ‘Quem dera pudesse voltar no tempo...’.”
B (F)	“E hoje dia 29 de maio de 2022 estaria com uma condição melhor e com meus objetivos concretos.”	-
C (F)	“O melhor de estar nesse momento da minha vida é olhar para traz e dizer que não haveria mudado nada, tudo o que aprendi e fiz foi importante para mim e acima de tudo ter certeza de que quem não sonha, não concretiza, por isso sigo sonhando e acreditando nas minhas escolhas, nos meus sonhos em mim.”	“...agora tenho o que quero.”
E (F)	“...com a vida mais estabilizada entrei na USP para fazer Letras e hoje estou aqui.”	“...e hoje está com a vida totalmente estável.”
G (F)	“...achava que a vida era somente brincadeira, mas com o passar desses anos aconteceu muitas coisas, houve uma mudança de pensamento que transformou minha vida.”	-
I (F)	“Parando pra lembrar do passado, me bate certa saudade de como a minha vida era, mas prefiro ela como esta agora...”	“Por conta disso tudo [de não querer nada na vida e gerar brigas na família, que levaram ao falecimento do pai] ele acabou se revoltando e começou a usar drogas, saiu de casa e até hoje não se sabe seu paradeiro.”
J (F)	“Meu nome é Mário, tenho 20 anos e se eu parar e pensar como era minha vida e tudo o que aconteceu quando eu tinha 10 (dez) anos, chegaria em uma conclusão complexa de que ainda estou correndo atrás dos mesmos objetivos só que com mais responsabilidade, afinal, eu amadureci.”  “E agora concluo que, nesses dez anos da minha vida eu realizei uma boa parte do meu objetivo...”	-

Tabela 6 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Mudanças de vida (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
K (F)	<p>“Já faz 10 anos desde quando eu fiz uma pesquisa para a escola em que eu devia dizer como seria minha vida dali 10 anos, e só de lembrar que se concretizou o que eu punha naquela redação, fico toda arrepiada.”</p> <p>“Sair do Brasil foi a melhor escolha que já fiz. Cheguei aqui sem ter onde morar ou trabalhar, mas tinha certeza que tudo ia dar certo. (...) Realmente, meu sonho se concretizou.”</p>	<p>“Alice entrou no mundo das drogas; gastava todo o dinheiro que os pais lhe mandavam em drogas. Os pais dela foram visitá-la, um certo dia, de surpresa, e encontraram-na bebada e drogada no hotel. Tiraram sua mesada e a deserdaram.”</p> <p>“Alice morreu antes de completar 28 anos, com dois tiros na cabeça e três no peito, por um traficante a quem devia muito dinheiro. Realmente, o mundo dá voltas.”</p>
L (F)	<p>“Hoje fazem 10 anos que eu terminei meu Ensino Médio, é difícil acreditar que tão pouco tempo passou, afinal foram tantas conquistas!”</p> <p>“...hoje vejo que tudo que passei só me fez melhor, bem-sucedida e realizada.”</p>	<p>“Nesses últimos anos a vida dele deu várias reviravoltas, por ele achar que só porque era rico a vida dele seria uma maravilha, mas não foi bem assim.”</p> <p>“Jairo está se divorciando do primeiro casamento... está trabalhando 6 dias por semana e recebe um salário mínimo por isso. Logo quando terminou a escola foi internado por dependência química... Quando tudo estava dando certo, ele largou tudo para casar com Maria Clara, uma ex-prostituta...”</p>
M (F)	<p>“Não conseguir realizar o meu maior sonho mais quem sabe mais pra frente eu consigo realizar o meu dois sonho ser chefe de gastronomia e bombeira.”</p>	-
N (F)	<p>“O sonho que eu sempre quis, agora virando realidade...”</p>	-
O (F)	<p>“...pensava que nada ia dar certo, mais felizmente estou aqui [com mestrado e doutorado em odontologia].”</p> <p>“...mais hoje estou aqui, com minha família constituída e vida estabilizada.”</p>	<p>“Em 10 anos Paulo não conseguiu fazer muita coisa...”</p>
P (M)	<p>“Há 10 anos atrás até atualmente não mudou muita coisa, continuo com as mesmas opiniões...”</p>	<p>“Lembrando dele ha exatos 10 anos atrás, já sabia quão bem sucedido seria Miguel, meu amigo e irmão.”</p>
Q (M)	<p>“Foi uma vida alegre, como toda vida com dias ruins, mas que tiveram o seu fim.”</p>	-
R (M)	<p>“Esses meus últimos 10 anos foram bons embora como qualquer outro ano de algumas pessoas, com altos e baixos, mas sem grandes complicações.”</p>	-

Tabela 6 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Mudanças de vida (conclusão)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
S (M)	“...e mostrando [que alcançou seus objetivos] a todos que não acreditava que eu poderia chegar.”	“Não sei como parei aqui, acho que isso tudo começou depois que meu pai morreu dono de uma das maiores empresas de engenharia do Brasil.”  “...e hoje eu so me pergunto porque estou aqui morando na rua.”
V (M)	“Sendo assim a vitória dessa guerra [de busca da felicidade] algo ainda não concluído.”	-
W (M)	“...um sonho que após anos de estudo e preparação se torna realidade.”  “...mal imaginava que um dia realmente viria ser o que hoje é, e não só hoje, como em um futuro tão próximo, mesmo com toda pressão de pessoas pré-julgando-me um sem futuro, em dez anos alcançar algo tão grandioso como o sucesso não só nacional, como internacional também.”	“Como muitos de família tradicional, também sofrendo preconceito por classes mais baixas, acabei me perdendo com o desenvolver dos meus próprios anos.”  “...perdi tudo o que tinha por meio da própria condição financeira... o meu próprio sucesso destruiu minha carreira...”
<b>Total de sujeitos –</b> <b>18</b>	<b>Total de respostas - 22</b>	<b>Total de respostas -14</b>

Ressaltamos que essa categoria está em relação direta com a anterior: são os esforços empreendidos, ou a sua ausência, que determinam as condições de vida futuras.

### **Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

Em relação às mudanças que sua vida teria no futuro, a maior parte dos jovens pobres traz o significado de que sua vida melhorará: no futuro, eles estarão com a vida estabilizada e com seus sonhos realizados; terão alcançado seus objetivos, provando o contrário às pessoas que achavam que eles não poderiam conseguir. Chama-nos atenção a seguinte frase, que apareceu na redação de alguns jovens: “E hoje estou aqui.” Perguntamo-nos: aqui aonde? Em que lugar eles desejam chegar? Parece-nos que é em um lugar em que eles são valorizados por conseguirem atingir suas metas.

Há, ao mesmo tempo, uma parcela menor de jovens que traz o significado de não ter conseguido alcançar (ainda) seus objetivos, de a vida não ter mudado muito. Para eles, dez anos ainda é pouco tempo para grandes mudanças em suas vidas.

### Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):

Em relação às mudanças de vida imaginadas para os jovens ricos, chama atenção o fato de que muitos de nossos sujeitos pobres construíram um enredo novelesco dramático para esse outro. O jovem rico é aquele que estragou a vida: usa drogas, vira morador de rua, é assassinado, destrói a sua carreira, trabalha em subempregos e ganha pouco, casa com uma ex-prostituta que acaba com a sua vida (e se divorcia dela) etc.

Parece haver, nesse enredo, uma inversão do futuro esperado socialmente para cada grupo. Em uma lógica que maximiza a importância do esforço pessoal, nossos sujeitos pobres parecem brincar com o tema da redação, ao inverter o esperado: o jovem pobre se torna aquele com um futuro bom e estável, por ter se esforçado e dado valor ao que conseguiu, enquanto o jovem rico constrói para si uma verdadeira desgraça, destruindo as oportunidades que tinha de início por não ter dado valor a elas.

Perguntamo-nos: haveria um sentimento de raiva por trás dessa inversão, construída de forma a conferir aos ricos futuros tão trágicos? E o que seria esse “dar valor”, mencionado por nossos sujeitos? O que determinaria se uma pessoa dá ou não valor às coisas?

Um outro grupo, menor, de jovens pobres projeta para os jovens ricos um futuro de vida estável, bem sucedida e de objetivos alcançados – geralmente garantido por sua condição social, mas que também pode vir de um esforço ligado à renúncia às comodidades de uma vida rica e fácil.

#### 6.2.3. *Minha escola não me deu boas oportunidades; a tua te deu as melhores.*

A tabela que se segue apresenta os conteúdos que os sujeitos pobres trouxeram sobre a categoria a que chamamos de “Ensino médio”.

Tabela 7 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Ensino médio (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
A (F)	-	“...concluiu o ensino médio com êxito...”
B (F)	“...eu terminei o ensino médio e o meu curso de inglês...”	-
C (F)	-	“Hoje sei que tudo em meu passado foi importante as sete horas de estudo por dia, os professores particulares, os melhores colégios e cursinhos...”

Tabela 7 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Ensino médio (continuação)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
D (F)	“...eu não estudava em uma escola com uma boa base para poder passar em provas de cursos ou vestibulares.”	-
E (F)	“Bom o primeiro semestre do Ensino Médio concluir em São Paulo (capital). O segundo semestre fui para o interior, onde concluir a segunda fase da minha vida escolar.”	“Concluiu o Ensino Médio...”
F (F)	“Quando eu estava no ensino médio, no 3º ano, além de estudar fazia cursinho pré-vestibular. Me preparando para entrar em uma universidade pública...”	“Ricardo após se forma no ensino médio...”
G (F)	“Quando terminei o ensino médio...”	“Quando Rosy terminou o ensino médio, já tinha uma preparação certa pois afinal onde ela estudou era a melhor escola.”
H (F)	“Como uma estudante técnica de turismo/hospedagem...”	“...terminou a escola...”
I (F)	“...terminei os estudos...”	“...se formou em uma das melhores e mais caras escolas de São Paulo...”
J (F)	“...afinal, ou nascemos ricos ou estudamos para conseguir ser rico...”	“Um jovem chamado Mário se formou com 17 (anos) no Ensino Médio na escola Tranquedo Neves uma escola chique e muito desejada, lá ele foi preparado para as provas e vestibulinhos das melhores faculdades do Brasil.”
K (F)	“Ao terminar o Ensino Médio...”	“Estudava na melhor escola particular que já conheceria.”  “Ao terminar o ensino médio...”
L (F)	“Hoje fazem 10 anos que terminei meu Ensino Médio...”	“Jairo tem 27 anos, hoje faz 10 anos que ele completou o 3º ano do Ensino Médio.”
M (F)	-	“O jovem Bruno ele estudou numa escola particular e mora no um bairro de rico.”
N (F)	-	“...quando terminei o ensino médio...”
O (F)	“No ensino medio pensava muito no que fazer, tinha muita duvida...”	“...terminou o ensino médio...”
R (M)	-	“E o mais importante que o levaria a seu futuro o ensino de qualidade e a boa oportunidade.”
S (M)	“Recordo com saudade os meus tempos de escola...”	-

Tabela 7 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Ensino médio (conclusão)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
U (M)	“Logo após de terminar o ensino médio...”	“Com uma grande referência estudantil, educacional e moral que adquiri durante todos os meus anos de ensino fundamental e médio...”  “...tinha um bom pacote de conhecimento adquirido na minha escola.”
V (M)	-	“Uma vida cuja a qual sempre houve responsabilidade em seu aprendizado, não porque ele deveria tirar boas notas, mas sim porque ele deveria absorver o máximo de conhecimento...”  “Poucos permanecem até o fim do ensino médio e concluem com êxito, este jovem porém o fez e reteve o máximo de informação...”
<b>Total de sujeitos – 19</b>	<b>Total de respostas - 13</b>	<b>Total de respostas – 19</b>

### **Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

Os conteúdos que os jovens pobres trazem sobre o ensino médio, em relação ao seu futuro, são escassos. A maior parte das respostas indica, de forma sucinta, que essa etapa foi concluída. Destacamos duas outras significações que aparecem: a crítica à própria escola, pública, por não dar uma boa base para passar no vestibular; e a ideia de que o estudo é um meio para se ficar rico.

Tais significações se constituem em referência ao discurso, que corre socialmente, que coloca a escola como meio de solução para as desigualdades e o estudo como meio de ascensão social, através de um esforço individual do sujeito para estudar. A ideia da escola como instituição salvadora, que possibilita a ascensão social, tem sido mostrada tanto por pesquisas que trabalharam com projetos de futuro de jovens, como a de S. Bock (2010), quanto por estudos sobre a dimensão subjetiva da desigualdade social (REIS, 2000; SCALON; CANO, 2005; SOUZA, 2009; EUZÉBIOS FILHO; GUZZO, 2009; KULNIG, 2010)

### Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):

A escola dos jovens ricos é idealizada pelo grupo de jovens pobres. Os ricos são aqueles que têm acesso aos melhores colégios e cursinhos, que são os mais caros, chiques e desejados, que dão preparação certa, ensino de boa qualidade, boas oportunidades e referências não só educacionais, como também morais. Os jovens ricos estão entre os poucos que concluem o ensino médio com êxito e que têm responsabilidade no aprendizado, visando adquirir conhecimentos e reter o máximo de informações, e não só tirar boas notas.

#### 6.2.4. *Para mim, chegar na faculdade é difícil; para ti, é fácil.*

A seguir, trazemos a tabela com a categoria “Ensino superior”. É uma importante categoria, a que obteve o segundo maior número de respostas, quase empatada com a primeira, “Trabalho”. Distribuem-se de forma harmônica as respostas quanto ao futuro do outro e ao seu.

Tabela 8 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Ensino superior (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
A (F)	-	“... não continuou os estudos... mas na realidade ele reconhecia que seu cargo poderia ser mais alto se tivesse continuado seus estudos.”
B (F)	“...comecei a fazer minha faculdade de designer de moda...” “... e continuei trabalhando e estudando durante mais quatro ou cinco anos...”	“Ele com certeza conseguiu passar na maioria das provas que ele fez para entrar em boas universidades, fez uma boa faculdade de medicina...”
C (F)	“...naquele momento em que eu escolhi minha faculdade, que estava escrevendo a história do meu futuro.” “..já me encontro na minha segunda faculdade...”	-
D (F)	-	“Esse jovem passou numa boa faculdade...” “...não precisou se esforçar tanto quanto um jovem de baixa renda tende a fazer para conseguir entrar em uma faculdade.”

Tabela 8 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Ensino superior (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
E (F)	<p>“Lá trabalhei e estudei para que pudesse no próximo ano entrar na universidade pública.”</p> <p>“No fim desse novo ano fiz a prova da Fuvest e passei, entrei na UNICAMP na área de música.”</p> <p>“Fiz estágios, onde adquirir bastante experiência.”</p> <p>“Com a vida mais estabilizada entrei na USP para fazer letras e hoje estou aqui.”</p>	<p>“...entrou em uma boa universidade particular...”</p> <p>“...passou todo o curso se dedicando aos estudos...”</p> <p>“Concluindo a primeira, entrou em uma outra...”</p>
F (F)	<p>“...entrar em uma universidade pública, em específico a USP. Consegui entrar na USP em letras...”</p> <p>“Depois de forma, fiz direito na mesma universidade.”</p> <p>“Após este que estou sofrendo no momento, pretendo fazer filosofia e depois antropologia...”</p>	<p>“Entrou em uma universidade para estudar engenharia...”</p>
G (F)	<p>“Fiz cursinho me preparei para prestar o vestibular, e consegui entrar na USP no curso de medicina.”</p>	<p>“...se formou em engenharia ambiental, não teve nenhuma dificuldade enquanto a isso. Logo depois foi para o exterior fazer sua pós-graduação.”</p>
H (F)	<p>“Hoje tenho todos meus 4 cursos concluídos, estudo terminado, fiz minhas 2 faculdades de turismo e evento, fiz pós graduação em marketing...”</p>	<p>“...por um incentivo grande da família e talvez um pressão do pai e da mãe escolheu fazer medicina...”</p> <p>“...entrou na faculdade particular de medicina...”</p>
I (F)	<p>“...e já comecei uma das faculdades, diz psicologia, porém não gostei muito. Três anos depois eu comecei a fazer paisagismo, gostei muito.”</p>	<p>“...ele não quiz fazer faculdade já no ano seguinte, só foi fazer 3 anos depois, porém não terminou.”</p>
J (F)	<p>“...afinal, ou nascemos ricos ou estudamos para conseguir ser rico...”</p> <p>“Quando eu tinha dez anos queria ser médico, e olha só, eu estou aqui já tenho 1 (um) ano de faculdade...”</p>	<p>“...hoje certamente está em uma das melhores faculdades.”</p>
K (F)	<p>“Hoje, saindo da Juilliard (escola de Arte, EUA)...”</p>	<p>“...os pais de Alice a mandaram para a Europa, para estudar [após o ensino médio].”</p>
L (F)	<p>“Passar na Unicamp e na Belas Artes foram as primeiras [conquistas]...”</p> <p>“Lembro das noites de sono perdidas, mas que valeram a pena, dos trabalhos e relatórios que duravam a noite inteira e me satisfiziam de tão bons.”</p>	<p>“...quando saiu da clínica [para dependentes químicos] foi fazer faculdade de direito, uma faculdade particular, mais precisamente Mackenzie.”</p>

Tabela 8 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Ensino superior (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
M (F)	<p>“Gostaria muito de fazer uma faculdade no Rio de Janeiro mais meus pais não deixaram porque eu sou muito nova ainda porque eles falaram que eu não trabalho e tenham que fazer a minha faculdade aqui em São Paulo.”</p> <p>“Acabei fazendo uma faculdade de Hotelaria e turismo.”</p>	<p>“Ele terminou com 17 anos e fez uma faculdade no Rio de Janeiro de música...”</p>
N (F)	<p>“Começou com a indecisão dos meus 18 anos, sem saber ao certo qual faculdade cursar. Depois de algum tempo a decisão apareceu como se no fundo eu sempre soubesse o que eu queria.”</p> <p>“Cursei a tão esperada e sofrida faculdade de medicina, tantas noites mal dormidas...”</p>	<p>“...logo [após o ensino médio] seguir pra universidade em que meus pais bancavam sem nenhum esforço...”</p>
O (F)	<p>“...e hoje estou aqui, com mestrado e doutorado em odontologia...”</p> <p>“...e hoje já terminei meu curso de musica e odonto também, e se Deus quiser um dia ainda faço Ciências biológicas, uma paixão desde criança.”</p>	<p>“...fez faculdade de gastronomia...”</p>
P (M)	<p>“Esse ano irei prestar vestibular, toda eles com bolsa voltada para área de medicina.”</p>	-
Q (M)	<p>“...hoje estou aqui, formado em uma grande universidade...”</p>	-
R (M)	-	<p>“E o mais importante que o levaria a seu futuro o ensino de qualidade e a boa oportunidade.”</p>
S (M)	<p>“Com tudo depois desta história de puro estudo...”</p>	<p>“Em breve estarei me formando em medicina...”</p> <p>“...pois o que me vale todos estes estudos?”</p> <p>“...tempo perdido que levei naquela FACU, e preencher todas as lacunas que perdi estudando e me divertir.”</p>
T (M)	<p>“...ter feito Engenharia elétrica, doutorado, pos em eletrotécnica ou eletrônica...”</p>	<p>“...agora era so festa pra que fazer faculdade eu tenho muito dinheiro não preciso mais disso.”</p>

Tabela 8 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Ensino superior (conclusão)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
U (M)	<p>“...fiquei um pouco perdido sobre o que seguir ou o que fazer, afinal eu não tinha uma referência ou base do que fazer ou qual carreira seguir. As únicas coisas que tenho facilidade é com idiomas e matemática, me viera uma bifurcação: ou faria administração, ou eu faria letras. Acabei ficando com a 2ª opção, pois eu adoro Inglês e tenho extrema facilidade de lidar com idiomas.”</p> <p>“...e o mais breve possível, começarei a fazer doutorado.”</p>	<p>“...início o ensino superior com grande rapidez e certeza do que eu tenho para meu futuro.”</p> <p>“Fiz o curso de economia para posteriormente eu possa assumir os negócios da minha família visando o sucesso e o prestígio que o meu pai tem.”</p> <p>“O curso em si era difícil, mas eu estava bem preparado para o que estava por vir, afinal eu tinha a referência da experiência da faculdade dos meus pais e tinha um bom pacote de conhecimentos adquirido na minha escola.”</p>
<b>Total de sujeitos - 21</b>	<b>Total de respostas - 31</b>	<b>Total de respostas - 26</b>

### **Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

Em seus projetos relativos ao ensino superior, muitos jovens pobres manifestam dúvidas quanto a que profissão seguir, o que é explicado por um deles por uma ausência de referências do que fazer. A dúvida quanto à escolha da profissão parece ser resolvida com o projeto de se cursar mais de uma – às vezes quatro! – faculdades no futuro. Os jovens falam da necessidade de trabalhar e de estudar ao mesmo tempo, corroborando pesquisas que falam sobre a presença dessa conjugação entre estudos e trabalho na realidade dos pobres (CORROCHANO et. al, 2008; DIEESE, 2011).

Nota-se algum desconhecimento sobre informações ligadas a vestibulares. Além disso, chama atenção o fato de que nenhum jovem pobre mencionou a política de cotas sociais em universidades públicas nem o Programa Universidade para Todos (Prouni)<sup>1</sup> como meios de acessar o ensino superior. Isso nos leva a pensar sobre a ausência, na escola, de trabalhos com esses jovens pobres que os ajudem a construir os seus projetos de futuro. Um trabalho de Orientação Profissional que fornecesse não só informações sobre as profissões, mas que também permitisse discussões sobre o mercado de trabalho e um trabalho de autoconhecimento – tal como propõe S. Bock (2006; 2010) – teria um papel fundamental nesse sentido.

<sup>1</sup> O Prouni é um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que concede bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior a alunos brasileiros, de acordo com critérios econômicos e sociais.

Ressaltamos, nas falas desses jovens, a valorização de universidades públicas de prestígio, como USP e Unicamp, e o projeto de fazer pós-graduação. Entre os cursos desejados, destacamos medicina (com uma forte presença), música, letras, direito, turismo, marketing, paisagismo, belas artes, odontologia, engenharia, psicologia. Observamos que medicina, engenharia e direito são cursos tradicionais, e que estavam entre os dez primeiros da Fuvest em 2013, assim como letras e psicologia.<sup>1</sup>

Esses dados vão em direção diferente da verificada por S. Bock (2010) em sua pesquisa com jovens pobres, na qual nenhum dos sujeitos escolheu profissões tradicionais ou da moda e na qual, também, a opção por estudar em instituições públicas se devia mais à gratuidade do que ao prestígio delas. Perguntamo-nos o porquê dessa procura, por parte do grupo de jovens pobres com que trabalhamos, por instituições de renome e cursos valorizados socialmente. Seria pelo fato de o grupo com que trabalhamos pertencer a uma camada social pobre, mas não em condição de extrema pobreza, o que lhes daria acesso, em suas relações sociais, a uma gama maior de opções profissionais? Seria expressão de um desejo de ascensão social e de ser valorizados na sociedade?

### **Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

As possibilidades de ensino superior que os jovens pobres projetam para os ricos são idealizadas, assim como as de ensino médio. Acreditam que o jovem rico é aquele que passa bem nas provas de vestibular, pois está preparado para isso por sua família e por sua escola. Entra em boas universidades – sempre particulares, pagas sem dificuldade por suas famílias –, que lhe dão ensino de qualidade e boas oportunidades. Não é necessário esforço nesse processo – nem para entrar na universidade, nem para se manter nela –, já que a família é quem paga os custos.

Percebemos que os cursos que são atribuídos para o futuro desse jovem rico são muito procurados e prestigiados, como engenharia, medicina, direito, economia. Aparecem também gastronomia e música. Ao mesmo tempo, um grupo menor dos jovens pobres fala de um jovem rico que não quer e não precisa estudar, devido à boa condição financeira de sua família.

---

<sup>1</sup> No vestibular da Fuvest de 2013, os dez cursos mais procurados, como primeira opção, foram, nesta ordem: medicina; direito; ciências médicas; arquitetura; engenharia; psicologia; economia, administração, ciências contábeis (colocadas pela USP como uma opção); letras; medicina veterinária; jornalismo. (Fonte: <http://www.fuvest.br/vest2013/estat/estat.stm>). Ao construir essa lista, consideramos apenas os cursos procurados, sem apresentar especificações de escolha por campus ou por período do dia, como faz a Fuvest.

### 6.2.5. *Eu trabalho porque preciso; tu trabalhas se quiseres.*

Em seguida, apresentamos a tabela com os conteúdos que os sujeitos pobres trouxeram sobre a categoria “Trabalho”. É uma categoria importante, a que teve o maior número de respostas, referentes tanto ao próprio futuro quanto ao futuro do outro.

A centralidade do trabalho já havia sido apontada por outras pesquisas sobre projetos de futuro de jovens pobres (PILON, 1986; LIEBESNY, 1998; BOCK; LIEBESNY, 2003; NASCIMENTO, 2002; OLIVEIRA; PINTO; SOUZA, 2003; NASCIMENTO, 2006; VALORE, VIARO, 2007; ZONTA, 2007; A.OLIVEIRA, 2009; S. BOCK, 2010).

Tabela 9 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Trabalho (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
A (F)	<p>“...até os 15 anos, sempre tive a <u>certeza</u> de que seria médica, pediatra para ser mais exata, mas depois me confundi e comecei a pensar em profissões completamente distintas, como por exemplo turismo, produção musical, psicologia, cinema, sonoplastia e etc.”</p> <p>“Me lembro de ter mais convicção em uma: PSICOLOGIA, talvez seja irrelevante descrever os motivos, mas ainda assim cabe a mim dizer que simplesmente <u>AMO</u> psicologia, e <u>hoje em dia</u> é esta a profissão que exerso, mas ainda alimento a vontade de montar meu próprio estúdio de produção musical.”</p>	<p>“...conseguiu sem esforço um emprego em uma empresa de cinema...”</p> <p>“Pietro sempre ouvia falar ... que o diretor era extremamente aplicado e por isso recebia boas oportunidades... tamanha foi sua surpresa quando descobriu que o tal diretor era um colega de infância ... sempre fora inteligente, mas não tinha dinheiro e estudava em uma escola pública...”</p>
B (F)	<p>“Depois desse tempo comecei a trabalhar na minha área que seria designer de moda...”</p>	<p>“...não precisou trabalhar para pagar a sua faculdade, nem seus cursos profissionais...”</p> <p>“...assim que ele terminou seus seis anos de faculdade ele já arrumou um emprego bem rápido em um hospital particular...”</p>
C (F)	-	<p>“Agora me encontro na situação de gerente de uma empresa muito cobiçada, a caminho de ser chefe, assim poderei cada vez ganhar mais dinheiro...”</p> <p>“... e contratar para subempregos aqueles que não tiveram a mesma oportunidade que eu...”</p>

Tabela 9 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Trabalho (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
D (F)	<p>“...trabalho na redação de um jornal há 5 anos..”</p> <p>“...aos fins de semana dou aula gratuita para comunidades carentes..”</p>	-
E (F)	<p>“Lá trabalhei e estudei para que pudesse no próximo ano entrar na universidade pública.”</p> <p>“Voltei para São Paulo onde o mercado de música é mais amplo..”</p> <p>“...me tornei uma profissional em canto e comecei a dar aulas.”</p>	<p>“...começa a trabalhar em uma boa empresa que provavelmente ele tenha sido indicado...”</p>
F (F)	<p>“...ser uma pesquisadora na área [de antropologia].”</p>	<p>“...foi trabalhar com seu pai na empresa deste.”</p> <p>“...e se torna presidente da empresa com o pai. Ao se formar em engenharia Ricardo alcançou o cargo desejado...”</p>
G (F)	<p>“...ter um trabalho bom...”</p>	-
H (F)	<p>“...quero muito trabalhar e seguir carreira na área [de turismo/hospedagem, na qual faz curso técnico]...”</p> <p>“...e já trabalhei em vários hotéis, agencias, aeroportos e companhia aéreas.”</p> <p>“...levo essa vida como turismóloga...”</p>	<p>“...e trabalhar na empresa do pai na parte de RH, já que nunca conseguia parar em outros empregos...”</p>
I (F)	<p>“Já percebi que eu prefiro coisas relacionadas a arte, me dou muito bem com essa profissão.”</p> <p>“...realizada no meu trabalho...”</p>	<p>“O pai de Felipe queria que ele seguisse a carreira dele que era um advogado famoso, mas não era o que Felipe queria.”</p>
J (F)	<p>“...medicina não é fácil mas gosto de desafios.”</p>	-
K (F)	<p>“...meu sonho de me tornar uma grande bailarina.”</p> <p>“...dou aula de ballet clássico em 3 academias, tenho um salário fixo...”</p>	-
L (F)	<p>“...dando aulas.”</p> <p>“Ainda me lembro do meu primeiro emprego, no fim do Ensino Médio, só para bancar a universidade.”</p>	<p>“...está trabalhando 6 dias por semana e recebe um salário mínimo por isso.”</p> <p>“Há dois anos ele estava, muito bem obrigada, em uma multinacional, mas novamente Maria entra em cena e faz Jairo perder o emprego...”</p> <p>“...desde então vive oscilando em trabalho com péssimas condições e desemprego...”</p>

Tabela 9 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Trabalho (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
M (F)	<p>“...porque eles [seus pais] falaram que eu não trabalho [logo, não pode fazer a faculdade aonde ela quer]...”</p> <p>“Aos 10 anos atrás fiquei pensando ser chefe de cozinha e também ser bombeira. Esse foi o meu grande sonho fazer Gastronomia e curso de Bombeiro ir embora pro Rio de Janeiro.”</p>	<p>“...e hoje ele é um cantor famoso.... acabou conseguindo ser cantor.”</p>
N (F)	<p>“...mas aqui estamos, hoje dia 29 de maio de 2022, uma médica formada.”</p>	<p>“...médica formada, emprego fixo...”</p> <p>“Depois do dermino do curso de medicina, meu pai empresario renomado do mercado fez algumas ligações e eu entrei em um grande hospital particular.”</p>
O (F)	<p>“...tinha muita duvida e acabava oscilando nas opções, em ser biologa, musica ou dentista...”</p>	<p>“...e hoje ele é chefe de cozinha em um restaurante no Rio de Janeiro...”</p> <p>“ele tem projetos de construir seu próprio restaurante, mais não consegue por que tem escola dos filhos pra pagar e despesas da casa...”</p>
P (M)	<p>“...já trabalho para comprar o que preciso...”</p> <p>“Pretendo seguir carreira em medicina, sempre foi meu sonho.... Desde criança sentia paixão em ver o bem e sempre ajudar a pessoas...”</p>	<p>“Miguel queria um bom emprego...”</p> <p>“...é dono de uma empresa...”</p>
Q (M)	<p>“...com um excelente emprego...”</p>	<p>“Trabalho? Meu primeiro emprego foi depois de me formar na faculdade, nunca precisei trabalhar para me sustentar e pagar minhas faculdades, pois meus pais faziam isso por mim.”</p>
R (M)	<p>“Mas algumas das aprovações que passei, me fizeram refletir sobre coisas que nunca pensei em fazer como no caso de um curso que fiz que tinha muito trabalho de equipe, e eu nunca gostei desses tipos de programações, mas só que o tempo me fez acreditar que não é bem assim...”</p>	-
S (M)	<p>“...estou aqui em Paris realizado sendo maquiador...”</p>	-
T (M)	<p>“...e ter passado 2 anos na Marinha do Brasil no Rio de Janeiro...”</p> <p>“...o dinheiro do meu trabalho...”</p>	-

Tabela 9 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Trabalho (conclusão)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
U (M)	“...estou dando aula em uma escola municipal até hoje...”	“...para posteriormente eu possa assumir os negócios da minha família...”  “...visando continuar essa corrente o máximo possível, para poder continuar com os negócios da família.”
W (M)	“Desde de sempre inspirado pela música, levado por diversos ritmos e melodias diferenciadas, crescendo dentro de um ambiente que sempre ajudo contribuindo para o ‘propagar’ desse talento. Aos 15 anos inicio então o ciclo em busca do sonho ‘profissão’, dando entrada em um conceituado conservatório música, praticando aulas de canto e instrumentos.”	“Com o sonho de ser músico desde criança...”
<b>Total de sujeitos - 22</b>	<b>Total de respostas - 33</b>	<b>Total de respostas - 25</b>

### **Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

Os jovens pobres colocam o trabalho, em seu próprio futuro, como algo valorizado: desejam um bom trabalho na área que escolhem, levando à realização de um sonho profissional. Destacamos, novamente, a presença da combinação entre trabalho e estudo, durante o ensino superior: o trabalho é meio de pagar a faculdade. O trabalho possibilita acesso a dinheiro e a consumo, assim como a mudanças de cidade ou de país.

Também ressaltamos que, nessa categoria, encontramos um reflexo do que vimos na categoria “Ensino superior”: o desejo de trabalhar com várias profissões parece decorrer da indecisão quanto à escolha de uma faculdade a seguir. São mencionadas profissões diversas, muitas delas exercidas por profissionais liberais, como: jornalista, psicóloga, designer de moda, médica, bailarina, chefe de cozinha, bombeira, bióloga, músico, dentista, maquiador, militar e professor.

Voltemos à pergunta do porquê de os jovens pobres com que trabalhamos escolherem profissões e instituições reconhecidas, diferentemente dos sujeitos com que trabalhou S. Bock (2010). É interessante observar que nenhuma das profissões mencionadas por esses jovens corresponde às ocupações de seus pais, que, em sua maioria, exigem pouca qualificação e não são valorizadas socialmente. Muitos jovens manifestam também o desejo de fazer mestrado ou doutorado, enquanto o nível de escolarização do conjunto de seus pais vai até o ensino

superior completo. Podemos pensar que, talvez, a escolha por essas profissões representam o desejo desses jovens de ascender socialmente, de elevar os seus níveis de escolaridade e as suas possibilidades ocupacionais para além da realidade de suas famílias.

### **Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

O trabalho imaginado pelos jovens pobres para o futuro dos ricos também é idealizado. Primeiramente, esses jovens não precisariam se esforçar para conseguir empregos: a rede de contatos de seus pais garantiria uma boa colocação, por meio de indicações ou de trabalho na empresa da própria família logo após de eles se formarem. Os jovens ricos também não precisariam se esforçar para trabalhar a fim de pagar sua faculdade, pois sua família faz isso. É esperado que esses jovens sigam a profissão desejada pela família. Observamos que as profissões atribuídas a esses jovens ora são as mesmas que os participantes sonham para si – só que o jovem rico consegue sucesso mais facilmente –, ora são profissões de prestígio e em posições de poder, de chefia: médico; gerente, presidente ou dono de empresa; advogado; chefe de cozinha.

Destacamos ainda, nessa categoria, a individualização dos sucessos e dos fracassos no mundo profissional, o que aparece na imagem de jovens ricos que não se esforçaram e não valorizaram o que tinham e, por isso, não conseguiram um bom emprego. Isso mostra claramente a significação de que o esforço pessoal, que pode vir através do estudo, define a ascensão social e a colocação ocupacional de cada sujeito.

#### *6.2.6. Minha família será perfeita; a tua já é.*

A seguir, segue a tabela com os conteúdos sobre a categoria “Família”. É uma categoria importante, a terceira com o maior número de respostas. Está muito presente no discurso desses jovens – mas mais presente quando pensam o futuro do jovem rico.

Tabela 10 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Família (continua)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
A (F)	-	“...não continuou os estudos, por suas boas relações, (afinal seus pais eram muito bem relacionados)...”
B (F)	-	“...e construiu uma família.”

Tabela 10 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
 Família (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
D (F)	“Hoje eu com 27 anos tenho um filho de 1 ano e estou casada há 2 anos...”	“...tem uma boa família..”
F (F)	“...ter filhos e poder cuidar deles.”	“...trabalhar com o pai na empresa deste.” “e noivo-se com Maria Clara que fazia a mesma universidade que ele. Após dois anos casaram-se...” “...tiveram um filho, o Jr. que irá seguir o mesmo caminho que o pai.”
H (F)	“Me casei...” “...[moro] com meu marido e duas filhas lindas e 1 filho lindo também...”	“...tinha família rica, pais maravilhosos.” “...e por um incentivo grande da família e talvez um pressão do pai e da mãe escolheu fazer medicina...” “... e trabalhar na empresa do pai...”
I (F)	“Eu não me casei e não tenho filhos, moro sozinha...” “...e tenho total apoio da minha família em tudo.”	“O pai de Felipe queria que ele seguisse a carreira dele que era um advogado famoso, mas não era o que Felipe queria.” “Na verdade Felipe não queria nada da vida, somente sair com os amigos e frequentar várias festas, e isso o pai dele não aceitava. Felipe reclamava muito de seu pai, dizia que seu pai era chato e cobrava muito dele, os dois brigavam muito, até que em uma das brigas o pai de Felipe faleceu.” “Felipe se sentia muito culpado por tudo e dizia que só havia dado desgosto ao seu pai.”
K (F)	“...meus pais me visitam todo verão [nos EUA].”	“Seus pais tinham orgulho da filha que criaram com toda educação, com tudo do bem e do melhor.” “...os pais de Alice a mandaram para a Europa, para estudar.” “Os pais de Alice foram visitá-la, um certo dia, de surpresa, e encontraram-na bebada e drogada no hotel. Tiraram sua mesada e a deserdaram.”
L (F)	“...prestes a casar...” “Reclamava dos meus pais [antigamente]...”	“Jairo está se divorciando do primeiro casamento, no qual ele tem um filho de 2 anos...” “Quando tudo estava dando certo, ele largou tudo para casar com Maria Clara, uma ex-prostituta, que, bem, vocês percebem o que aconteceu...Maria entra em cena e faz Jairo perder o emprego...” “...já com o filho cançou da vida tão difícil, pediu divorcio e agora está tentando melhorar a vida.”

Tabela 10 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Família (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
M (F)	“Mais meus pais não deixaram [fazer faculdade no Rio de Janeiro] porque sou muito nova ainda e porque eles falaram que eu não trabalho e tenham que fazer a minha faculdade aqui no São Paulo.”	“...seus pais deram o maior apoio pra ele em frente porque ele ia conseguir. E acabou conseguindo ser cantor.”
N (F)	-	“...universidade em que meus pais bancavam sem nenhum esforço, pois eramos de família rica, sempre fomos.” “...meu pai empresario renomado do mercado fez algumas ligações e eu entrei em um grande hospital particular.”
O (F)	“...com minha família constituída...”	“...teve dois filhos e casou-se a pouco tempo...” “...apesar de ter nascido em uma família rica, ele nunca quiz depender dos pais. Seus pais querem ajuda-lo no sonho [de ter seu próprio restaurante], mais ele não aceita, prefere trabalhar e conseguir com seu próprio esforço.”
P (M)	“...o apoio dos meus pais, realmente foi o que me motivou e me motiva até hoje para seguir em frente. Sem eles não sou nada.”	“...filho de uma família tradicional, sempre teve tudo do bom e do melhor...” “...é o orgulho da família, tem sua própria família...”
Q (M)	“...com uma família maravilhosa...”	“...era só pedir dinheiro para meus pais e pronto, problema resolvido.” “...nunca precisei trabalhar para me sustentar e pagar minhas faculdades, pois meus pais faziam isso por mim.”
S (M)	“...[meus objetivos exigiram] separação dos meus parentes, que nem sinto tanta falta.”	“...me formando em medicina, para o agrado de meus pais, para mostra o quanto podem se orgulha deste filho, que sempre (tem que mostra o quanto) tem potencial.” “Grande m..., deveria ter saído e mostrado quanto eu não me importo, com nada disto que eles querem me doar.” “...pois meus pais me da tudo que pesso mesmo...”
T (M)	“Já me casei e ainda penso em ter filhos...” “...[depois de se formar e trabalhar na Marinha] já é hora de ter um filho, alem do mais ja consegui ter e fazer quase tudo que o dinheiro do meu trabalho pode me dar então da pra ser pai agora sem nenhum problema futuro tanto para a educação dela quanto diversão e outras coisas.”	“...depois que meu pai morreu dono de uma das maiores empresas de engenharia do Brasil.” “Fiquei triste com a morte dele claro, mais a fortuna toda agora era so minha ja que sou filho único e minha mãe vive com outro cara no exterior...”

Tabela 10 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Família (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
U (M)	“...[conciliando com outras responsabilidades] família...”	“...os negócios da minha família, visando o sucesso e o prestígio que o meu pai tem.” “...afinal eu tinha a referência da experiência da faculdade dos meus pais...” “Atualmente, já formado, trabalho com o meu pai, guiando ao lado dele os negócios da família...”
V (M)	-	“...tendo em vista que seus responsáveis sabem o quão é duro alcançar suas metas. Os responsáveis pela supervisão desta pessoa fizeram e fazem todos os esforços para que ele aprenda e entenda que tudo deve ter um mérito uma dedicação.”
W (M)	-	“Como muitos de famílias tradicionais, também sofrendo preconceito por classes sociais mais baixas...” “...sofri preconceito por sempre ter apoio familiar e financeiro em busca do meu sonho...”
<b>Total de sujeitos - 18</b>	<b>Total de respostas - 17</b>	<b>Total de respostas - 38</b>

### Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:

Podemos olhar para os projetos de família constituídos pelos jovens pobres em duas dimensões. Quanto à sua família de origem, eles destacam o apoio que receberam dos pais e a permanência do contato com eles no futuro – embora um sujeito mencione que não sentirá falta deles. É importante destacar que esses jovens não fazem menção a ajudar, no futuro, suas famílias de origem, como os sujeitos estudados por S. Bock (2010).

Quanto à sua família nuclear, futura, eles expressam desejo de se casar e de ter filhos – um sujeito reserva esse plano para um momento em que esteja com a vida estabilizada e possa sustentá-los financeiramente. Essa família nuclear a ser formada por meio do casamento aparece valorada positivamente: deseja-se uma família maravilhosa.

### Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):

Percebemos, na análise quantitativa das categorias, que as respostas da categoria Família estão mais concentradas no futuro projetado para o outro (jovem rico). Encontramos a

explicação dessa concentração ao ler as respostas, que se centram na descrição de uma família nuclear idealizada para esses jovens imaginados. Eles pertenceriam a uma boa família, rica, bem relacionada, tradicional, que dá tudo do bom e do melhor para os filhos, que se orgulha deles e lhes dá apoio – destaca-se o financeiro – para seus projetos. É também uma família que garante o futuro de seus filhos, os quais mantêm o legado familiar ao seguirem a profissão do pai bem sucedido ou ao assumirem os seus negócios. A família nuclear futura dos jovens ricos é mencionada sem muitos detalhes. Aparecem, ao mesmo tempo, outras significações de família, destacando-se uma família distante, pouco acolhedora.

Fica, dessa categoria, uma pergunta: que tipo de relação ou de significação os jovens pobres têm sobre as suas próprias famílias nucleares, de modo que ela apareça tão pouco em seu discurso, em contrapartida à presença rica – literal e figurativamente – e detalhada da família idealizada para os jovens ricos?

#### 6.2.7. *Eu quero mudar a sociedade; tu não queres.*

A seguir, trazemos a tabela com as respostas dos jovens pobres acerca da categoria a que chamamos de “Participação política e social”. Essa é uma categoria que, embora quantitativamente não tenha representatividade, escolhemos destacar por atribuirmos importância tanto ao seu (pouco) conteúdo quanto à (quase) ausência de respostas.

Tabela 11 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Participação política e social

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
D (F)	<p>“...dou aula gratuita para comunidades carentes na qual existem pessoas que pretendem cursar o ensino superior...”</p> <p>“...eu estudo a política do país desde que eu tinha 17 anos, me pegava pensando porque eu tinha tão pouco dinheiro e conhecimento que outras pessoas, percebi que eu tinha que procurar mais do que nunca meu conhecimento... eu mais que ninguém deveria saber o que acontecia com meu dinheiro, com a minha cidade, com o meu país, com a minha vida.”</p>	<p>“Hoje ele tem uma noção da sua participação para com o estado mas, não pretende mudar isso porque convém a ele que continue do jeito que está.”</p>
<b>Total de sujeitos - 1</b>	<b>Total de respostas – 2</b>	<b>Total de respostas - 1</b>

**Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

Há pouquíssimas respostas dos jovens pobres nessa categoria, indicando pouca crítica em relação à realidade em que vivem e a quase ausência de uma intenção de transformá-la. Isso corrobora dados de outras pesquisas que trabalharam com projetos de futuro de jovens, que têm destacado um jovem pobre pouco crítico e pouco comprometido com uma atuação social (LIEBESNY, 1998; BOCK; LIEBESNY, 2003; OLIVEIRA; PINTO; SOUZA, 2003).

Notamos, nas outras categorias, que os jovens pobres percebem a realidade social desigual de nosso país e que sentem que, por sua condição socioeconômica, têm dificuldades em sua vida. Parece contraditório que, nesta categoria, haja uma baixa quantidade de respostas, indicando que esses sujeitos não incluem em seu futuro projetos de agir para mudar essa configuração social. Mas talvez apenas pareça contraditório. Cabe perguntar: será que eles foram educados para um pensamento crítico diante da realidade? Será que permanecem alienados quanto à própria situação? Ou que a percebem, mas com uma aceitação passiva?

O único sujeito que se pronunciou sobre essa categoria explica a não mobilização política e social do jovem pobre por uma ausência de informações sobre o que se passa na sociedade. Essa jovem tenta contornar essa condição de pouca informação sobre os problemas sociais por meio de um movimento ativo de se informar e de se politizar.

**Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

Se a não mobilização do jovem pobre é significada como falta de informação, a não mobilização política do jovem rico já é significada como uma passividade deliberada, escolhida: já que ele está em uma posição confortável, não precisa mudar nada. É uma postura egoísta consciente, de descaso com os demais.

Essa percepção sobre a postura das elites em relação às desigualdades sociais vai de encontro com as reflexões de Gonçalves Filho (1998) e Souza (2009) de que não há um descaso ou uma dominação deliberada por parte das elites, e sim uma falta de conscientização a respeito do que determina a realidade desigual da sociedade brasileira e de seu papel na produção e manutenção desse quadro.

6.2.8. *Eu desejo ter dinheiro – e o aproveitarei bem; tu já o tens – e o desperdiças.*

Em seguida, apresentamos a tabela com os conteúdos que os jovens pobres trouxeram sobre a categoria “Dinheiro e Consumo”. Desconsideramos as respostas que se referiam à questão do dinheiro apenas adjetivando o jovem da escola particular de bairro rico como rico, pois essa já foi uma condição inicial proposta pelo enunciado da redação.

Observamos que as respostas dessa categoria se concentram mais no futuro do jovem rico.

Tabela 12 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Dinheiro e Consumo (continua)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
B (F)	“...depois que completei 18 anos tirei minha carta... [depois de alguns anos] compraria meu carro e uma casa própria para mim e minha mãe.”	“...ele tirou a carta e já comprou um carro, pra poder ir pra faculdade... [assim que ele terminou seus seis anos de faculdade] comprou sua casa...”
C (F)	-	“...[estou] a caminho de ser chefe, assim poderei cada vez ganhar mais dinheiro...” “Sigo assim, mandando, gastando...”
D (F)	-	“Ele não sofreu nenhum preconceito pois, sempre teve dinheiro para conseguir resolver seus problemas.”
H (F)	“...tenho minha casa na praia onde vou alguns finais de semana, moro no meu apartamento...”	-
J (F)	“...afinal ou nascemos ricos ou estudamos para conseguir ser rico, afinal meu objetivo não é ser rico, é fazer o que eu gosto e absorver muito conhecimento.”	“...também passou por muitas dificuldades com as despesas...”
K (F)	“...tenho um salário maravilhoso...”	“...gastava todo o dinheiro que os pais lhe mandavam em drogas.”
N (F)	-	“...bom carro, aliás, carro do ano e uma mansão em um bairro nobre.”
O (F)	-	“...ele tem projetos de construir seu próprio restaurante, mais não consegue por que tem escola dos filhos pra pagar e despesas da casa, apesar de ter nascido em uma família rica...”
P (M)	“...já trabalho para comprar o que preciso...”	-

Tabela 12 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Dinheiro e Consumo (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
Q (M)	-	“...era só pedir dinheiro para meus pais e pronto, problema resolvido.”
R (M)	-	“...por eles possuírem objetos, de valor que são acessíveis, ter tudo do bom e do melhor.”
S (M)	-	“Doravante vou sair gastar meu dinheiro, sufluir do carro que vou ganhar, pois meus pais me da tudo que pesso mesmo, tenho que gastar...”
T (M)	“...alem do mais ja consegui ter e fazer quase tudo que o dinheiro do meu trabalho pode me dar...”	“...mais a fortuna toda agora era so minha...” “...agora era so festa pra que fazer faculdade eu tenho muito dinheiro não preciso mais disso.” “No começo era tudo bom ate a empresa do meu pai falir mais ainda tinha dinheiro o suficiente e então nem liguei mais o dinheiro foi acabando, acabando..”
W (M)	-	“...sofri preconceito por sempre ter apoio familiar e financeiro em busca do meu sonho...”
<b>Total de sujeitos - 14</b>	<b>Total de respostas - 6</b>	<b>Total de respostas - 15</b>

### Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:

Para seu futuro, os jovens pobres desejam dinheiro, que gera consumo – de carros, casas próprias etc -, o que é obtido por meio do trabalho. Destacamos as contradições na fala de um sujeito que menciona o desejo de ficar rico por meio dos estudos, o que logo depois é negado por ele em nome do ideal “mais nobre” de obter conhecimentos.

### Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):

O significado do dinheiro aparece mais bem definido quando esse grupo de participantes fala do futuro que projeta para o jovem rico: o dinheiro resolve todos os problemas e evita que se sofram preconceitos. O acesso ao dinheiro é facilitado para esses jovens, seja por suas famílias, seja por um emprego bom que vem facilmente após se formarem, muitas vezes por indicações de contatos da família. Em decorrência do acesso ao dinheiro, vem o acesso a “tudo do bom e do melhor”: objetos de valor, mansão, carro do

ano... itens caros e desejados. O dinheiro também é significado negativamente, associado à ausência de responsabilidade, materializada pela imagem do jovem rico que, por ter dinheiro, não quer ou não precisa estudar, vivendo para diversões fúteis.

#### 6.2.9. *Minha relação com meus amigos é útil; a tua relação com os teus é fútil.*

Abaixo, trazemos a tabela com a categoria a que denominamos “Relações sociais”.

Tabela 13 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres –  
Relações sociais

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
F (F)	“...depois de dois anos e meio comecei a morar com meu namorado.”	-
I (F)	“...continuo mantendo contato com meus antigos amigos...”	“...somente [queria] sair com os amigos e frequentar várias festas...”
J (F)	-	“...também passou por muitas dificuldades com amizades...”
L (F)	“Naquela época eu achava meio chato não sair com os amigos sempre, mas eu agradeço pelos momentos; poucos, mas os melhores momentos de diversão.”	-
P (M)	-	“... tinha muitos amigos pelo fato de sempre saber tudo da atualidade...”
Q (M)	“(Hoje sou) com muitos amigos, colegas e familiares, falta de incentivo não foi o caso, sempre tive o apoio para manter-me firme e graças à eles e a Deus hoje estou aqui...”	-
R (M)	“...sempre precisaremos de um próximo para nos ajudar não importa o que seja. E também outro fato que refleti bastante e o valor do próximo, que hora e outras, nos ajudão e não temos gratidão pelo que foi feito. E só quando sentimos na pele percebe como é frustrante.”	-
S (M)	“Recordo das minhas amizades que me fazia perder tempo com gargalhadas ou coisas que hoje não tem tanta graça como antigamente.”  “...o quanto tive que me afasta daqueles que me amavam, ou dizia amar-me, porem tempos que sacrificar algumas coisas pela nossa felicidade.”	“...tenho que sair pegar altas ‘minas’ ...”  “...tenho que gasta e divertir-me com meus brodes.”
<b>Total de sujeitos - 8</b>	<b>Total de respostas - 7</b>	<b>Total de respostas - 5</b>

### **Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

Nessa categoria, aparecem tantas respostas que falam de um contato com amigos antigos, quanto outras que colocam as amizades como distrações para se alcançar as metas pessoais, tendo, por isso, que ser relegadas a segundo plano para que se consiga o que se deseja.

### **Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

Os jovens pobres acreditam que o jovem rico tem, em seus amigos, os cúmplices para diversões irresponsáveis, apresentadas com uma conotação negativa.

#### 6.2.10. Comentários sobre outras categorias menos expressivas

Optamos, neste momento, por trazer comentários mais sucintos sobre conteúdos que apareceram em outras categorias, que, pela pouca quantidade de respostas ou pela pouca expressividade delas, escolhemos não apresentar em tabelas nessa seção.<sup>1</sup>

### **Identidade**

Compreendemos, baseando-nos em Ciampa (2008), a identidade como um processo contínuo de transformações ao longo da vida do sujeito, em que ele constrói sua história pessoal. A identidade se define não apenas pelo que o sujeito é e está sendo em seu presente, mas também integra outras dimensões temporais: o que ele foi no passado; o que gostaria de ter sido, mas não foi; o que deseja ser no futuro etc.

Essa construção identitária se dá nas relações do sujeito com a sociedade. Partindo de valores e expectativas de futuro compartilhados na configuração social em que se insere, o sujeito constrói o seu projeto de futuro pessoal, que integra o que ele quer ser e o que valoriza.

### **Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

A maioria das configurações identitárias que os jovens pobres projetam para o seu futuro, e que integram os seus sonhos presentes e passados, gira em torno da imagem de alguém bem sucedido, amadurecido, realizado, um vencedor, enfim.

---

<sup>1</sup> As tabelas completas com as falas relativas a cada uma dessas categorias se encontram no Apêndice G.

**Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

Também a identidade projetada para o jovem rico comporta múltiplas idealizações: a vida dele é perfeita e muito tranquila, ele tem perspectivas melhores de vida... é, enfim, uma pessoa exemplar.

**Sentimentos****Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

Quanto ao próprio futuro, destacam-se os sentimentos de realização e de felicidade, em contraposição à confusão, ao desânimo e à dúvida do passado.

**Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

No futuro projetado para o jovem rico, aparece uma resposta que traz, no contexto de uma história específica de um sujeito que não valorizou o que lhe foi dado por sua família, sentimentos de culpa e de revolta.

**Juventude****Significações dos jovens pobres sobre si mesmos:**

A juventude é significada, por esses jovens, como um tempo de curtição e de irresponsabilidades, tomadas com uma conotação positiva, ligada à possibilidade de experimentar, de se apostar no incerto e de, às vezes, fazer coisas erradas também. Em oposição, está a ideia de uma fase adulta marcada por responsabilidades, obstáculos e problemas.

**Significações dos jovens pobres sobre o outro (jovem rico):**

Os jovens pobres imaginam que o rico vê a juventude como um momento de irresponsabilidades, tomadas com uma conotação negativa.

### 6.2.11. Síntese – Jovens pobres

Para esse grupo de jovens pobres, a pobreza é significada como falta, carência, impossibilidade, dificuldade. Aparece, com bastante destaque, a significação de um esforço individual que leva à superação dessa difícil condição de vida.

Esses jovens pobres se veem como desiguais: têm uma clara noção de sua diferença em relação a outros, ricos, na sociedade. No entanto, não apresentam elementos críticos explicativos sobre a sua condição. Carregam uma visão simplista e ideológica sobre as desigualdades sociais, não considerando sua produção social.

Na projeção do futuro, o jovem pobre almeja uma condição diferente da sua. Há uma desvalorização do que ele é, da sua família, das instituições que ele frequenta. Há um desejo de superar tudo isso, aproximando-se do que o outro, rico, é.

O jovem rico é significado pelos nossos sujeitos pobres como alguém que, devido a sua boa condição financeira e familiar, recebe apoio, herança, sorte. Ao mesmo tempo, esse jovem rico é visto como alguém que despreza ou não valoriza adequadamente a sua “sorte”.

Observamos uma hostilidade em relação a esse outro que, mesmo sem precisar se esforçar, mesmo desprezando o que tem, mesmo sendo irresponsável, continua, na maioria das vezes, em uma boa condição. Apenas quando destrói completamente todas as oportunidades que recebeu é que esse personagem rico é deslocado dessa posição boa.

Essa vida imaginada para o jovem rico, que se mantém, em geral, em uma condição favorável, deveria apontar para uma contradição da ideia de que o esforço faz vencer. No entanto, o grupo de jovens pobres resiste a perceber tal contradição, encontrando múltiplas maneiras de configurar o esforço individual como fator decisivo para o sucesso de todos, independente da classe social: seja quando o jovem rico destrói a sua vida por não ter valorizado as oportunidades que recebeu, seja quando ele renuncia às comodidades familiares e resolve trabalhar duro, o que se configura é a defesa do esforço pessoal como valor máximo.

Esse jovem pobre não conta com a família; o outro, rico, conta. Conta consigo próprio e, nesse sentido, seu sucesso envolve uma autovalorização, uma vez que é construído com seu próprio suor, a partir de seu próprio mérito. No entanto, se o sucesso não vier, apesar do esforço, restará a condição humilhada e desigual.

### 6.3. Análise das redações dos jovens ricos

As categorias que aparecem para dar visibilidade aos temas que os sujeitos colocam em seu futuro e no do outro são as mesmas que se destacaram entre os jovens pobres, porém aparecem em outra ordem. Englobam respostas de vários sujeitos.

Tabela 15 – Frequência com que cada categoria apareceu entre os jovens ricos

Categoria	Futuros dos dois		Seu futuro		Futuro do outro	
	Total de respostas	Porcentagem total	Número de respostas	Porcentagem* (%)	Número de respostas	Porcentagem* (%)
Trabalho	77	22%	30	8,55%	47	13,39%
Ensino superior	66	19%	40	11,40%	26	7,41%
Família	60	17%	20	5,70%	40	11,40%
Relações sociais	32	9%	26	7,41%	6	1,71%
Ensino médio	25	7%	6	1,71%	19	5,41%
Mudanças de vida	22	6%	6	1,71%	16	4,56%
Esforço pessoal	17	5%	2	0,57%	15	4,27%
Consumo e dinheiro	11	3%	6	1,71%	5	1,42%
Participação política e social	10	3%	7	1,99%	3	0,85%
Sentimentos	8	2%	7	1,99%	1	0,28%
Identidade	7	2%	6	1,71%	1	0,28%
Outros estudos (artísticos)	5	1%	5	1,42%	0	0,00%
Viagem (intercâmbio e mochilão)	4	1%	4	1,14%	0	0,00%
Juventude	2	1%	2	0,57%	0	0,00%
Outras atividades (lazer/hobbies)	2	1%	2	0,57%	0	0,00%
Local de moradia (Brasil)	1	0%	1	0,28%	0	0,00%
Local de moradia (exterior)	1	0%	1	0,28%	0	0,00%
Atividades intelectuais	1	0%	1	0,28%	0	0,00%
<b>Total</b>	<b>351</b>	<b>100%</b>	<b>172</b>	<b>49,00%</b>	<b>179</b>	<b>51,00%</b>

\* Calculadas em cima do número total de respostas, para permitir comparações de valores na tabela.

As categorias com maior número de respostas para os jovens ricos são, assim como o grupo de jovens pobres, Trabalho, Ensino Superior e Família, nesta ordem.

Chama atenção o fato de que as respostas relativas às categorias “Trabalho” e “Família” estão mais concentradas quando os jovens ricos falam do futuro do outro (jovem pobre). Quanto ao trabalho, veremos adiante que, se o trabalho é descrito de forma muito mais elaborada quando os jovens ricos falam do próprio futuro, ele é mais presente quando descrevem o futuro dos jovens pobres, no sentido da necessidade de um trabalho concreto que garanta a subsistência. A categoria “Família” aparece, quando esses sujeitos falam do jovem pobre, muito relacionada ao trabalho, que é para ajudar a família necessitada que teriam os jovens pobres.

A quarta categoria que aparece é “Relações sociais”, muito valorizada pelos jovens ricos, assumindo os amigos e as interações sociais um grande peso em seus projetos de futuro. Essa categoria se concentra em seus próprios futuros. Ainda, da mesma forma que o grupo de jovens pobres, que reservou para os ricos o lazer, o grupo de jovens ricos também reserva a diversão para si.

A categoria “Esforço Pessoal”, que foi a quarta mais frequente para o grupo de jovens pobres, aparece na sétima posição para os jovens ricos, e com respostas concentradas no futuro do outro: é a ideologia do esforço pessoal, que aparece na figura do jovem pobre que se esforça para melhorar de vida. Quando falam do próprio futuro, no entanto, nossos sujeitos ricos não dão peso ao esforço pessoal como meio para atingirem suas metas.

Chama atenção também a categoria “Participação política e social”, que, apesar de estar na nona posição, tem uma expressão maior entre os jovens ricos do que entre o grupo de sujeitos pobres. Encontramos dez respostas de jovens ricos que têm, em seus projetos de futuro, aspirações de trabalhar para melhorias na sociedade. Se essa participação é valorizada no futuro deles, essa, no entanto, aparece menos no futuro que eles projetam para o jovem pobre.

Chama atenção também a categoria “Viagem (intercâmbio e mochilão)”, particular a esse grupo de sujeitos devido a sua condição socioeconômica e aos costumes de sua classe social.

Por fim, destacamos que entre os jovens ricos, assim como para o grupo de sujeitos pobres, as categorias “Sentimentos” e “Identidade”, que retratam uma percepção de si mesmos e de seus processos subjetivos, tiveram suas respostas concentradas no próprio futuro.

Apresentaremos as tabelas com as categorias na mesma ordem lógica pela qual apresentamos os resultados dos jovens pobres, para facilitar a comparação entre os dois grupos.

### 6.3.1. *Eu posso, como os meus; tu podes, ao contrário dos seus.*

A seguir, apresentamos a tabela que sistematiza os conteúdos que os jovens ricos trouxeram sobre a categoria “Esforço pessoal”. Destacamos que outras pesquisas que trabalharam com projetos de futuro de jovens ricos encontraram, entre esses sujeitos, a presença da ideologia do esforço pessoal (LIEBESNY, 1998; BOCK; LIEBESNY, 2003)

Tabela 16 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Esforço pessoal (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
3 (F)	-	<p>“Sua mãe sempre dizia pra ele que ele faria faculdade e melhoraria de vida. Por isso, Pedro finalizou o colegial e sonhava em entrar na faculdade, porém sabia que seria muito difícil. Começou a fazer cursinho de manhã, trabalhava a tarde junto com seu irmão no supermercado e, nos finais de semana, trabalhava em um restaurante. Leu todos os livros do vestibular e, quando desanimava nos estudos, pensava que um dia poderia melhorar a vida de sua mãe.”</p> <p>“Todos sabem que é muito difícil chegar onde ele chegou, principalmente ele, sabem o quanto ele se esforçou para isso.”</p>
5 (F)	-	<p>“Um tanto frustrante saber que nosso lugar como classe influencia tanto nosso futuro. Os sonhos são, quase em todos os casos, esquecidos ou abandonados em prol de um futuro mais realista e palpável. Consegui, com muito esforço, entrar em uma faculdade pública. Mas muitos, diferentemente de mim, não conseguiram. Nem sempre ‘querer’ é sinônimo de ‘poder’, especialmente se não fizermos parte de uma classe social privilegiada.”</p>

Tabela 16 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Esforço pessoal (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
6 (F)	“...começaria uma hortifrúti de produtos orgânicos. Empreendimento com que trabalho e estou colocando muito esforço para que sobreviva, com essa economia de hoje.”	<p>“Depois de muito esforço, para conciliar os serviços de casa e a escola, ele se formou mesmo com tanta pressão imposta sobre ele para abandonar os estudos e iniciar a ajuda na renda da família mais cedo.”</p> <p>“A vida era cansativa, era necessário pegar 3 onibus cheios para chegar em casa as 23h e ainda cuidar de seu irmão pequeno.”</p>
7 (F)	-	<p>“Tentou entrar em alguma universidade pública e assim conseguiu, depois de muito esforço. Estudou durante a noite e trabalhou de dia durante toda a sua vida universitária, para ajudar a sustentar a sua família.”</p>
8 (F)	-	<p>“...sua força de vontade faz com que consiga um emprego em uma grande empresa e ele pode largar os outros dois.”</p>
12 (M)	-	<p>“Pedro é um exemplo a ser seguido de um homem que, mesmo em uma sociedade completamente injusta, conseguiu obter sucesso, apesar das condições precárias de ensino que o governo lhe deu quando estudou em escolas públicas. Esse garoto rompeu barreiras muito difíceis para um estudante de escola pública, mas é exemplo de que, mesmo com as péssima qualidade de ensino propiciada pelo governo em escolas públicas, é possível ter sucesso.”</p> <p>“...teve de lutar para conseguir estudar e trabalhar ao mesmo tempo.”</p>
13 (M)	-	<p>“Pelo sistema de cotas, mas não sem o meu esforço, consegui passar na USP, no curso de Direito. (...) Eu sabia que não seria fácil, que mesmo os filhinhos de papai com boas escolas e fazendo cursinho, custavam a passar. Consegui, enfim.”</p> <p>“...na São Francisco conheci algumas pessoas que, como eu, estudaram para agarrar a nossa oportunidade de estudo.”</p>
16 (M)	-	<p>“Assumo que não era um aluno dedicado (...) Ia para a escola e esperava o tempo passar. (...) trabalhei como mecânico, ajudando o meu pai...”</p>
17 (M)	-	<p>“Como teve que entrar cedo no mercado de trabalho, teve de se esforçar mais para conciliar sua profissionalização com seu trabalho de sustentação.”</p>

Tabela 16 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Esforço pessoal (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
18 (M)	“Tudo isso [conquistas nos estudos, no trabalho, financeiramente], sem dúvida, foi uma grande conquista. No entanto, ainda não me dou por satisfeito...”	“O jovem começou a trabalhar mais de dez anos atrás enquanto ainda estava na escola. Tal esforço lhes permitiu pagar uma faculdade na qual ele se formou quatro anos atrás.”  “Ao contrário de mim, esse jovem é muito diferente de seus colegas de classe, que em sua maioria, sequer concluíram o ensino médio.”
<b>Total de sujeitos - 10</b>	<b>Total de respostas - 2</b>	<b>Total de respostas - 15</b>

### Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:

Há pouquíssimas respostas dos jovens ricos sobre a presença de esforços individuais em seus futuros. Esse não é um elemento necessário para que eles alcancem suas metas. Quando falam dessa categoria em relação ao seu futuro, os jovens ricos falam de um investimento de esforços nos seus empreendimentos profissionais. Lembramos que na pesquisa de Kulnig (2010) com jovens da camada alta apareceu uma pouca valorização do esforço pessoal como meio de colocação social: para os sujeitos com que ela trabalhou, a inteligência e a competência são mais importantes. Seria o caso de nossos sujeitos também?

### Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):

Quando falam sobre a vida imaginada para o jovem pobre, a referência é a um superesforço. É um jovem que, diferentemente de outros de sua classe social, conseguiu melhorar sua vida pelo esforço nos estudos e no trabalho. Mesmo vítima de uma realidade social injusta, de condições econômicas adversas, ele supera isso, rompe barreiras, luta e consegue. Supera a pressão contrária da sociedade e do seu próprio grupo social; a necessidade de contribuir na renda da família mais cedo; a rotina cansativa que conjuga trabalho e estudos. Sua força de vontade e o seu esforço pessoal o fazem diferente, fazem com que tenha sucesso.

Chama atenção o fato de haver tantos relatos de jovens pobres que são exceções a seu grupo social por ascenderem socialmente. Por que nossos sujeitos ricos construiriam o personagem pobre como alguém excepcional? Seria porque o enunciado dá como condição de partida o fato de esse jovem pobre estar terminando o 3º ano do ensino médio e porque a

escola, percebida como instituição salvadora e corretora das desigualdades sociais pelas elites (REIS, 2000; SCALON; CANO, 2005; KULNIG, 2010), alçá-los-ia a condições melhores, diferenciando-os de outros de seu grupo? Seria por uma cordialidade com esse personagem pobre que constroem, salvando-os do destino que é pensado para todos os outros de sua classe social?

Há apenas uma menção de um jovem que não se esforça e, por isso, acaba virando mecânico como o pai. Mas ainda aí a lógica da ideologia do esforço pessoal prevalece: aquele que não se esforça individualmente para superar as adversidades está condenado a perpetuar a sina de sua família, de sua classe social.

### 6.3.2. *Eu posso seguir os meus sonhos; tu tens que renunciar aos teus.*

Apresentamos abaixo a categoria a que denominamos “Mudanças de vida”.

Tabela 17 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Mudanças de vida (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
1 (F)	“A vida, claramente, não se comportou como o planejado. Por mais que há 10 anos eu não tivesse tantos planos nítidos e esquematizados, eu tinha alguns sonhos. Dentre eles, alguns realizados – outros não. Mas, é claro, ainda tenho muito caminho pela frente, estou apenas com 27 anos.”	“Faculdade passou já por sua cabeça, mas nunca chegava a crer em qualquer possibilidade.”
2 (F)	-	“Apesar de ter ganhado algum dinheiro, não conseguiu mudar muito seu padrão de vida; continuava morando no mesmo bairro em que nasceu, perto de sua mãe.”
3 (F)	“Penso em todas as coisas que aconteceram comigo nesses últimos 10 anos. Acho que eu nunca imaginava que quase nada seria como eu pensava que seria. (...) Mas eu não sabia que seria tão difícil.”  “É engraçado como eu pensava de um modo totalmente diferente.”	-
4 (F)	“Vivo em condições boas, mas certamente piores que quando era adolescente. Um apartamento razoável de dois quartos. Eu e meu parceiro vivemos bem. Mas bem, apenas. Não excessivamente bem.”	“...esse jovem conseguiu um emprego de remuneração maior e se estabilizou com isso. Mas não tão alta a ponto de enriquecer muito, mas ele faz parte já da classe média baixa. Ele tem ambições, mas sabe que não vai ascender. Ele leva a vida assim...”

Tabela 17 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Mudanças de vida (continuação)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
5 (F)	-	<p>“Consegui, felizmente, mudar um pouco de vida, mas não tenho condições de dar a meus filhos boas condições de estudo...”</p> <p>“Não tenho perspectiva de mudanças em minha vida e não viso qualquer especialização; talvez seja melhor aprender um pouco de cada área ou assunto que me possa ser útil ou necessário.”</p>
6 (F)	-	“Com o passar dos anos seu irmão [de quem cuidava] foi crescendo, sua família envelhecendo, mas o emprego continuava o mesmo e as perspectivas de melhora de vida pareciam distantes e angustiantes.”
8 (F)	-	“Vive uma vida sem luxos mas confortável, no mesmo emprego e ainda tem sonhos de crescer na carreira.”
9 (F)	“Conheci muito, li muito, pensei muito. Minha cabeça se transformou inúmeras vezes – o que é fascinante.”	“Sua mãe começou a se irritar e mandou ele desistir [de fazer cursinho e prestar vestibular, após não passar 3 vezes]. ‘A gente não nasceu pra fazer faculdade não. Tá na hora de cair na realidade e começar a me ajudar a pagar as contas.’ Então, ele saiu do cursinho e começou a procurar emprego.”
12 (M)	-	“Atualmente tem uma renda mais alta do que a que tinha anteriormente...”
13 (M)	-	“Minhas condições de vida melhoraram depois que me empreguei como advogado; pude ajudar a minha família.”
14 (M)	-	<p>“É possível que tenha ascendido socialmente, mas nada muito significativo. O inverso também é verdadeiro.”</p> <p>“...a vida que leva hoje não é a que ele idealizava 10 anos atrás.”</p>
15 (M)	-	“Foi uma vida provavelmente difícil. (...) Contato mais próximo com problemas de saúde, com a insegurança, risco de fome, violência. (...) A vida dele é observar o caos e a tragédia de uma população excluída e completamente desiludida. Ele não vê algo melhor para ele e nem para ninguém lá.”

Tabela 17 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Mudanças de vida (conclusão)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
17 (M)	-	<p>“O jovem que se formou em 2012 na escola pública teve um futuro bem diferente de seus pais, porém muito aquém do ideal de igualdade perante o jovem rico que tanto queremos buscar.”</p> <p>“Em 2022, já com o curso completo, a vida desse jovem já estava mais estruturada de certa forma, com um emprego melhor...”</p>
18 (M)	“Ao longo dos dez anos que separam o dia de hoje do meu último ano na escola muitas coisas mudaram.”	“Apenas nesse ano é que foi possível para esse homem exercer a profissão que aprendera, na faculdade que, apesar de ainda não pagar muito bem, lhe da uma imensa perspectiva de sucesso.”
<b>Total de sujeitos - 14</b>	<b>Total de respostas - 6</b>	<b>Total de respostas - 16</b>

### **Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Quando falam nas mudanças que esperam que ocorram em suas próprias vidas, os jovens ricos ponderam que haverá dificuldades em seu caminho até que consigam chegar a suas metas. Alguns sonhos podem ser realizados; a realização de outros eles não têm certeza se acontecerá. Percebem que serão jovens ainda em dez anos e que ainda haverá muito tempo para realizarem todos os seus projetos.

Chama atenção a resposta de uma jovem que diz que viverá em condições piores do que quando era adolescente. Embora ela tenha sido o único sujeito que formulou essa queda no padrão de qualidade de vida e esse enfrentamento de dificuldades como uma mudança em sua vida, percebemos, pelo conjunto das redações dos jovens ricos, que essa é uma ideia que atravessa os projetos de futuro desse grupo.

Como perceberemos adiante, especialmente nas categorias “Trabalho” e “Relações sociais”, os jovens ricos preveem – e parecem desejar e valorizar – períodos de dificuldades em seu caminho, em que terão que abrir mão da comodidade em que viviam com os pais até então para enfrentar dificuldades, para passar por experiências que os levem à concretização de seus projetos. Há, nessa mudança de vida que almejam, de maneira forte o desejo de independência, de responder por si mesmos, ainda que isso implique renunciar a confortos. Compreendemos que esse pode ser o desejo de sair de uma situação de superproteção familiar, que caracteriza a relação entre pais e filhos da camada rica. Podemos seguir nas

análises dos resultados com estes questionamentos: esses são jovens que, por sua condição socioeconômica, têm sido privados de dificuldades e de experiências em sua vida, devido à boa condição material e social de suas famílias?

### **Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

Quando falam das mudanças na vida imaginada para o jovem pobre, as dificuldades encontradas no caminho deixam de ter a forma de um obstáculo cuja superação traz ganhos subjetivos desejados – como percebem as dificuldades nos próprios futuros. Os problemas, os entraves, para os jovens pobres, configuram-se como verdadeiras barreiras intransponíveis que se colocam entre eles e os seus sonhos.

Na percepção dos jovens ricos, os jovens pobres são sujeitos que não podem mudar muito de vida. Mesmo quando eles conseguem melhorar a vida por meio de seus esforços, essa melhora é sempre pequena, relativa. Não importa quanto esforços façam, eles nunca poderão de fato ascender socialmente, nunca poderão melhorar muito a sua vida sofrida.

#### *6.3.3. Terminar o ensino médio é, para mim, natural; para ti, é excepcional.*

A seguir, apresentamos a tabela com a categoria “Ensino médio”.

Tabela 18 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Ensino médio (continua)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
1 (F)	-	“Ao sair do Ensino Médio que cursou (ou que pelo menos tentou cursar), tinha lá seus 16 anos.”  “...estudava até que perto de casa – uma meia hora de caminhada.”
2 (F)	“Eu me formei na escola com 18 anos em 2012...”	“Esse jovem se formou bem...”
3 (F)	-	“Para Pedro sempre foi difícil estudar, tinha dificuldade em exatas, porém amava ler.”  “Por isso [incentivo da mãe para melhorar de vida], Pedro finalizou o colegial...”
4 (F)	-	“Esse jovem se formou...”

Tabela 18 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Ensino médio (conclusão)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
6 (F)	“Me formei no colégio, aproveitando o máximo que tinha a me oferecer.”	“Depois de muito esforço para conciliar os serviços de casa e a escola, ele se formou, mesmo com tanta pressão imposta sobre ele para que abandonasse os estudos e iniciasse a ajudar na renda da família mais cedo.”
7 (F)	“Em 2012 me formei no colégio e depois de 13 anos indo todo dia para o mesmo ambiente parei de ir. Teve muita festa, festa de formatura e a viagem de formatura em janeiro de 2013.”	“Ele se formou e teve uma festa de formatura também.”
8 (F)	“Após completar o ensino médio...”	-
10 (F)	“Saí do colegial sem absolutamente nenhuma perspectiva do que seria da minha vida dali para frente...”	“Ao se formar no colegial...” “A escola pública onde estudara era uma escola técnica...”
12 (M)	-	“Seu nome é Pedro e terminou o ensino médio...” “...condições precárias de ensino que o governo lhe deu quando estudou em escolas públicas.”
13 (M)	“Após terminar o colégio...”	“A despeito das adversidades, formei-me no ensino médio.”
15 (M)	-	“Além da péssima educação que teve e a qual talvez não tenha nem percebido...”
16 (M)	-	“O fim da escola não foi uma ruptura na minha vida. Assumo que não era um aluno dedicado, e não gostava de meus colegas de classe. A para a escola e esperava o tempo passar.” “Quando terminei o 3 <sup>o</sup> ano do colegial...”
17 (M)	-	“Com um ensino fundamental e médio completos, apesar de fracos, suas possibilidades de emprego e educação superior cresceram.”
18 (M)	-	“O jovem começou a trabalhar mais de dez anos atrás enquanto ainda estava na escola.” “Ao contrário de mim, esse jovem é muito diferente de seus colegas de classe, que em sua maioria sequer concluíram o ensino médio.”
<b>Total de sujeitos - 14</b>	<b>Total de respostas - 6</b>	<b>Total de respostas - 19</b>

### **Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Aparecem poucos conteúdos dos jovens ricos falando do seu ensino médio: apenas mencionam que o terminaram, que aproveitaram o máximo, que houve muitas festas e também viagens de formatura nesse encerramento. Esses eventos sociais caracterizam o período de conclusão do processo escolar em instituições privadas da camada alta.

### **Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

Encontramos mais respostas relativas ao ensino médio imaginado para o jovem pobre. Todos os fictícios jovens pobres teriam terminado o ensino médio, contrariando as expectativas de que deixassem a escola para trabalhar e contribuir com a renda da família desde cedo. No entanto, são exceções: não é assim para a sua classe social, para os seus amigos e nem para sua família, como veremos nas categorias “Família” e “Relações sociais”. Esses jovens pobres superaram, por seu esforço, as suas dificuldades com as matérias, as péssimas condições do ensino público e também a difícil condição de ter que conciliar estudo com trabalho, concluindo, assim, o ensino médio. Sua persistência e o seu esforço o fazem diferente.

É interessante destacar a insistência com que os jovens ricos trazem a ideia de uma educação pública precária, péssima, fraca. A precariedade atribuída à educação pública é vista de forma naturalizada, sem que sejam analisadas as condições históricas e sociais que produziram esse processo de construção de um ensino público de pouca qualidade, reservado para pobres, e de um ensino particular de poucas escolas de elite de muita qualidade, destinado para ricos.

#### *6.3.4. Eu nasci para fazer faculdade; tu não nasceste para isso.*

Em seguida, apresentamos a tabela que reúne os conteúdos que os jovens ricos formularam sobre a categoria que denominamos “Ensino superior”. Esta é uma categoria importante, a segunda em número de respostas, e que apresenta respostas elaboradas e extensas, indicando a relevância que assume para esses jovens.

Tabela 19 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Ensino superior (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
1 (F)	<p>“Entrei na faculdade em 2014, após fazer um ano de cursinho e creio que foi merecido: queria fazer audiovisual na USP, estudei focada por um ano no cursinho, e consegui. São poucas vagas para muitos candidatos, então me orgulho disso.”</p> <p>“Durante a faculdade, também fiz alguns estágios que me interessaram.”</p>	<p>“Faculdade passou já por sua cabeça, mas nunca chegava a crer em qualquer possibilidade.”</p>
2 (F)	<p>“[me formei na escola]... e entrei no mesmo ano na faculdade de História, na USP.”</p> <p>“Nesses anos, eu encontrei qual área da História eu mais gosto e me dediquei à ela nos anos seguintes.”</p>	<p>“...e acabou entrando em uma faculdade pública, em algum curso que lhe desse perspectivas de algum emprego. Ele não pode escolher o curso que mais o agradasse e nem um curso muito difícil de entrar, pois suas condições materiais de existência não permitiram.”</p>
3 (F)	<p>“O que eu realmente queria naquela época era começar a minha própria vida, sair de casa, trabalhar junto com a faculdade...”</p> <p>“Não passei na faculdade direto, tive que fazer um ano de cursinho.”</p> <p>“Entrei na faculdade...”</p> <p>“Terminei a faculdade...”</p>	<p>“Sua mãe sempre dizia pra ele que ele faria faculdade e melhoraria de vida. Por isso, Pedro finalizou o colegial e sonhava em entrar na faculdade, porém sabia que seria muito difícil. Começou a fazer cursinho de manhã...”</p> <p>“Logo no primeiro ano de faculdade começou a morar no campus, já que não pagava aluguel nem contas. Estudava muito para ir bem. Todo final de semestre ele mostrava suas notas para a mãe, e ela chorava de alegria.”</p>
4 (F)	-	<p>“...[procurou emprego após ensino médio] pra ajuda-lo a pagar a faculdade. Pagar, porque esse jovem não conseguiu entrar em uma universidade pública. Então ele teve que prestar uma faculdade mediana e com um preço acessível.”</p> <p>“Depois de formado [na faculdade]...”</p>
5 (F)	<p>“Nestes últimos dez anos, graduei-me em administração, fiz cursos de liderança no exterior e uma pós-graduação em marketing. O próximo passo é fazer um mestrado e sempre buscar aprender mais para poder aplicar este conhecimento aos negócios [empreendimento que ela já tem no presente e pretende expandir].”</p>	<p>“Consegui, com muito esforço, entrar em uma faculdade pública. Mas muitos, diferentemente de mim, não conseguiram. Nem sempre ‘querer’ é sinônimo de ‘poder’, especialmente se não fizermos parte de uma classe social privilegiada.”</p>

Tabela 19 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Ensino superior (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
6 (F)	<p>“Depois de formada, ainda indecisa de que carreira seguir e na escolha de faculdades, comecei a fazer cursinho. Durante esse período, as ideias foram ficando mais claras na minha cabeça. Prestaria administração na Fundação Getúlio Vargas. Escolha que sempre tinha sido a vontade do meu pai. Com seis meses de cursinho consegui entrar no curso.”</p> <p>“Nos primeiros três semestres não trabalhei, até porque no terceiro semestre passei viajando para a Austrália de intercâmbio.”</p>	-
7 (F)	<p>“Entre na faculdade (na FAU) em 2014 depois de 6 meses de intercâmbio e 6 meses finais de cursinho.”</p> <p>“Durante minha vida universitária transitei por diversas matérias no campus da USP e fiz um intercâmbio de 6 meses ou 1 ano para Paris, estudando arquitetura, mas com foco em urbanismo.”</p> <p>“Me formei em 2020...”</p>	<p>“Tentou entrar em alguma universidade pública e assim conseguiu, depois de muito esforço. Estudou durante a noite...”</p> <p>“Após formado...”</p> <p>“Na escolha da profissão ele não tinha tido um campo de escolha tão vasto, por questões financeiras e oportunidades futuras.”</p> <p>“Também há uma limitação de horário [na escolha da profissão], já que só seria possível cursos noturnos [pois ele trabalhava durante o dia].”</p>
8 (F)	<p>“Após completar o ensino médio, passei o ano seguinte definindo que faculdade iria cursar (...) e qual o curso que realmente queria fazer. Depois de tudo organizado, em setembro de 2013 me mudei para a Inglaterra para realizar a primeira etapa de meu ensino superior, o Foundation em artes (...) que teve duração de um ano e me preparou para a entrada na universidade em Londres. Na universidade cursei Design e Mídia durante quatro anos...”</p> <p>“...[após começar a trabalhar] iniciei estudos para um pós em Marketing e Propaganda, focada em criação. Depois de terminado o pós...”</p>	<p>“Para conseguir pagar uma faculdade privada e ajudar a família, o jovem arruma dois empregos...”</p>

Tabela 19 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Ensino superior (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
9 (F)	“Fiz faculdade na USP de psicologia e pós-graduação.”	<p>“Em 2013, ele começou a fazer cursinho, de manhã, e a tarde e a noite, trabalhava como faxineiro num restaurante da zona oeste para pagar o cursinho.”</p> <p>“Deveria entrar em universidade pública. Facilitaria muito a sua vida. Tentou prestar vestibular nesse ano e não passou. E também não no ano seguinte. E também não no terceiro. Sua mãe começou a se irritar e mandou ele desistir [de fazer cursinho e prestar vestibular, após não passar 3 vezes]. ‘A gente não nasceu pra fazer faculdade não. Tá na hora de cair na realidade e começar a me ajudar a pagar as contas.’ Então, ele saiu do cursinho e começou a procurar emprego.”</p>
10 (F)	<p>“...[não sabia o que faria da vida] já que não passara no curso em que me inscrevera – de maneira absolutamente chutada e sob pressão, devo dizer – psicologia. A única certeza que tinha era a de passar a maior parte do meu próximo ano me dedicando a estudar no cursinho e decidir, com mais tempo e calma, o que realmente eu queria para meu futuro.”</p> <p>“E, de fato, esse foi um ano decisivo em minha vida, principalmente devido a meu amadurecimento. Ficou decidido então que eu prestaria Áudio Visual na USP, já que seria um curso no qual eu julgava poder utilizar melhor minhas habilidades, no qual eu poderia me expressar melhor.”</p> <p>“A faculdade na ECA realmente foi um ponto de virada em minha história, eu acredito. Lá, [aprendi para] além do conhecimento ensinado em classe (...) Ao longo do curso fui reconhecendo minha inclinação para a área de áudio.”</p>	-
11 (M)	<p>“Há dez anos, no final do Ensino Médio, decidi fazer Matemática Pura na USP, e não me arrependo da minha escolha.”</p> <p>“O meu trabalho de mestrado sobre novos sistemas formais e sistemas numéricos chamou a atenção da comunidade acadêmica, e com isso fui convidado para outras universidades (inclusive no exterior) para discuti-lo.”</p> <p>“Dessa maneira, também aproveitei para fazer o curso de Ciências Naturais...”</p> <p>“...finalizei o curso de Ciências Naturais...”</p>	<p>“Ele sempre gostou mais das Ciências Exatas, e por isso decidiu prestar engenharia (mesmo sabendo da baixa probabilidade de conseguir passar, sabia que a sua educação fora mais precária que a de muitos outros candidatos).”</p> <p>“Não passou, mas entrou na sua segunda opção, que era Física, e se graduou na USP.”</p> <p>“A diferença na qualidade de ensino entre ele e seus colegas que haviam estudado em colégios particulares agora [ao fim do curso de ensino superior] era muito menor.”</p>

Tabela 19 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Ensino superior (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
12 (M)	<p>“[Por priorizar o namoro]...não obtive sucesso em minha primeira tentativa de entrar na São Francisco. Porém, ao unir estudos ao namoro (fazendo cursinho junto à namorada), consegui passar na minha segunda tentativa.”</p> <p>“A partir de 2014, o nível de estudo aumentou de modo significativo...”</p> <p>“Concluindo o Ensino Superior e obtendo sucesso na OAB...”</p> <p>“...e me organizando para começar o meu pós-graduação em Economia.”</p> <p>“...sempre estudar bastante na faculdade...”</p>	<p>“...terminou o ensino médio decidido a entrar em uma boa faculdade. Não entrou na primeira nem na segunda tentativa, pois não conseguiu organizar seus estudos junto com seu trabalho...”</p> <p>“Na sua terceira tentativa, passou em Economia na UNESP, onde teve de lutar para conseguir estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Contudo, concluiu o curso com sucesso.”</p>
13 (M)	<p>“Após terminar o colégio, ingressei no Instituto de Matemática e Estatística da USP, cursando um bacharelado em Matemática Pura.”</p> <p>“Nessa mesma época [em que ingressou na USP], iniciei, ou melhor, retomei o curso de Piano Erudito da Escola de Música do Estado de São Paulo. Foi uma rotina exigente estudar matemática e piano, fora as disciplinas técnicas do curso de música, mas fui capaz de atender a tal exigência. Gosto ainda dessas áreas, na época também gostava e conseguia me sair bem com relativa (insisto: relativa) facilidade.”</p> <p>“Não sei o que aconteceu depois. (...) Posso ter começado mestrado em matemática e encontrado um emprego de matemática. Posso ter me aproveitado do desenho [hobbie de que gosta] para cursar arquitetura. De qualquer forma, um desses ramos veio sempre acompanhado dos outros dois, apenas com não tão grande destaque.”</p> <p>“Depois do curso de matemática, estava bem mais avançado do que antes no piano. Com tempo a mais, pude estudar ainda mais o piano e a música de maneira geral. (...) Eu de fato dei muita atenção à música, mas apenas a minha competência pôde mostrar a continuação dessa história. De qualquer maneira, estou feliz com o repertório que eu estou estudando. Músico ou não, o prazer de tocar está presente no meu estudo de peças exigentes de Rachmaninoff, Chopin, Liszt e Bach, muito embora o Concerto Opus 18 de Rachmaninoff me dê, de fato, muito trabalho...”</p>	<p>“Pelo sistema de cotas, mas não sem o meu esforço, consegui passar na USP, no curso de Direito. Muitos de meus amigos fizeram escolas técnicas, mas eu queria um curso que escapasse à lógica de uma existência voltada apenas ao trabalho. Fora isso, a carreira em Direito traz uma possibilidade muito promissora de ascensão. Eu sabia que não seria fácil, que mesmo os filhinhos de papai, com boas escolas e fazendo cursinho, custavam a passar. Consegui, enfim.”</p> <p>“Terminando o curso...”</p>

Tabela 19 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Ensino superior (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
15 (M)	<p>“...e talvez por uma influência [de um amigo mais velho que faz filosofia], porém por interesse pessoal, acabei pensando em atuar nessa área. No 1º ano do ensino médio pretendia fazer engenharia mecatrônica e depois filosofia. Engenharia pelo meu pai que sentava comigo e me fazia estudar muita matemática e só ‘tirar boas notas nessa matéria’”.</p> <p>“Durante o 2º ano do ensino médio me decidi pela filosofia, porém pelo modo como a vida e por como vi minha vida, me decidi esse ano e agora, e já me inscrevi, para economia.”</p>	<p>“Ele se viu não podendo fazer uma área que gostasse como física ou histórica porque ele deve sustentar a si e a mãe que quase morre de cansasso.”</p>
16 (M)	<p>“Há dez anos prestei vestibular. Na USP, apenas. Queria economia, mas sabia que minha preparação até então não era suficiente para o ingresso a essa faculdade. Estava certo: precisei de um ano de cursinho, no qual aproveitei para me aprofundar nos assuntos de economia e entender melhor a escolha de curso que fizera. Valeu a pena.”</p> <p>“Uma vez na faculdade, percebi que ela não era tão diferente quanto a escola na época do colegial.”</p>	-
17 (M)	<p>“Me imagino fazendo, nos próximos anos, faculdade de Arquitetura, e nesse mundo da universidade e de seus conteúdos que quero poder mergulhar.”</p> <p>“Para quem deseja estudar Arquitetura e Teatro, as relações entre diversas pessoas é algo de extremo valor.”</p>	<p>“Com um ensino fundamental e médio completos, apesar de fracos, suas possibilidades de emprego e educação superior cresceram.”</p> <p>“Conseguiu, assim [trabalhando para se sustentar ao mesmo tempo], fazer e completar um curso técnico, já que teve a possibilidade de ter um período livre para os estudos (noturno)...”</p> <p>“Em 2022, já com o curso completo...”</p>
18 (M)	<p>“Me formei em uma faculdade...”</p>	<p>“Tal esforço [trabalhar e estudar] lhe permitiu pagar uma faculdade na qual ele se formou quatro anos atrás.”</p>
<b>Total de sujeitos - 17</b>	<b>Total de respostas - 40</b>	<b>Total de respostas - 26</b>

### Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:

Destacamos a riqueza de detalhes com que os jovens ricos descrevem os seus complexos planos de ensino superior – o que, se por um lado dá a impressão de projetos mais individualizados, por outro esconde a pasteurização dos projetos de vida que encadeiam uma sequência de instituições educacionais e profissionais prestigiadas.

Chama a atenção a forte presença, no projeto dos jovens ricos, de um ano de cursinho entre a escola e a faculdade. Esse ano de cursinho é justificado como uma necessidade, decorrente de eles não terem passado na faculdade na primeira tentativa – o que parece contraditório com o fato de que eles estudam em uma escola de prestígio na cidade de São Paulo, que tradicionalmente tem boa aprovação no vestibular. Em segundo plano, esse ano de cursinho é colocado como um período em que eles poderão, com calma, pensar melhor sobre a profissão que desejam seguir.

Cabe perguntar-nos se esse não seria o motivo principal da presença do ano de cursinho em seus projetos de futuro. A presença, para alguns jovens, de duas ou três profissões em seus projetos de futuro aponta para uma angústia de ter que escolher apenas uma a seguir. O ano de cursinho também pode ser uma solução que resolveria essa angústia, adiando a escolha da profissão em um ano, o que traria uma maior calma para decidir. Esses jovens revelam uma apropriação de meios que podem ajudá-los nessa escolha, como a procura por maiores informações sobre as profissões e por se autoconhecer, o que, provavelmente, está ligado ao que aprenderam no trabalho de orientação profissional que é desenvolvido com os alunos do ensino médio de sua escola.

Ressaltamos também que os jovens ricos valorizam faculdade como período de mudanças, descobertas, para além do conteúdo de ensino. Apontamos a presença de intercâmbios e de mochilões no período entre a escola e a faculdade, como um espaço conquistado entre esses dois momentos. É interessante observar a forma segura e planejada pela qual os jovens ricos desejam experimentar a realidade, em períodos delimitados. São experiências que trazem novos aprendizados, mas que parecem estar apartadas de suas vidas cotidianas.

Cabe destacar também que, para os jovens ricos, os planos de ensino superior não se encerram na faculdade, e sim contemplam pós-graduações com a finalidade de que aprendam mais e ampliem suas oportunidades profissionais. Destaca-se o valor que dão a aprender e a relação positiva que desenvolvem com o conhecimento.

Entre os cursos que os jovens ricos mencionam, estão: audiovisual, história, administração, arquitetura, design e mídia, artes, propaganda, psicologia, matemática pura, ciências naturais, economia, música, filosofia e teatro. Entre os dez cursos mais procurados na Fuvest em 2013, encontramos quatro que foram mencionados por nossos jovens ricos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Relembramos a lista dos dez cursos mais procurados como primeira opção na Fuvest em 2013, apresentada na seção anterior. São, nesta ordem, medicina; direito; ciências médicas; arquitetura; engenharia; psicologia;

Observamos que esses jovens procuram cursos com boa aceitação social, mas não necessariamente os mais tradicionais – chama atenção a ausência, entre esses jovens, do projeto de cursar os três cursos constituídos historicamente como os mais tradicionais no Brasil: medicina, direito e engenharia. As instituições que citam, no entanto, são tradicionalíssimas – USP e FGV – ou, ainda, ganham status por se localizarem no exterior.

Perguntamo-nos o que faz esses jovens de elite terem esse perfil particular de escolhas por cursos menos tradicionais: estaria relacionado aos modelos que eles têm em casa? Olhando para as profissões de seus pais, notamos uma forte presença de profissões tradicionais, no campo do direito, da engenharia, dos negócios. Há apenas três pais com um perfil profissional menos tradicional: um estilista, um ator e uma professora de yoga. O trabalho de seus pais não parece suficiente para explicar esse perfil de escolhas que observamos. Estaria relacionado à educação que esses jovens recebem em suas escolas? Expressaria o desejo de uma geração de filhos de profissionais tradicionais de produzir algo novo em suas trajetórias?

### **Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

Para os jovens pobres que esses sujeitos ricos imaginam, entrar na faculdade não é uma etapa natural. Às vezes não é, em absoluto, uma possibilidade. Eles querem fazer faculdade, querem escolher o seu curso, mas querer não é sinônimo de poder quando se é pobre. “A gente não nasceu para fazer faculdade não.”, diz a mãe de um dos personagens, ao tentar demovê-lo de seus projetos de ensino superior para que possa ajudar a família em sua renda. O jovem pobre nasceu para trabalhar em subempregos, a fim de ajudar a sua família miserável.

Se entram na faculdade, é com muita dificuldade: eles receberam uma educação fraca, ruim, pior do que a de outros candidatos e, por isso, têm que tentar várias vezes até conseguir acessar a faculdade e têm que se contentar com a segunda opção, sem possibilidade de escolher o seu curso ou a sua universidade. Mas isso já está muito bom para eles, exceções que vivem em uma realidade em que a maioria das pessoas não consegue acessar o ensino superior. Delineia-se claramente uma significação: pobre não pode ter escolhas, tem que aceitar o que vem.

Aparece forte também a significação dos estudos e do ensino superior identificados à possibilidade de ascensão social para os pobres – que parece, na percepção dos jovens ricos,

---

economia, administração, ciências contábeis (colocadas pela USP como uma opção); letras; medicina veterinária; jornalismo.

vir como a possibilidade de uma “salvação”. É a extensão, para a universidade, da lógica que pensa a escola como o remédio para todos os problemas sociais, destacada em pesquisas sobre a dimensão subjetiva da desigualdade social (REIS, 2000; SCALON; CANO, 2005; SOUZA, 2009; EUZÉBIOS FILHO; GUZZO, 2009; KULNIG, 2010).

O processo de estar em uma faculdade é de enormes esforços: o jovem pobre ou cursará uma universidade pública, para a qual consegue passar após inúmeras tentativas, ou uma universidade particular, a qual lutará para pagar, trabalhando em subempregos (às vezes, mais de um) ao mesmo tempo em que estuda. Pode até ser beneficiado por políticas de cotas, mas isso não implica uma ausência de grandes esforços nesse acesso ao ensino superior, que carrega o sonho de melhoria de vida. É, mais uma vez, a ideologia do esforço pessoal como chave para a ascensão social que se materializa nessas falas sobre o acesso do jovem pobre ao ensino superior.

É interessante destacar, ainda, o fato de que os jovens ricos falaram de forma genérica dos sujeitos pobres que teriam entrado na universidade, sem especificar os seus cursos – exceto por menções breves que, curiosamente, referem-se a três cursos tradicionais: engenharia, direito e economia. Indagamo-nos sobre o porquê desse silêncio: será porque a possibilidade de um jovem pobre chegar à universidade parece, para esses sujeitos ricos, tão remota que eles não conseguem caracterizar o curso em que esse jovem entraria?

Chamamos atenção, por fim, à significação trazida por um jovem de que o ensino técnico leva a uma existência voltada apenas para o trabalho. Transparece, nessa fala, a valorização do trabalho intelectual em detrimento do manual, tão característica de nossa sociedade desigual. O ensino técnico é reservado aos filhos dos pobres, enquanto o academicismo e o intelectualismo fica destinado aos filhos dos ricos. Em sentido convergente, L. Oliveira (2011), em sua pesquisa com 80 jovens ricos que cursavam o ensino médio, percebeu a escolha desses sujeitos da elite por trabalhos intelectuais e o distanciamento deles em relação a trabalhos manuais.

6.3.5. *Eu escolho o meu trabalho, que é para mim; tu não podes escolher o teu, que é para os outros.*

Trazemos, em seguida, a tabela que sistematiza as falas dos sujeitos ricos que integram a categoria que chamamos de “Trabalho”. Esta é a categoria que concentra o maior número de respostas dos sujeitos ricos, trazendo um tema que ocupa lugar central em seus projetos de futuro, como têm apontado outras pesquisas com essa temática que trabalharam com jovens da camada alta (PILON, 1986; LIEBESNY, 1998; BOCK; LIEBESNY, 2003; OLIVEIRA; PINTO; SOUZA, 2003; VALORE; VIARO, 2007; MAIA; MANCEBO, 2010).

Tabela 20 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Trabalho (continua)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
1 (F)	<p>“Cheguei a dirigir um curta-metragem, o que significou muito para mim...”</p> <p>“Há 1 ano venho trabalhando como garçõnete à noite em um restaurante, e de dia sou assistente em uma produtora de televisão.”</p>	<p>“Trabalhava desde os 11 anos, hora como ‘carregador’ de um mercadinho, hora como ‘lixeiro’, hora como barbeiro...”</p> <p>“Aos 16 anos, foi procurar um emprego fixo, e depois de um ano de procura, arranjou um, como faxineiro de um bar. Limpava o bar todas as tardes, e por cinco anos, viveu disso. Aos 22 anos foi promovido ‘bar-tender’ do bar, recebendo, agora, quase que um salário mínimo.”</p> <p>“Além disso, passou a trabalhar como lixeiro de manhã em alguns parques e praças ali perto.”</p> <p>“Agora, com 26 anos, trabalhava 18 horas por dia para tentar manter a casa e a comida mínima.”</p> <p>“Seu sonho sempre fora ser médico, ou algo parecido. Quando criança, adorava simular operações em insetos e outros bichos. Mas, no momento, seu sonho era conseguir, algum dia, ser faxineiro de algum hospital. Estaria assim, mais perto do que nunca do que ama fazer 0 além do salário ser um pouco melhor.”</p>

Tabela 20 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Trabalho (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
2 (F)	<p>“Durante os 4 anos que eu passei na faculdade, eu trabalhei com pesquisas, em alguns lugares diferentes.”</p> <p>“Em alguns momentos, trabalhei dando aulas no Ensino Médio, mas explorei outras áreas de atuação – como museus ou pesquisa acadêmica.”</p> <p>“Gosto de pensar que ainda tenho muito a avançar na minha vida profissional, embora não saiba exatamente o rumo que as coisas irão tomar.”</p>	<p>“Ao longo desses 10 anos, ele trabalhou bastante, mesmo durante a faculdade.”</p> <p>“Acabou conseguindo um emprego que não se relacionava com a faculdade que fez, por conta da conveniência.”</p> <p>“...ganhado algum dinheiro...”</p>
3 (F)	<p>“O que eu realmente queria naquela época era começar a minha própria vida, sair de casa, trabalhar junto com a faculdade, mesmo que fosse como garçomete...”</p> <p>“Comecei a fazer estágio a noite. Não era como eu imaginava, mesmo trabalhando no que eu gosto, não ficava animada de ir para o trabalho todos os dias. Mas pelo menos eu estava um passo à frente da vida que eu sempre quis.”</p> <p>“Comecei a trabalhar em uma empresa.”</p> <p>“Agora sonho em abrir o meu próprio escritório.”</p>	<p>“Trabalhava desde pequeno, pois sua família precisava do dinheiro extra.”</p> <p>“Sonhava em um dia ser um grande advogado, porém, no fundo, achava que seria impossível.”</p> <p>“Seus irmãos mais velhos abandonaram a escola e começaram a trabalhar...”</p> <p>“...sonhava em entrar na faculdade, porém sabia que seria muito difícil. Começou a fazer cursinho de manhã, trabalhava à tarde com seu irmão no supermercado e, nos finais de semana, trabalhava em um restaurante.”</p> <p>“Pedro, agora [depois de entrar na faculdade], está trabalhando de dia e de noite para ajudar a família.”</p>
4 (F)	<p>“Sei que o teatro e as artes em geral não movimentam fundamentalmente a história, mas, como atriz, me sinto confortável num ambiente de maior resistência à indústria.”</p> <p>“Teatro engajado e construção de uma família são coisas quase incompatíveis. Se por acaso, eu conseguir uma maior estabilidade, dando aulas na universidade, essa possibilidade pode vir a ter maior espaço.”</p>	<p>“Esse jovem se formou [no ensino médio] e teve que procurar um emprego. Ajudando em alguma lanchonete, em alguma banca, algum serviço que o remunerasse o suficiente para ajuda-lo a pagar a faculdade.”</p> <p>“Depois de formado [na faculdade], esse jovem conseguiu um emprego de remuneração maior e se estabilizou com isso. Mas não tão alta a ponto de enriquecer muito, mas ele faz parte já da classe média baixa.”</p>

Tabela 20 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Trabalho (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
5 (F)	<p>“É curioso o modo como tudo começou. Um pequeno investimento em cursos culinários foi capaz de me fazer ascender e, principalmente, realizar de forma concreta um projeto que, além dos lucros, me proporciona alegria. As intenções, no momento, ainda são embasadas na expansão e, quem sabe, em uma diversificação de produtos. Desde pequena fui apaixonada por doces, pela gastronomia e pela publicidade de modo geral. Sempre achei fascinante como é possível lidar com a imagem (tanto pessoal quanto de produtos) de forma a manipular mentes. Nem sempre, claro, achei correto; porém, há de se admitir que é, sim, fascinante.”</p>	<p>“Quem sabe dessa forma [aprendendo um pouco de cada área ou assunto que lhe possa ser útil ou necessário] algum dia seja possível conseguir um trabalho bem remunerado e dar a meus filhos a chance de seguirem seus sonhos, independentemente de quais forem.”</p>
6 (F)	<p>“A partir do quarto semestre [de faculdade] iniciei um estágio numa empresa de publicidade, onde continuei trabalhando até me formar na faculdade. (...) Permaneci tanto tempo nessa agência, pois tinha horários flexíveis, e conseguia conciliar trabalho, estudo e diversão...”</p> <p>“Com meu, naquele momento noivo, começaria uma horticófruti de produtos orgânicos. Empreendimento com que trabalho e estou colocando muito esforço para que sobreviva, com essa economia de hoje.”</p>	<p>“...[durante o ensino médio havia] pressão imposta sobre ele para que abandonasse os estudos e iniciasse a ajudar na renda da família mais cedo.”</p> <p>“Seu primeiro emprego foi como caixa em um shopping no subúrbio. A diferença social era explícita diante de seus olhos diariamente. A vida era cansativa, era necessário pegar 3 onibus cheios para chegar em sua casa as 23h...”</p> <p>“...[passaram os anos] mas o emprego continuava o mesmo e as perspectivas de melhora de vida pareciam distantes e angustiantes.”</p>
7 (F)	<p>“Me formei em 2020 e sai de lá empregada, em um trabalho mais urbanista na cidade de São Paulo.”</p>	<p>“...e trabalhou de dia durante toda a sua vida universitária, para ajudar a sustentar a sua família.”</p> <p>“Após formado conseguiu um emprego no qual está até os dias de hoje.”</p> <p>“...[ele e sua mulher] juntos fazem planos para se mudarem para viverem sozinhos em uma casa e conseguirem se sustentar, o que talvez não será tão cedo, visando que ainda está no começo de sua vida de trabalho. Dá prioridade aos seus planos de ‘autosustentação’ do que a viagens e lazer.”</p>

Tabela 20 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Trabalho (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
8 (F)	<p>“...[nos anos de faculdade] trabalhei por um tempo como garçõnete e vendedora...”</p> <p>“...e logo após 2 anos consegui um estágio em uma agência de publicidade na área de criação.”</p> <p>“Depois de terminado o pós, já tinha mais estabilidade no emprego (...)”</p> <p>“...[já pensava em constituir família] mas ainda bastante focada em minha carreira, com o objetivo de me tornar diretora de criação ou talvez fundar minha própria agência, mas esses seriam planos para a próxima década.”</p>	<p>“Para conseguir pagar uma faculdade privada e ajudar a família, o jovem arruma dois empregos, ele sai de casa todos os dias as 5 da manhã e trabalha até as 18, quando vai direto para as aulas e fica até as 23.”</p> <p>“Consegue terminar a faculdade e ganha um aumento em um dos empregos sustentando o filho, sua força de vontade faz com que consiga um emprego em uma grande empresa e ele pode largar os outros dois. Fica quase três anos como estagiário e é promovido para analista.”</p>
9 (F)	-	<p>“...a tarde e a noite trabalhava como faxineiro num restaurante da zona oeste para pagar o cursinho.”</p> <p>“Seu sonho era ser arquiteto. Queria aprender a desenhar e quem sabe um dia poderia desenhar um prédio, como aqueles antigos do centro.”</p> <p>“Então [após a mãe falar que ele deveria desistir de fazer faculdade], ele saiu do cursinho e começou a procurar emprego. Engraxou sapato, foi lixeiro, cobrador de ônibus. Hoje, ele é caixa de supermercado.”</p>
10 (F)	<p>“Vários curtas foram produzidos ao longo do meu curso, além de um estágio, que foi arranjado através de alguns contatos que eu fizera com amigos de meus pais, numa produtora de som.”</p> <p>“Ao terminar a faculdade, depois de respiro para um mochilão pela América do Sul transformador feito com a grana de alguns bicos e o estágio, retornei ao local de estágio, me sentindo já bem mais preparada para exercer algo mais específico, e aqui estou, agora atuando na área de videoclipes e trilhas sonoras.”</p>	<p>“Ao se formar no colegial, logo saiu para trabalhar em um boteco de seu bairro, como garçom, para ajudar com as despesas em casa...”</p> <p>“...[como estudou em escola técnica] após bastante tempo de procura enquanto mantia seu trabalho de garçom, conseguiu um emprego que lidava com informática e computação, no qual podia aplicar bem o que aprendera durante seus estudos.”</p> <p>“À medida em que o tempo foi passando, conseguiu se especializar cada vez mais no que exercia, de modo que depois de dois anos, foi promovido para uma função melhor e de salário também melhor.”</p>

Tabela 20 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Trabalho (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
11 (M)	<p>“...logo que terminei o curso [superior] e me tornei pesquisador (ao mesmo tempo que escrevia meu mestrado), adquiri independência econômica.”</p> <p>“...[fez outra graduação em Ciências Naturais] ao mesmo tempo que trabalhava com Matemática.”</p> <p>“Atualmente, agora que finalizei o curso de Ciências Naturais, tenho trabalhado como professor e pesquisador (em conjunto com outros pesquisadores) juntando ambos os conhecimentos.”</p>	<p>“Enquanto isso [durante o ensino superior], tinha que trabalhar como monitor em uma escola, para conseguir se sustentar.”</p> <p>“Escolhera engenharia pois assim poderia ajudar mais a família, em termos econômicos.”</p> <p>“Ao finalizar a graduação, continuou com a carreira acadêmica na universidade.”</p> <p>“Como tinha que ajudar a família, também trabalhava como professor, mas nunca foi o que ele realmente desejou fazer.”</p> <p>“Quando seus trabalhos começaram a ficar mais conhecidos pela comunidade acadêmica, passou a se dedicar inteiramente à pesquisa...”</p>
12 (M)	<p>“...[após concluir o ensino superior] comecei a trabalhar (após o estágio) de modo a conseguir me sustentar sem a ajuda paterna.”</p>	<p>“...[não passou no vestibular] pois não conseguiu organizar seus estudos com seu trabalho (necessário para ajudar na renda de sua família).”</p> <p>“...teve de lutar para conseguir estudar e trabalhar ao mesmo tempo.”</p>
13 (M)	<p>“Não sei o que aconteceu depois. Posso ter seguido uma carreira de pianista, se tiver sido competente o suficiente. Posso ter começado mestrado em matemática e encontrado um emprego de matemática.”</p>	<p>“Terminando o curso, não precisei mais tanto do meu emprego anterior, que mantive para ajudar no sustento de meus estudos e da minha própria vida durante os estudos.”</p> <p>“Minhas condições de vida melhoraram depois que me empreguei como advogado, pude ajudar a minha família.”</p>
14 (M)	-	<p>“Arranjou um trabalho...”</p>
16 (M)	<p>“No quarto ano comecei estágio, e evitei trabalhar em bancos, porque não me interessava. Achei uma empresa de microcrédito para estagiar, e fui efetivado. Continuei lá depois que terminei a FEA, mas ainda procuro outros cargos, pois está sendo difícil me sustentar só com o salário que recebo dessa empresa. (...) Mas minha vida profissional não consegue reunir meus últimos 10 anos, é claro.”</p>	<p>“No fim da tarde ajudava meu pai no concerto e na venda de peças para carros. (...) Quando terminei o 3º ano do colegial, o tempo que ficava na escola, passei a usar como mecânico, ajudando meu pai.”</p> <p>“[Depois da morte do meu pai] Eu continuei como mecânico, tentando sem conseguir compensar o trabalho que meu pai fazia. Em 2018 comecei a apresentar o trabalho de mecânico aos meus irmãos que começaram a trabalhar comigo. Essa ajuda deu certo, e há 2 anos eles largaram a escola.”</p>

Tabela 20 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Trabalho (conclusão)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
17 (M)	“Não sei dizer ainda para que lado do mercado de trabalho migrarei, provavelmente para um lado mais artístico...”	<p>“Com um ensino fundamental e médio completos, apesar de fracos, suas possibilidades de emprego e educação superior cresceram.”</p> <p>“Como teve que entrar cedo no mercado de trabalho, teve de se esforçar mais para conciliar sua profissionalização com seu trabalho de sustentação.”</p> <p>“Em 2022, já com o curso completo, a vida desse jovem já estava mais estruturada de certa forma, com um emprego melhor...”</p>
18 (M)	<p>“...agora [em 2022] já trabalho...”</p> <p>“...quero um trabalho com algum tempo livre, que me permita dar uma nova chance à música e ao esporte e a todos os pequenos interesses tão comuns na juventude.”</p>	<p>“O jovem começou a trabalhar mais de dez anos atrás enquanto ainda estava na escola.”</p> <p>“Apenas nesse ano [2022] é que foi possível para esse homem exercer a profissão que aprendera, na faculdade que, pensar de ainda não pagar muito bem, lhe da uma imensa perspectiva de sucesso.”</p>
<b>Total de sujeitos - 17</b>	<b>Total de respostas - 30</b>	<b>Total de respostas - 47</b>

### **Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Nesta categoria, observamos uma presença maior de respostas quanto ao futuro do jovem pobre do que em relação ao próprio futuro.

O trabalho, para os jovens ricos, está associado à conquista da independência. Esses jovens desejam um percurso de trabalho que já comece durante a faculdade, com estágios, e que se desenvolva em vários lugares diferentes, permitindo muitas possibilidades de experimentar até que eles achem em que querem trabalhar – de preferência, sendo efetivados logo após sair da faculdade. Querem abrir negócios, realizar sonhos, e querem um trabalho que permita tempo para desenvolverem outras atividades – artísticas, hobbies, lazer – de que gostam. É interessante destacar que apenas uma jovem menciona um trabalho que foi encontrado por meio da ajuda de contatos dos pais: os demais buscam suas trajetórias sozinhos.

Encontramos, entre as ocupações futuras mencionadas pelos jovens: diretor de filme, assistente em produtora de TV, pesquisador, professor, dono de empresa/empreendimento, atriz, publicitário, urbanista, produtora de som, pianista, matemático e economista. As

profissões escolhidas parecem seguir a tendência, observada na categoria “Ensino Médio”, desse grupo de jovens de fugir de profissões muito tradicionais, como médico, advogado ou engenheiro, e de buscar atividades ligadas às áreas artística e de criação. Como também já discutimos na categoria anterior, são ocupações que se distanciam do perfil de ocupações do grupo de pais desses jovens, que têm, em sua maioria, profissões tradicionais na área de direito, engenharia e negócios.

Destacamos a presença, no discurso de algumas jovens, de um trabalho, durante o período da faculdade, como garçonne ou vendedora. Parece um projeto contraditório com as condições socioeconômicas das famílias desse grupo de sujeitos, que, pertencendo à camada alta, não precisariam trabalhar para se manter na faculdade. Questionamo-nos se esse projeto não está ligado a um desejo desses jovens de ser independentes, de passar por experiências em que tenham que responder por si mesmos, ainda que isso lhes custe o seu conforto.

Também nos perguntamos em que medida tais respostas podem espelhar enredos de seriados e filmes de TV americanos, em que com frequência são mostrados de forma romantizada jovens que saem de casa para trabalhar em restaurantes a fim de se sustentar e/ou de pagar a faculdade. Se isso é comum na cultura norte-americana, é extremamente incomum para a elite brasileira, para qual o emprego de garçonne ou de vendedora só se torna factível quando no contexto de um período de um *Work Experience* no exterior.

### **Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

Em sentido contrário à independência que buscam, os jovens ricos projetam para os pobres um trabalho em situação de dependência. Dependência primeiro porque estão na condição de assalariados, em subempregos. Segundo, porque pressupõem haver uma dependência simbiótica desses jovens com suas família, na qual o jovem depende da família, por não ter dinheiro suficiente para se manter, e a família depende da renda que o filho dá para as despesas da casa. Os jovens pobres não começam o trabalho após a faculdade: trabalham desde cedo, para contribuir com o sustento familiar – muitas vezes largando a escola para trabalhar, por pressão e/ou necessidade da família.

Os jovens pobres são aqueles que trabalham duro, dia e noite, para ajudar a família e, na melhor das hipóteses, para pagar a sua faculdade ou o seu cursinho. Têm uma rotina cansativa de trabalho, demoram horas para chegar da casa até o emprego e ocupam diversas posições desprestigiadas em nossa sociedade: lixeiro (o mais citado), faxineiro, bar-atender, barbeiro, caixa de supermercado e de loja, engraxate, cobrador de ônibus, garçom, monitor em escola, mecânico. Trabalham em supermercados, restaurantes, lanchonetes, bancas,

botecos. A percepção dos jovens de elite sobre os das classes pobres entra na lógica denunciada por Souza (2009): não tendo condições de se inserir na lógica competitiva do mercado de trabalho, a “ralé” vai ocupar trabalhos pouco qualificados e pesados, que permitem uma posição de privilégio às classes ricas.

Para os jovens ricos, os sujeitos pobres podem até ter sonhos de cursar ensino superior e de se tornar arquitetos ou advogados, mas dificilmente conseguirão. Têm que aceitar qualquer emprego genérico que esteja disponível para eles, mesmo que sejam em funções desconectadas a suas formações ou a seus desejos. Pobre não pode escolher, não pode ter desejos. Ou melhor, pobre raramente pode escolher: só às custas de um esforço hercúleo nos estudos e no trabalho um jovem pobre pode ascender socialmente e se tornar o profissional que deseja. Mesmo assim, ele nunca melhorará muito as suas condições socioeconômicas.

### 6.3.6. *Eu serei independente da minha família; tu serás eternamente dependente da tua.*

Segue-se a tabela com os conteúdos que os jovens ricos sobre a categoria “Família”, a terceira com o maior número de respostas.

Tabela 21 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Família (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
1 (F)	“Me mudei da casa dos meus pais no meio da faculdade, aos 21 anos... me sustentando bastante, mas com alguma ajuda dos meus pais.”	<p>“Morava em uma casa situada na Zona Leste de São Paulo..”</p> <p>“Podia usar o ônibus também, mas só quando chovia muito forte, que era quando sua mãe lhe emprestava o dinheiro.”</p> <p>“...o dinheiro que arrecadou, entregava à mãe.”</p> <p>“Sendo o mais velho de 5 irmãos, era quase como um pai para a família – pai que nunca obtiveram. Mas cedo colocou os irmãos para trabalhar também.”</p> <p>“Arranjou, então, um trabalho fixo de carregador de um mercado ali perto para o irmão mais velho dos 4.”</p>
2 (F)	<p>“Não me casei e não tive filhos – e nem pretendo.”</p> <p>“...nunca busquei o tipo de comprometimento que o casamento propõe.”</p>	<p>“...continuava morando no mesmo bairro em que nasceu, perto de sua mãe.”</p> <p>“Se casou, talvez tenha tido algum filho.”</p>

Tabela 21 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Família (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
3 (F)	<p>“Agora, sonho em (...) casar e morar em uma casa só eu e meu marido.”</p> <p>“Sinto tanta falta (...) de morar com meus pais.”</p>	<p>“Trabalhava desde pequeno, pois sua família precisava do dinheiro extra.”</p> <p>“Seus irmãos mais velhos abandonaram a escola e começaram a trabalhar, um muda de trabalho todo o ano e o outro trabalha em um grande supermercado, como gerente. Mas Pedro não, Pedro era o orgulho da família. Sua mãe sempre dizia pra ele que ele faria faculdade e melhoraria de vida. (...) Todo final de semestre ele mostrava suas notas para a mãe, e ela chorava de alegria.”</p> <p>“...pensava que um dia [com estudos e trabalho] poderia melhorar a vida de sua mãe.”</p> <p>“Pedro, agora [depois de entrar na faculdade], está trabalhando de dia e de noite para ajudar a família.”</p>
4 (F)	<p>“No entanto [apesar de trabalhar num ambiente de resistência à indústria], não deixei de aderir a valores que esboçam minha origem social: tenho um parceiro estável e quero ter filhos em um futuro não tão distante.”</p> <p>“Agora o momento parece ser pouco adequado para ter filhos]. Teatro engajado e construção de uma família são coisas quase incompatíveis. Se por acaso , eu conseguir uma maior estabilidade, dando aulas na universidade, essa possibilidade pode vir a ter maior espaço.”</p>	<p>“...e pensa em construir uma família.”</p>
5 (F)	<p>“Negar as empresas do meu pai foi, sem dúvida, uma atitude que, em termos financeiros, me prejudicou.”</p>	<p>“...não tenho condições de dar a meus filhos boas condições de estudo: dependerão ainda do sistema público que, há décadas estagnado, não se empenhou verdadeiramente em diminuir as diferenças e tornar a vida da população verdadeiramente digna.”</p> <p>“...algum dia seja possível conseguir um trabalho bem remunerado e dar a meus filhos a chance de seguirem seus sonhos, independentemente de quais forem.”</p>
6 (F)	<p>“Escolha [fazer administração na FGV] que sempre tinha sido a vontade do meu pai.”</p>	<p>“...[havia pressão para que] iniciasse a ajudar na renda da família mais cedo.”</p> <p>“...[tinha que chegar em casa tarde] e ainda cuidar de seu irmão pequeno. Com o passar dos anos seu irmão foi crescendo, sua família envelhecendo...”</p> <p>“Nos fins de semana, era tradicional, e até hoje é, reunir a família toda junta, e matar a saudade de todos que moravam longe.”</p>

Tabela 21 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Família (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
7 (F)	“Conheci meu noivo e planejamos nos casar ano que vem (2023). Pretendo ter 3 filhos e continuar a morar no Brasil, em São Paulo.”	“...e trabalhou de dia durante toda a sua vida universitária, para ajudar a sustentar a sua família.”  “Conheceu sua mulher e juntos fazem planos para se mudarem para viverem sozinhos em uma casa e conseguirem se sustentar...”
8 (F)	“...[com maior estabilidade no emprego] podia pensar em começar minha família...”	“Para (...) ajudar a sustentar a família, o jovem arruma dois empregos...”  “...antes de acabar os estudos se depara com uma gravidez inesperada. (...) sustentando o filho...”
9 (F)	-	“Sua mãe começou a se irritar e mandou ele desistir [de fazer cursinho e prestar vestibular, após não passar 3 vezes]. ‘A gente não nasceu pra fazer faculdade não. Tá na hora de cair na realidade e começar a me ajudar a pagar as contas.’”
10 (F)	“...um estágio, que foi arranjado através de alguns contatos que eu fizera com amigos de meus pais, numa produtora de som.”  “Assim que retornei da viagem de 6 meses [mochilão pela América do Sul], esqueci de mencionar, me mudei da casa de meus pais para meu primeiro apartamento...”	“...saiu para trabalhar em um boteco de seu bairro, como garçom, para ajudar com as despesas em casa, na qual morava com a mãe e mais dois irmãos.”  “...[conseguiu emprego melhor com salário melhor] o que possibilitou uma boa melhoria na casa onde vivia com a família.”
11 (M)	“Enquanto era estudante de graduação, era sustentado por meus pais...”  “Continuo tendo contato com a família... conquanto meu contato com eles tenha diminuído bastante e progressivamente ao longo dos últimos dez anos, dado o tempo que tenho dedicado às outras atividades.”	“Escolhera engenharia pois assim poderia ajudar mais a família, em termos econômicos.”  “Como tinha que ajudar a família...”  “...e a sua família já tinha melhorado de condição e não precisava mais de tanta ajuda.”
12 (M)	“...mas sempre procurei aproveitar ao máximo os momentos que tive com meus amigos e família.”  “...[começou a trabalhar] de modo a conseguir me sustentar sem a ajuda paterna.”	“...seu trabalho (necessário para ajudar na renda de sua família).”  “Atualmente tem uma renda mais alta do que a que tinha anteriormente, conseguindo melhor qualidade de vida para seus familiares.”
13 (M)	-	“Minhas condições de vida melhoraram depois que me empreguei como advogado, pude ajudar a minha família. Mas não era apenas a minha família que importava [mas também outras pessoas em situação de exclusão social].”
14 (M)	-	“...talvez tenha se casado, talvez tenha tido falhas.”

Tabela 21 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Família (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
15 (M)	<p>“[Pensei em fazer] Engenharia pelo meu pai que sentava comigo e me fazia estudar muita matemática e só ‘tirar boas notas nessa matéria.’”</p> <p>“Porém por problemas com meus pais, por influência meio esquerdista e progressista, nada muito forte, acabei me levando ao lado contrário ao conservadorismo de meus pais, que também não era muito forte e não me reprimia, também nunca discuti nem busquei discutir nada nesse sentido com eles.”</p>	<p>“...pode ter tido problemas com os pais...”</p> <p>“Esse jovem em específico (fictício) viu o pai ser preso por roubar pão para a família não morrer de fome, viu a mãe trabalhar como doméstica nos bairros mais ricos e ter que demorar 3 horas no trajeto de casa para o trabalho. Viu-a trabalhar como costureira na ‘folga’ porque o marido estava preso e não tinha mais como sustentar a família.”</p> <p>“Ele se viu não podendo fazer uma área que gostasse como física ou histórica porque ele deve sustentar a si e a mãe que quase morre de cansasso.”</p>
16 (M)	-	<p>“No fim da tarde ajudava seu pai no concerto e na venda de peças para carros. Era assim que minha família era sustentada. Minha mãe era dona de casa, encontrava ela à noite para o jantar. Quando terminei o 3º ano do colegial, o tempo que ficava na escola, passei a usar como mecânico, ajudando meu pai. Dois anos depois, porém, ele morreu após um ataque cardíaco.”</p> <p>“[Após a morte do marido] Minha mãe se desesperou e virou professora da escola em que eu estudava.”</p> <p>“Em 2018 comecei a apresentar o trabalho de mecânico aos meus irmãos, que começaram a trabalhar comigo. Essa ajuda deu certo, e há 2 anos eles largaram a escola. Minha mãe ficou feliz com o relativo sucesso dos filhos dela. Agora adoeceu, e não sei se vai aguentar mais muito tempo.”</p>
17 (M)	-	<p>“O jovem que se formou em 2012 na escola pública teve um futuro bem diferente de seus pais, porém muito aquém do ideal de igualdade perante o jovem rico que tanto queremos buscar.”</p> <p>“...[consegui fazer um curso técnico] diferente de seus pais que desde sempre precisaram trabalhar sem tempo livre nem oportunidades, tendo de sustentar uma família ainda jovens (20 e poucos anos) e sem ajuda e políticas sociais do governo (coisa que mudou para o jovem de 2012).”</p> <p>“Esse jovem, agora com 28 anos, já pode pensar em ter um filho, com plenas condições de garantir um bom desenvolvimento para a criança.”</p>

Tabela 21 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Família (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
18 (M)	“...quero me apaixonar, me casar e ter filhos...”	-
<b>Total de sujeitos - 18</b>	<b>Total de respostas - 20</b>	<b>Total de respostas - 40</b>

### **Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Nesta categoria, os jovens ricos expressam seu desejo de autonomia em relação à família de origem e de construção de sua nova família. Querem encontrar alguém que amam, casar e ter filhos – planos que são feitos para após a estabilização no emprego. Falam do desejo de mudar da casa dos pais e se sustentar sem a ajuda paterna, em busca de sua independência. Nesse sentido, destacamos um jovem que fala sobre negar as empresas paternas, mesmo que isso lhe custe uma vida pior em termos financeiros, para seguir os seus próprios sonhos.

### **Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

O futuro que os sujeitos ricos projetam para os jovens pobres, por sua vez, é caracterizado por uma dependência simbiótica que sua família de origem tem deles e vice-versa, pois nenhum desses polos tem dinheiro suficiente para se manter sozinho. O verbo que mais se repete, de forma exaustiva, quando falam da família do jovem pobre é “ajudar”: principalmente ajudar no sustento da família, mas também ajudar a cuidar dos irmãos mais novos. É uma família necessitada e o jovem pobre estuda, trabalha, vive para sustentá-la. Faz lembrar discursos muito ouvidos na TV de indivíduos pobres que ganharam dinheiro – sejam atores, jogadores de futebol, Big Brothers ou outros – e que citam como o primeiro destino da fortuna recém-adquirida ajudar a família, comprar uma casa própria para a mãe etc.

A família de origem desse jovem pobre também comporta múltiplas formas de dificuldades: nunca houve um pai para ajudar, o pai morreu, o pai foi preso por roubar pão para alimentar a família, a mãe quase morre de cansaço por trabalhar muito para compensar a ausência de um marido, a mãe fica doente, por incentivo dos familiares os irmãos mais novos largam a escola para trabalhar em subempregos, nasce um filho de uma gravidez inesperada... Quanto à nova família que poderia ser formada por esses jovens, há menções vagas: talvez tenham casado, talvez tenham tido filhos.

A possibilidade de melhora de padrões de vida em relação à família de origem é pouco admitida: esses jovens estão condenados a prover, por meio de seus esforços nos estudos e no trabalho, para essa família desprovida. Nesse cenário, o jovem que estuda é o orgulho familiar, pois consegue acessar o meio para melhorar a sua vida e a dos seus. Isso inclui também seus futuros filhos, para os quais quer dar chances melhores do que as que teve – outro discurso muito ouvido na mídia, pelo qual as oportunidades melhores para as novas gerações devem ser fornecidas pelo esforço individual de seus pais.

### 6.3.7. *Eu me engajo para mudar a vida de outros; tu te engajas para mudar a vida dos teus.*

A seguir, trazemos a tabela com as respostas dos jovens ricos acerca da categoria a que chamamos de “Participação política e social”.

Tabela 22 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Participação política e social (continua)

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
1 (F)	“Vivi com os diferentes povos [de países da América Latina], e senti um pouco suas dificuldades, na pele.”	-
4 (F)	“Ainda me encontro como uma idealista em meio a esse poço de boçalidade [mundo capitalista, passividade geral]. Mas não uma idealista utópica com discurso à la ‘corrente-do-bem’(perdi cedo minha ingenuidade).”  “Por ora, minhas ocupações são claras (e muitas): nosso coletivo teatral e nossos projetos de conscientização social anti-capitalistas. Tudo porque esperamos é uma reação popular.”	-
5 (F)	“Pretendo, em breve, atingir meus objetivos e realizar o projeto que idealizo desde os meus quinze anos: construir uma escola público-privada que misture classes e dê chances verdadeiras a alunos de baixa renda tanto no mercado de trabalho quanto na realização de suas aspirações pessoais.”	-
6 (F)	“Quando me formei [na faculdade], me demiti da agência e me aprofundi no trabalho comunitário na favela, (...) trabalho que participava desde formada [no colégio]...”	-

Tabela 22 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Participação política e social (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
11(M)	<p>“...e sempre tentar ampliar o alcance das pesquisas para além do campo acadêmico, tentando beneficiar a sociedade.”</p> <p>“...[tentei não deixar de lado] a participação política (ajudando movimentos políticos da esquerda da extrema esquerda).”</p>	<p>“Paralelamente, sempre defendeu no campo político visões que visassem melhorar a condição daqueles que, como ele e sua família, não tivessem tido, desde jovens, boas condições de saúde, educação, etc.”</p>
13 (M)	-	<p>“A vida na universidade e o estudo das leis na universidade mostravam-me o poder que tem a ferramenta política, a importância que tem o pensar mais profundo sobre o assunto, que ia além da ladainha de pequeno burguês sobre a corrupção.”</p> <p>“Mas não era apenas a minha família que importava. Durante meus estudos de Direito e mesmo no tempo em que trabalhei até hoje, li muitos trabalhos de sociólogos e cientistas políticos, e na São Francisco conheci algumas pessoas que, como eu, estudaram para agarrar a nossa oportunidade de estudo. Hoje estávamos combinando de encontrar-nos, já que não são apenas as nossas famílias que importam, e deveríamos atuar a favor de nossos antigos companheiros. Alguns desses amigos são bem exaltados, gostaram de alguns teóricos dos últimos dois séculos que lhes apresentaram mudanças radicais na organização da sociedade. Eu vou tentar convencê-los a adotar um caminho político pacífico e legalista, que espero que dê certo.”</p>
<b>Total de sujeitos - 6</b>	<b>Total de respostas - 7</b>	<b>Total de respostas - 3</b>

### Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:

Os jovens ricos, ao falar de seus futuros, mencionam o desejo de participação política e social, engajando-se em atividades que visem à melhoria das condições de vida da sociedade, tanto por meio de um trabalho voluntário quanto como uma dimensão de seu trabalho formal – que pode ser a principal ou não. Em geral, podemos aplicar, para grupo de sujeitos, as observações que L. Oliveira (2011) fez na sua pesquisa com jovens de elite: o trabalho, para os jovens ricos, está mais voltado para a realização pessoal, para o reconhecimento e a inserção social do que para um compromisso com a coletividade.

Indagamo-nos sobre o porquê de encontrarmos, para o grupo de jovens ricos, uma presença maior dessa categoria do que entre o grupo de jovens pobres. Acreditamos que a existência de projetos sociais realizados na escola em que estudam pode ter mobilizado a atenção desses jovens para problemas de nossa sociedade e despertado o desejo de uma participação nesse sentido. Também lembramos as colocações de Gonçalves Filho (1998), que analisa que, para as elites, o trabalho social pode aparecer como um meio de apaziguar suas culpas. Os ricos, assim, cristalizam-se na posição de doadores e congelam os outros no lugar de receptores passivos.

### **Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

É interessante observar que, em sentido diverso ao que projetam para si mesmos, ao pensarem o futuro do jovem pobre, nossos sujeitos ricos incluem pouco a questão da participação política e social. Destacamos a ideia de que apenas os jovens pobres que tivessem ascendido socialmente via esforços nos estudos e no trabalho desejariam trabalhar para melhorar as condições de vida de outros jovens provenientes de sua classe socioeconômica. É um trabalho em benefício dos indivíduos iguais a ele, participantes de uma realidade que já foi a sua.

#### *6.3.8. Eu escolho uma vida modesta; a ti, essa vida é imposta.*

A seguir, trazemos uma tabela que sistematiza as falas escritas dos jovens ricos sobre a categoria “Dinheiro e consumo”. Desconsideramos as respostas que se referiam à questão do dinheiro apenas adjetivando o jovem da escola pública de bairro pobre como pobre, pois essa já foi uma condição inicial proposta pelo enunciado da redação.

Tabela 23 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Dinheiro e Consumo

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (escola pública de bairro pobre)</b>
3 (F)	“O que eu realmente queria naquela época era... ter o meu próprio dinheiro, sem regras ou horários para cumprir.”	“Trabalhava desde pequeno, pois sua família precisava do dinheiro extra.”
4 (F)	“Eu e meu parceiro vivemos bem. Mas bem, apenas. Não excessivamente bem.”	“...[a remuneração de seu emprego] não tão alta a ponto de enriquecer muito, mas ele faz parte já da classe média baixa. Ele tem ambições, mas sabe que não vai ascender.”
5 (F)	“Negar as empresas do meu pai foi, sem dúvida, uma atitude que, em termos financeiros, me prejudicou. Mas acredito que esse não seja um problema irreversível ou de suma importância”	“Nem sempre ‘querer’ é sinônimo de ‘poder’, especialmente se não fizermos parte de uma classe social privilegiada.”
7 (F)	-	“Na escolha da profissão ele não tinha tido um campo de escolha tão vasto, por questões financeiras e oportunidades futuras.”
12 (M)	“Comprei um apartamento sem muito luxo...”	-
16 (M)	“...ainda procuro outros cargos, pois está sendo difícil me sustentar só com o salário que recebo dessa empresa.”	-
17 (M)	-	“Em 2022, já com o curso completo, a vida desse jovem já estava mais estruturada de certa forma, com um emprego melhor e a realidade de poder comprar uma casa própria em um bairro de classe média.”
18 (M)	“...agora [em 2022] já trabalho e ganho meu próprio dinheiro...”	-
<b>Total de sujeitos - 7</b>	<b>Total de respostas - 6</b>	<b>Total de respostas - 5</b>

### **Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Em relação ao dinheiro e ao consumo, os jovens ricos manifestam o desejo de ganhar o próprio dinheiro como uma forma de conquistar independência em relação à família de origem, ainda que isso lhes custe a sua comodidade financeira e implique uma vida mais modesta. Não desejam grandes objetos de consumo, nem extravagâncias: o único bem mencionado é um apartamento sem muito luxo e, no futuro, eles se veem com uma condição financeira estável – mas não sem dificuldades.

### Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):

Na visão dos jovens ricos, não acessar luxos é, para os jovens pobres, uma imposição devido a sua condição socioeconômica, e não uma escolha. Aparece claramente o significado de que, se você não tem dinheiro, querer não é poder, você não tem possibilidade de escolhas. Por mais que esses personagens pobres consigam melhorar um pouco a sua vida por meio de seus esforços nos estudos e no trabalho, essa melhora nunca é expressiva, nunca os leva ao ponto de enriquecer. Ser classe média (baixa) é o limite.

#### 6.3.9. *A minha vida comporta amigos; a tua não.*

A seguir, apresentamos a tabela que traz a categoria a que chamamos de “Relações sociais”. Destacamos que, para os jovens ricos, essa categoria ocupa o quarto lugar quanto ao número de respostas, ganhando destaque em seus projetos de futuro.

Tabela 24 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Relações sociais (continua)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
1 (F)	<p>“... e atualmente alugo um apartamento com uma amiga e um amigo...”</p> <p>“...viajei por 10 meses por (quase toda) a América Latina em um mochilão com um amigo – sonho nosso desde os 16 anos... Vivi com os diferentes povos e senti um pouco suas dificuldades, na pele.”</p>	-
2 (F)	<p>“..com vários amigos...”</p> <p>“Tive relacionamentos estáveis, contudo.”</p>	-

Tabela 24 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Relações sociais (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
3 (F)	<p>“Optei pela unidade [do cursinho] mais perto da minha casa, ou seja, longe dos meus amigos, que moravam todos perto. Conheci muita gente diferente, pessoas que, assim como eu, sonhavam com uma vida ‘independente’, pessoas que já viviam assim e pessoas que nem pensavam nisso. Entrei na faculdade, as diferentes pessoas que eu conheci no cursinho já não eram tão diferentes assim, na faculdade cada um pensa de um jeito, e eu fui me apaixonando por isso. Perdi um pouco do contato com meus amigos da escola quanto mais eu me aproximava dos meus amigos da USP, a distância com o pessoal do colégio aumentava.”</p> <p>“Um dia, meio que como um impulso, decidi mudar de casa, junto com duas amigas, passamos a alugar um apartamento próximo à faculdade. Quantas contas para pagar! Quantas roupa pra lavar! Quanto trabalho! O começo foi bem difícil, mas logo nos adaptamos, dividimos as contas e o aluguel. Cada uma tinha um trabalho na casa. Fui sorteada para preparar o jantar todos os dias. Foi assim que eu aprendi a cozinhar, antes eu só preparava miojo.”</p>	-
4 (F)	“...tenho um parceiro estável...”	-
6 (F)	<p>“...[enquanto no emprego] conseguia conciliar trabalho, estudo e diversão, saía quase sempre com meus amigos.”</p> <p>“Nesse emprego conheci meu futuro noivo.”</p>	-
7 (F)	<p>“Meus amigos do colégio foram mantidos e alguns conheci por outros amigos e pela faculdade mesmo. Conheci meu noivo e planejamos nos casar ano que vem (2023).”</p>	-
8 (F)	-	<p>“Nessa rotina [de trabalho de dia e faculdade à noite], mal acha tempo para lazer, mas entra em um relacionamento e antes de acabar os estudos se depara com uma gravidez inesperada.”</p>
9 (F)	<p>“Experimentei o amor nas suas mais diversas formas. Fiz muuuuito sexo.”</p>	-

Tabela 24 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Relações sociais (continuação)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
10 (F)	<p>“...[na faculdade] aprendi muito ao conviver com pessoas absolutamente diferentes de mim e a partir dessas relações, me formar e me conhecer melhor como pessoa. Foi ali que me tornei, realmente, adulta.”</p> <p>“...[após se formar e fazer mochilão pela América do Sul] me mudei da casa dos meus pais para meu primeiro apartamento, o dividindo com uma amiga. Um lugarzinho minúsculo, porém totalmente satisfatório para o que eu procurava e podia pagar. À medida que o tempo passou, minha amiga se mudou e o lugar ficou mais cômodo e privativo.”</p>	<p>“Conheceu, a partir de colegas de trabalho, a mulher que se tornaria depois de algum tempo sua namorada e para a casa da qual, que morava já sozinha, se mudaria depois de algum tempo.”</p>
11 (M)	<p>“Continuo tendo contato... com os antigos amigos, conquanto meu contato com eles tenha diminuído bastante e progressivamente ao longo dos últimos dez anos, dado o tempo que tenho dedicado às outras atividades.”</p>	-
12 (M)	<p>“...mas sempre procurei aproveitar ao máximo os momentos que tive com meus amigos...”</p> <p>“No início desse período eu procurei priorizar meu namoro...”</p> <p>“...ao unir estudos ao namoro (fazendo cursinho junto à namorada)...”</p> <p>“...[com o aumento da quantidade de estudo] restou uma menor quantidade de tempo para me divertir com os outros.”</p> <p>“...sempre guardava um tempo para namorada e amigos (mesmo que seja um tempo não muito grande).”</p>	-
13 (M)	-	<p>“...e na São Francisco conheci algumas pessoas que, como eu, estudaram para agarrar a nossa oportunidade de estudo. Hoje estávamos combinando de encontrar-nos, já que não são apenas as nossas famílias que importam, e deveríamos atuar a favor de nossos antigos companheiros. Alguns desses amigos são bem exaltados, gostaram de alguns teóricos dos últimos dois séculos que lhes apresentaram mudanças radicais na organização da sociedade.”</p>

Tabela 24 – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos –  
Relações sociais (conclusão)

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (pobre)
15 (M)	<p>“Tive um fundamental complicado, fui bem no começo um garoto meio solitário, com dificuldades de me socializar um pouco e me sentia inseguro em relação a pessoas de minha idade, nunca tive muitos amigos, nem amigos que sejam de infância. Fiquei amigo mais de minha prima, 6 anos mais velha que eu, e de seu namorado, 8 anos mais velho e que está ainda com ela. Essa relação foi muito importante para eu ter um cabeça talvez já meio madura por me acostumar a discutir questões mais sérias com eles. Fiquei amigo de um amigo do namorado da minha prima, não muito no começo, mas a cada ano um pouco mais. Me interessava por discutir até com esse último amigo que faz e fazia na época filosofia...”</p> <p>“Foi no 1º ano do ensino médio que fiz mais amizades, com os ditos nerds, mas com os quais não me identifiquei tanto. Me fizeram recuperar parte de paixão pelas exatas.”</p> <p>“Fiz teatro para perder parte da timidez e me soltar mais, consegui. Fiz amigos do 1º e 2º ano durante o meu 3º ano...”</p> <p>“...e namorei uma garota do 1º ano que me abriu um mundo mais adolescente e sociável.”</p>	<p>“...por ter tido problema com (...) amigos...”</p> <p>“Viu os amigos morrerem de fome, usarem drogas, fazerem parte de esquemas ligados ao tráfico de drogas, alguns até morreram pela polícia ou por traficantes.”</p>
16 (M)	<p>“Demorei um tanto para encontrar na FEA o perfil de amigos que tinham a ver comigo. Mas logo achei, e saía também com pessoas de outros cursos.”</p> <p>“O que começou a se realizar desde o colegial são minhas relações no geral. E até hoje é assim.”</p>	<p>“...e não gostava de meus colegas de classe. (...) Voltava para casa e encontrava meus amigos, que moravam perto de casa.”</p>
17 (M)	<p>“Por último, do que posso descrever agora, é a vontade da interação. Para quem deseja estudar Arquitetura e Teatro, as relações entre diversas pessoas é algo de extremo valor. Levando isso para fora da esfera profissional, são essas relações que desejo sempre travar; manter amizades, formar outros e tentar ao máximo reduzir as distâncias e barreiras de espaço e tempo, tanto entre os próximos quanto na sociedade, se levar a esfera e o mundo profissional.”</p>	-
<b>Total de sujeitos - 15</b>	<b>Total de respostas - 26</b>	<b>Total de respostas - 6</b>

### **Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Chama atenção a importância que a categoria “Relações sociais” tem para esse grupo de jovens ricos. O contato com os amigos, a diversão, o desejo de interação são muito presentes e valorizados. Os amigos parecem ser o apoio para a vivência de novas experiências, seja em mochilões pela América do Sul, seja em compartilhar um apartamento – e enfrentar todas as dificuldades da vida prática que isso traz. Destacamos o desejo de conhecer pessoas diferentes na faculdade, o que é valorizado como meio de autoconhecimento e crescimento.

### **Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

No futuro projetado para o jovem pobre, as relações sociais assumem um valor muito menor. Ou são mencionadas de forma sucinta ou não há tempo para o lazer e para os amigos, devido à rotina pesada que conjuga trabalho e estudos. São mencionadas situações diversas, a maioria delas relacionada às condições socioeconômicas adversas dos jovens pobres: os problemas com amigos envolvidos com tráfico de drogas e morrendo de fome, o encontro com outros colegas de profissão que já foram pobres também e que desejam interceder em favor daqueles que ainda estão na condição de pobreza.

#### 6.3.10. Comentários sobre outras categorias menos expressivas

Optamos, neste momento, por trazer comentários sobre conteúdos que apareceram em outras categorias, mas que, pela pouca quantidade de respostas ou pela pouca expressividade delas, escolhemos não apresentar em tabelas nesta seção<sup>1</sup>.

### **Identidade**

#### **Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Quanto à sua identidade, percebemos que os jovens ricos se veem de diferentes formas. Chamamos atenção para o desejo de se tornar adulto, de evoluir em sua personalidade.

---

<sup>1</sup> As tabelas com as falas completas dessas categorias se encontram no Apêndice G.

**Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

Quando caracterizam o jovem pobre, surge apenas uma qualificação: a de uma pessoa feliz, o que parece contraditório com a vida difícil e problemática atribuída aos jovens pobres.

**Sentimentos****Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Os jovens ricos descrevem sentimentos variados em relação ao seu futuro, alguns polarizados nas frustrações que a vida, com suas dificuldades e com os erros cometidos, traz e outros centrados em alegrias, paixões, explosões de sentimentos, vontade de viver e passar por experiências novas.

**Significações dos jovens ricos sobre o outro (jovem pobre):**

Em relação ao futuro imaginado para o jovem pobre, há apenas uma resposta, de um jovem que fala de falhas cometidas por esse jovem, à semelhança do que vê em sua própria vida.

**Juventude****Significações dos jovens ricos sobre si mesmos:**

Essa categoria apenas tem respostas quanto ao próprio futuro. Um jovem, que se dizia tímido desde criança e com dificuldades em estabelecer relacionamentos com pessoas de sua idade, fala de um namoro com uma menina como uma abertura para “um mundo mais adolescente e sociável”, associando juventude a sociabilidade, a relações com outros. Outro jovem cita que são comuns à juventude pequenos interesses por atividades variadas, como música e esporte.

### 6.3.11. Síntese – Jovens ricos

O jovem rico se apresenta como alguém bem sucedido, que alcançará os seus projetos. Isso não acontecerá magicamente: haverá alguma dificuldade e a necessidade de empreender algum esforço, mas leve, pequeno e focado em seus objetivos profissionais. No futuro, veem-se em uma condição mais simples do que seus pais. Porém, serão independentes, bem sucedidos e terão uma boa condição de vida.

O jovem pobre é apresentado por nossos sujeitos ricos como aquele que vive em uma condição difícil, o que faz com que seja necessário um grande esforço para que possa alcançar uma vida digna. No futuro imaginado para o jovem pobre, o esforço tem um peso e uma dimensão muito maiores do que no seu. Nossos sujeitos ricos criaram personagens pobres que são exceções à regra de seu grupo social, pois conseguem ascender na sociedade por meio de seu esforço. Mas não é assim para quase ninguém de sua família ou de sua classe social.

Os jovens ricos associam pobreza com situações difíceis da família pobre: pais com trabalho precário, filhos que têm que trabalhar desde cedo para ajudar no sustento da casa. São situações que não aparecem quando eles falam de suas próprias vidas. Enquanto o pobre, na visão do rico, está identificado com desgraças, problemas, dificuldades, os ricos se identificam com facilidades e possibilidades. O rico traça a sua vida como o padrão, a meta que deve ser alcançada pelos jovens pobres, por meio de seus esforços.

Percebemos que nossos sujeitos ricos recompensam o seu personagem pobre, para o qual imaginam uma vida laboriosa e penosa, com a obtenção de um mínimo: ganham um pouco mais de dinheiro, vivem um pouco melhor. Caracterizam-no como alguém feliz, contraditoriamente a todas as dificuldades traçadas em seu caminho.

Os sujeitos da camada alta percebem, enfim, que a realidade deles é bastante distinta daquela dos jovens pobres, e também percebem que seus futuros serão distintos. No entanto, a desigualdade é naturalizada; não é criticada e nem pensada em sua produção histórica e social: há ricos, e há pobres, e ponto. Só resta aos pobres o esforço para escapar de um destino ruim.

## 6.4. Algumas comparações conclusivas

No sentido de buscar uma apreensão mais crítica e mais integrada dos dados apresentados, pretendemos comparar brevemente a forma como os jovens se veem e o modo como os outros o veem, a partir dos temas trazidos nas categorias. Seleccionamos, para isso, apenas as categorias que apareceram com maior expressão e com significados mais complexos, nos dois grupos de sujeitos: Esforço Pessoal, Mudança de Vida, Ensino Médio, Ensino Superior, Trabalho e Família.

### 6.4.1. O jovem pobre, por ele mesmo e pelo outro

#### Esforço pessoal e Mudança de vida

**O jovem pobre, por ele mesmo:** O grupo de jovens pobres com que trabalhamos vê a si mesmo como um conjunto de indivíduos que, com dedicação e persistência, através de seu esforço pessoal, conseguirá a superação de sua condição material de pobreza e conquistará os seus sonhos, mudando as suas vidas.

**O jovem pobre, pelo outro:** O grupo de jovens ricos também reproduz a ideologia do esforço liberal na visão que tem do pobre. No entanto, percebe que, por mais que alguns indivíduos das camadas empobrecidas possam fazer um superesforço de trabalhar e estudar e, com isso, possa ter sucesso, a regra é outra: os pobres, em geral, não sucedem, não mudam muito de vida.

**Comentário:** Há um desencontro entre a esperança de ascensão social que o jovem pobre traz para o seu futuro e entre a forma determinista pela qual os jovens ricos significam o futuro desse outro, que está fadado a continuar em sua condição socioeconômica, a não ascender, por mais que faça esforços para isso.

### Ensino médio

**O jovem pobre, por ele mesmo:** Ao falar do seu ensino médio, o grupo de jovens pobres traz uma crítica à qualidade da escola pública, que não dá boa base para passar no vestibular. Esse grupo apresenta, também, a ideia de que o estudo é um meio que leva à riqueza.

**O jovem pobre, pelo outro:** Para o grupo de jovens ricos, o fato de um sujeito pobre terminar o ensino médio é algo excepcional, que só vem por um esforço de superação: das dificuldades pessoais com o estudo; da pressão da família e do grupo social para que abandonem o estudo e ingressem no mercado de trabalho; das péssimas condições do ensino público.

**Comentário:** Os dois grupos naturalizam a condição de precariedade que percebem na escola pública: não analisam as condições históricas e sociais que produziram um ensino público precarizado, reservado para as classes empobrecidas, e um ensino particular de (poucas) escolas de elite de qualidade, destinado para a camada alta. Se, para os pobres, essa crítica à escola pública pode vir de uma experiência concreta de acompanhar a dificuldade de outros sujeitos de sua classe social em ingressar na universidade, para os ricos isso parece se ligar à reprodução de uma ideologia que opõe o público, visto como algo de má qualidade, ao privado, visto como algo excelente.

### Ensino superior

**O jovem pobre, por ele mesmo:** Os jovens pobres manifestam o desejo de ingressar em universidades públicas de prestígio, como USP e UNICAMP, e também de entrar em cursos prestigiados, como direito, medicina e engenharia. Apresentam, além de muitas dúvidas sobre a escolha da profissão, um relativo desconhecimento sobre o acesso ao ensino superior, com poucas informações sobre os vestibulares e sobre a política de cotas sociais em universidades públicas ou o Prouni, forma de ingresso em instituições privadas.

**O jovem pobre, pelo outro:** Os jovens ricos percebem que ingressar no ensino superior não é um processo fácil para os pobres. Às vezes não é, em absoluto, uma possibilidade: eles “não nasceram” para fazer faculdade. Quando conseguem ingressar na universidade, é por meio de muitos esforços individuais, após muitas tentativas. Em geral, têm que se contentar com

instituições privadas e trabalhar, enquanto estudam, para pagar o curso – que não é especificado. Se passam para a universidade pública, nunca é em sua primeira opção. Pobre não pode escolher. Também aparece fortemente a ideia dos estudos e do ensino superior como possibilidade de ascensão social – que assume contornos de uma salvação – para os pobres.

**Comentário:** A ideia da universidade como forma de ascensão social parece ser a extensão, para o ensino superior, da ideologia da escola como instituição salvadora, que permite a ascensão social e que tem o potencial de reverter o quadro de desigualdades. Como afirma Souza (2009), esse raciocínio esconde o fato de que a escola, na realidade, apenas legitima a desigualdade já existente “...desde o nascimento, por ‘heranças diferenciais de classe’”. A escola não é pensada como instituição que, sendo constituída em um determinado tempo histórico e por um coletivo de sujeitos, reproduz as desigualdades que existem em nossa sociedade.

### **Trabalho**

**O jovem pobre, por ele mesmo:** Os jovens pobres valorizam o trabalho e desejam conseguir bons empregos nas áreas que escolheram. Querem realizar sonhos profissionais, tornar-se independentes, ascender socialmente via trabalho e obter acesso a dinheiro e consumo. Para alcançar essas metas, preveem a necessidade de trabalhar durante o ensino superior, para pagar os seus cursos. Querem ter profissões reconhecidas, ser jornalistas, psicólogos, designers, médicos, bailarinos, chefes de cozinha, biólogos, músicos, dentistas, maquiadores, professores, militares etc. Não há nenhuma menção a ajudar a família com os rendimentos do trabalho.

**O jovem pobre, pelo outro:** O grupo de jovens ricos, por sua vez, percebe os jovens como indivíduos que começam a trabalhar cedo, para contribuir com o sustento familiar – muitas vezes largando a escola para trabalhar – e também para pagar o seu cursinho ou a sua faculdade. Os ricos acreditam que, no futuro, os jovens pobres estarão realizando trabalhos precarizados, em subempregos. Serão lixeiros, faxineiros, caixas, engraxates, cobradores de ônibus, garçons, mecânicos etc. Podem até sonhar em ser advogados ou arquitetos, mas isso é (quase) impossível, a não ser a partir de um esforço pessoal hercúleo. Pobre não pode escolher: tem que aceitar o emprego que vem.

**Comentário:** A lista de empregos que os jovens ricos atribuem ao personagem pobre nos faz lembrar as observações de Souza (2009) sobre o fato de que, por as classes pobres não terem os requisitos para entrar no mercado competitivo, elas têm que se submeter à lógica de exploração de seu trabalho não qualificado. Os lixeiros, faxineiros, garçons, mecânicos que os jovens ricos constroem são os trabalhadores pouco qualificados que lhes prestam serviços cotidianamente, sem que eles se deem conta de que a sua riqueza é sustentada pela exploração do trabalho das classes pobres. Esse personagem pobre imaginado parece ser aquele sujeito que Gonçalves Filho (1998) descreve como o que experimenta o sentimento de humilhação social, que não encontra, em suas relações com os outros, um reconhecimento de sua subjetividade.

### **Família**

**O jovem pobre, por ele mesmo:** Os jovens pobres destacam, quanto à sua família de origem, o apoio de seus pais para que realizem seus projetos. Também apresentam o desejo de formar suas próprias famílias, casando e tendo filhos. Não há qualquer menção a ter que ajudar a sua família de origem no futuro.

**O jovem pobre, pelo outro:** A forma como os jovens ricos significam a relação do jovem pobre com sua família de origem é a de uma eterna dependência financeira entre o jovem, que não tem dinheiro suficiente para sair de casa, e a sua família de origem, que não tem dinheiro suficiente para se manter sem a renda que vem do trabalho dos filhos. É uma família desprovida, que precisa ser ajudada. Além disso, a configuração familiar desses jovens pobres comportaria múltiplas formas de dificuldades: a ausência de um pai, prisões, doenças etc. Quanto à nova família desses jovens pobres, há apenas menções vagas: talvez tenham casado, talvez tenham tido filhos.

**Comentários:** Chama atenção o desencontro entre a família imaginada pelos jovens ricos para os pobres e a família que esses sujeitos pobres descrevem, a partir de suas vivências concretas. Os ricos supõem uma família desprovida para os pobres; uma família que tem que receber, que tem que ser ajudada por um outro – nesse caso, por um dos seus. Essa não parece ser a família real de nosso grupo de sujeitos, que não falam em momento algum que precisão ajudar seus familiares no futuro. Não é a partir dessa ótica que eles enxergam os seus familiares, e sim a partir do apoio, muito valorizado, que recebem deles.

#### 6.4.2. O jovem rico, por ele mesmo e pelo outro

##### **Esforço pessoal e Mudança de vida**

**O jovem rico, por ele mesmo:** Os jovens ricos trazem pouquíssimas respostas sobre a presença do esforço pessoal nos seus futuros. Quando esse elemento aparece, é direcionado ao sucesso de seus empreendimentos profissionais. O esforço não parece ser um elemento tão necessário para que eles alcancem as suas metas – ou, quando é, é um esforço leve, possível. Quanto às mudanças que preveem para suas vidas, aparece a ideia de que, devido às dificuldades que experimentarão no futuro, alguns sonhos poderão ser realizados e outros não.

**O jovem rico, pelo outro:** O grupo dos jovens pobres, por sua vez, significa de diferentes formas a presença do esforço pessoal na vida dos ricos, todas elas elevando-o a um valor supremo. Há a ideia de que a camada alta tem uma vida fácil e de que, por isso, não precisa fazer esforços – terá uma boa vida, mas também nunca conhecerá o valor de conseguir as coisas por seu mérito. Existe também o significado de que o rico não quer se esforçar e que, por isso, arruinará a sua vida, em um enredo novelesco trágico que envolve mortes, uso de drogas etc. Por fim, há a imagem do jovem rico que empreende esforços à semelhança do pobre, renunciando às comodidades de sua condição social, e que, por isso, tem uma vida mais modesta e mais difícil – mas com o sabor do mérito.

**Comentário:** Percebemos que o esforço pessoal aparece de forma muito menos enfática quando tomamos em análise os sujeitos ricos – seja no que falam sobre si, seja no que os jovens pobres falam sobre esse outro. A significação que se destaca é a de que o rico até tem que se esforçar, mas muito menos do que o pobre, e de que, se esse esforço lhe ajuda a alcançar alguns objetivos, não é elemento essencial como é para a camada pobre.

##### **Ensino médio**

**O jovem rico, por ele mesmo:** Os jovens ricos caracterizam pouco o seu ensino médio: mencionam que o aproveitaram ao máximo e que houve, no momento de sua conclusão, muitas festas e uma viagem – o que caracteriza a experiência de formatura em colégios da camada alta.

**O jovem rico, pelo outro:** O grupo dos jovens pobres, por sua vez, idealiza as escolas dos ricos: são as melhores, mais chiques, mais desejadas, que dão preparação certa, ensino de qualidade, boas oportunidades e boas referências não só educacionais, como também morais. Os ricos concluem o ensino médio com êxito, aprendem com responsabilidade, adquirindo conhecimentos e retendo o máximo de informações.

**Comentários:** Tanto os jovens ricos, quando falam de si, quanto os jovens pobres, quando falam do outro, demonstram uma exaltação do que é dos ricos. No contexto de valorização do que é privado, ideologia que corre em nossa sociedade, a escola particular que atende à camada rica é vista como instituição idealizada, o ápice do prestígio.

### Ensino superior

**O jovem rico, por ele mesmo:** Os jovens ricos descrevem seus projetos de cursar o ensino superior com uma impressionante riqueza de detalhes, traçando um percurso por várias instituições de prestígio nos cenários nacional e internacional, começando na graduação e se estendendo até o doutorado. Preveem a necessidade de fazer um ano de cursinho depois do colégio, o que é justificado como uma consequência de não terem conseguido passar no vestibular – algo incoerente com o fato de que estudam em uma escola cujos alunos tradicionalmente têm boa aprovação nesse concurso. No entanto, isso parece se dever mais ao desejo de ganharem um tempo para pensar com calma na profissão a escolher. Valorizam, ainda, a faculdade como um momento de mudanças e de descobertas. Procuram cursos com boa aceitação social, mas chama atenção a ausência da tradicional tríade direito-medicina-engenharia; destacam-se os cursos ligados a atividades de criação ou artísticas.

**O jovem rico, pelo outro:** Os jovens pobres, por sua vez, idealizam as possibilidades de ensino superior que o rico tem: ele está preparado por sua escola e sua família e, por isso, pode passar com facilidade no vestibular; entra em boas universidades particulares, pagas sem dificuldade por seus pais; tem um ensino de qualidade e acessa boas oportunidades. Tudo isso sem fazer esforços. Os cursos que os ricos desejariam fazer são muito mais procurados e prestigiados: engenharia, direito, medicina, economia. Aparece, ainda, a imagem do jovem rico que não quer e não precisa fazer faculdade, pois já tem dinheiro.

**Comentários:** Tanto o jovem rico, no percurso que procura para o seu ensino superior, quanto o jovem pobre, na percepção que tem das perspectivas desse outro, falam de um percurso que, à semelhança do que encontramos nas falas quanto ao ensino médio, é de prestígio e de vitórias. O que é do rico fica, de novo, valorizado, colocado como ideal.

### **Trabalho**

**O jovem rico, por ele mesmo:** Para os jovens ricos, o significado principal do trabalho é a conquista de independência em relação a suas famílias. Buscam traçar os seus caminhos sozinhos, sem a ajuda dos pais. Eles desejam um percurso de trabalho que comece ainda na faculdade, com estágios, e que se desenvolva em vários lugares diferentes, permitindo possibilidades de experimentar para que descubram qual é a área em que querem se focar. Chama atenção a presença do desejo de abrirem suas próprias empresas. Esses jovens desejam um trabalho que lhes permita realizar seus sonhos e que possibilite tempo livre para desenvolverem outras atividades por que se interessam. Querem ser pesquisadores, professores, diretores ou presidentes, publicitários, urbanistas, pianistas, economistas, matemáticos etc.

**O jovem rico, pelo outro:** O trabalho que os jovens pobres imaginam para os ricos também é idealizado, assim como as possibilidades no ensino superior. Sem esforços, o jovem rico conseguiria empregos, através da rede de contatos dos seus pais ou então na empresa da própria família. É esperado que os jovens da camada alta sigam a profissão de seus pais e que deem continuidade aos seus negócios. Destacam-se, no futuro desse jovem rico, profissões de prestígio e/ou de poder, em posições de chefia: médico, gerente, presidente ou dono de empresa, advogado etc. Aparece, na imagem de jovens ricos que não estudaram e que, por isso, não conseguiram um bom emprego a ideologia do estudo como meio – que compreende um esforço individual – para a colocação ocupacional e social.

**Comentário:** Destacamos o desencontro entre as profissões que os jovens ricos desejam para si e aquelas que o grupo de jovens pobres supõe para seus futuros: os ricos querem trabalhar em profissões menos tradicionais e ocupar posições mais modestas do que aquelas que os jovens pobres colocam no futuro que imaginam para esses outros. Os jovens ricos querem conseguir seus empregos por si mesmos, escolher profissões por si mesmos, e não se acomodar em colocações no mercado garantidas pelas redes de contato dos pais.

## **Família**

**O jovem rico, por ele mesmo:** O significado que aparece mais fortemente nas falas dos jovens ricos é o desejo de autonomia em relação à família de origem. Ainda que isso lhes custe um declínio em sua condição socioeconômica ou os faça passar por momentos difíceis, o desejo de experimentar dificuldades por sua própria conta aparece de forma expressiva entre esses jovens, que parecem desejar sair de uma superproteção familiar. Eles desejam também construir uma nova família: encontrar alguém que amam, casar e ter filhos, mas apenas depois de se estabilizarem profissionalmente.

**O jovem rico, pelo outro:** Os jovens pobres imaginam para o rico uma família boa, bem relacionada, tradicional, que dá tudo do bom e do melhor para os filhos, que se orgulha deles e lhes apoia – principalmente no plano financeiro – em seus projetos. A família desses jovens garante os seus futuros, ajudando-os a conseguir empregos por meio de seus contatos ou passando para os filhos o controle dos negócios familiares. Aparecem também, com menor expressão, significados de uma família pouco acolhedora, distante.

**Comentários:** Também a família dos jovens ricos é idealizada pelos jovens pobres. Eles parecem acreditar que ter uma família rica é essencial para se obter sucesso na vida. No entanto, os jovens ricos de nossa pesquisa se assemelham aos sujeitos pesquisados por Scalon e Cano (2005) e Kulnig (2010), que atribuem pouca importância ao pertencimento a uma família rica para que se tenha um futuro bom. Os jovens ricos, em vez de se acomodarem devido às riquezas e às facilidades fornecidas por sua família, desejam alçar seus próprios voos, descolar-se da superproteção familiar em busca de seus próprios caminhos, ainda que isso lhes custe confortos – inclusive financeiros.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao começarmos essas considerações – chamadas neste relatório de finais pelo momento em que aparecem, e não porque pretendamos que nossas reflexões esgotem a questão de pesquisa –, voltamos ao nosso objetivo: estudar a dimensão subjetiva da desigualdade social, tomando como objeto os projetos de futuro de jovens ricos e pobres.

Consideramos que os projetos de futuro que estudamos deram visibilidade a significações que estão postas em nossa sociedade e que parecem condições importantes para a manutenção das desigualdades. Entre essas significações, destaca-se a de que o rico e o seu padrão de vida são melhores e de que o pobre e suas condições são piores. Isso atravessa muito claramente as falas de nossos sujeitos, em todas as categorias que construímos e analisamos. Configura-se a afirmação de um determinado padrão de vida: o das elites.

A desigualdade social aparece significada como um dado natural da organização social e justificada como fruto de um esforço pessoal e/ou de uma herança familiar. Está claro para todos os sujeitos, independente de suas camadas sociais, que há uma desigualdade na distribuição concreta de recursos em nossa sociedade. Não obstante, isso é legitimado por uma lógica centrada no sujeito, como todas as explicações fundadas no pensamento liberal: pelo esforço, pela força de vontade de cada um. Não se olha, de fato, para esse sujeito tal como ele é: constituído no mundo, em suas relações sociais. Pensa-se em um sujeito abstrato, definido a partir de características e de potencialidades naturais e individuais.

O estudo da dimensão subjetiva da desigualdade faz-se importante para que, de fato, olhemos para os sujeitos tal como se constituem: em relação com os outros, no mundo. Um sujeito que não se autoproduz como bem sucedido ou fracassado a partir de sua natureza e do desenvolvimento de potencialidades que já existiam em sua essência, esperando apenas para serem estimuladas.

Os jovens ricos e pobres com que trabalhamos não se autoproduziram. As significações que apresentam sobre si mesmos e sobre o outro também não se autoproduziram e nem devem ser analisadas como produções individuais, embora se manifestem de forma singular em cada um dos jovens com que trabalhamos. Tais significações que apreendemos com nosso trabalho de análise das redações desses jovens foram constituídas em suas relações com os outros, na totalidade social em que estão: em suas relações familiares, em seus contatos sociais, na educação que receberam na escola, no exemplo de pessoas próximas, no discurso que chega até eles através da mídia etc.

A ideologia liberal oculta a produção social dos fenômenos, não deixando que os sujeitos tenham elementos racionais para explicar as desigualdades. No entanto, eles sentem. Eles vivenciam experiências de desigualdade cotidianamente. Os jovens pobres sentem a humilhação social descrita por Gonçalves Filho (1998), que os rebaixa, que os faz passar a se comportar como se fossem, de fato, piores. Os jovens ricos também percebem as desigualdades: percebem que têm acesso a coisas que os outros não têm, que podem o que outros não podem, sensibilizam-se com a condição de pessoas pobres mais próximas. No entanto, a ideologia lhes rouba os fundamentos intelectuais para pensar esses fenômenos de desigualdades. Restam os afetos contraditórios, que escapam, por vezes, em alguma fala.

No entanto, para além do que foi dito explicitamente por nossos sujeitos, interessa-nos neste momento refletir um pouco sobre o que não foi dito por eles. Parece-nos que os jovens com que trabalhamos, ao serem convocados a falar sobre o outro, falam muitas vezes a partir de uma posição diplomática, que tanto poupa o seu interlocutor de receber significações carregadas de afetos sobre esse outro, quanto poupa o personagem que construíram de encarnar o destino imaginado para os sujeitos de sua camada social. Há uma cordialidade que parece perpassar todas as histórias, todos os enredos, salvando todos os personagens do que seria a sua sina, por analogia com os seus.

Os jovens pobres são polidos com os personagens ricos que criam. As suas manifestações poderiam ser carregadas de raiva e de inconformidade por haver pessoas, cidadãos como eles, desfrutando de luxos impensáveis enquanto eles estão em uma situação de pobreza; no entanto, não o são. O jovem pobre poupa o outro: não diz que o rico é responsável pela sua situação de desgraça, não o hostiliza. Ao menos, não diretamente. Percebemos que alguns de nossos sujeitos pobres manifestaram um ressentimento em relação aos ricos nos futuros desastrosos que construíram para eles. Mas, ainda assim, não os acusam de nada além de não terem aproveitado as oportunidades que ganharam, de graça, por meio da riqueza de sua família.

O rico, mais do que o pobre, é diplomático. Souza (2009) refletia, em sua pesquisa, sobre o fato de que as camadas médias e altas conhecem um pouco mais os procedimentos de pesquisa e têm, por sua bagagem cultural e relacional, uma ideia mais nítida do que os pesquisadores esperam ouvir. Entre os jovens ricos, nota-se mais claramente a presença de um discurso politicamente correto sobre esse outro, pobre, que, em vez de sucumbir ao destino dos seus, eleva-se um pouco mais, via estudos e trabalhos, e consegue realizar alguns dos seus sonhos – embora não chegue a se assemelhar à camada rica. Nossos sujeitos ricos não têm, como o pobre, motivos para ter ressentimentos do outro, pois já estão em boas condições

sociais. Estão mais propensos a, como afirma Gonçalves Filho (1998), cristalizar-se em um lugar de quem é compreensivo com o outro, de quem doa para o outro, de quem procura ajudá-lo.

Observamos que, ao mesmo tempo em que descrevem dificuldades na vida do jovem pobre, os jovens ricos, contraditoriamente, afirmam que ele é feliz. O pobre que eles caracterizam não é, em nenhum momento, o pobre violento, associado à marginalidade, que descrevem outras pesquisas sobre as imagens que a subjetividade social carrega das camadas empobrecidas (REIS, 2000; CAMPOS et. al, 2004; KULNIG, 2010). É um pobre ideal, heroico, que vence as adversidades por meio de seu esforço pessoal.

Consideramos que esse silêncio pode ter sido gerado pela técnica que utilizamos: primeiramente, pedimos aos jovens que escrevessem redações sobre os seus próprios futuros. Em seguida, expusemos esses sujeitos à situação de ter que escrever sobre um outro pertencente a uma camada social desigual. Pensamos que, ao ser colocado diante da necessidade de escrever sobre um outro depois de já ter descrito um futuro – em geral positivo – para si, o nosso participante pode ter se visto confrontado com a desigualdade social que ele sabe que existe, que o incomoda, mas que permanece como um enigma. Diante disso, um silêncio, um discurso cuidadoso, politicamente correto, pode ter se configurado como saída para essa difícil missão de falar de algo de sobre que, afinal, não se fala em nossa sociedade.

Pensamos, no entanto, que o que poderia ser considerado como um enfoque inadequado da técnica, que não permitiu que acessássemos significações mais profundas sobre a desigualdade social, na verdade nos trouxe um dado muito interessante: o de que, quando solicitados a se manifestar sobre o outro desigual, silenciámos – todos – a realidade que não pode e não deve ser dita. É, então, o silenciamento dos nossos sujeitos, a sua indisposição de falar sobre o outro desigual, a sua diplomacia e a sua polidez que nos levam a suspeitar de que a desigualdade é algo que permanece ocultado em cada um de nós, assim como em nossa sociedade, mas que incomoda a todos nós.

Essa, consideramos, é a dimensão subjetiva da desigualdade social. Para além do que aparece no que se fala, há que se buscá-la nos não-ditos, nos silêncios, no que se tenta ocultar. Ao finalizar o nosso trabalho, deixamos a sugestão para novos começos de novas pesquisas sobre o tema da dimensão subjetiva da desigualdade social – muito complexo, muito presente em nossa sociedade, muitíssimo interessante e, contraditoriamente, pouco estudado.

## REFERÊNCIAS<sup>1</sup>

ABRAMO, H.W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M.V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. Ação Educativa: Programa de Juventude, 2005a, p.19-35. Disponível em: <[www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344](http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344)>. Acesso em 10 Jan 2012.

\_\_\_\_\_. **Retratos da Juventude Brasileira – análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005b, p.

AGUIAR, W.M.J. Consciência e atividade: Categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O. **Psicologia Sócio Histórica** (uma perspectiva crítica em psicologia). 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.95-110.

AGUIAR, W.M.J; BOCK, A.M.B; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: Uma experiência de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O. **Psicologia Sócio Histórica** (uma perspectiva crítica em psicologia). 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.163-178.

AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v.26, n.2, p.222-245, 2006.

AGUIAR et. al. Reflexões sobre sentidos e significados. In: BOCK, A.M.B.. GONÇALVES, M.G.M. (ORGS). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009, p.54-72.

BARROS, R.P. et al. Sobre a evolução recente da pobreza e da desigualdade no Brasil. In: CASTRO, J.A.; VAZ, F.M. (Orgs.) **Situação social brasileira: monitoramento das condições de vida**. Brasília: IPEA, 2010, p.24-39.

BOCK, A.M.B. **Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia**. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Caderno Cedes**, Campinas, v.24, n.62, p. 26-43, abr. 2004.

---

<sup>1</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas NBR 6023.

\_\_\_\_\_. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v.11, n. 1, p.63-76, Jan./Jun. 2007.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T (ORGs). **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2009, p.72-87.

BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. Subjetividade: o Sujeito e a Dimensão Subjetiva dos Fatos. In: REY, F.G. (ORG) **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 109-125.

BOCK, A.M.B.; LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003, p.203-222.

BOCK, S.D. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Orientação profissional para as classes pobres**. São Paulo: Cortez, 2010.

BORGES, R.C.; COUTINHO, M.C. Trajetórias Juvenis: Significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n.2, p.189-200, jul./dez. 2010.

CAMPOS, A. et al. (ORGs). **Atlas da exclusão social no Brasil, volume 2: dinâmica e manifestação territorial**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Atlas da Exclusão Social, volume 3: os ricos no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARDOSO, C.P.; COCCO, M.I.M. Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.11, n.6, p.778-785, 2003.

CASTRO, J.A. Evolução e desigualdade na educação brasileira. In: CASTRO, J.A.; VAZ, F.M. (Orgs.) **Situação social brasileira: monitoramento das condições de vida**. Brasília: IPEA, 2010, p.91-114.

CIAMPA, A.C. **A estória de Severino e a história da Severina**. 10<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CLÍMACO, A. **Repensando as concepções de adolescência**. 1991. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

CONSELHO de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). **As desigualdades na escolarização no Brasil: Relatório de observação no.4**. 2<sup>a</sup> Ed. Brasília: Presidência da República, 2011.

CORBUCCI, P.R. et al. Situação educacional dos jovens brasileiros. In: CASTRO, J.A.; AQUINO, L.M.C.; ANDRADE, C.C. (ORGs). **Juventudes e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009, p. 91-108.

CORROCHANO, M.C. et al. **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa, Instituto Ibi, 2008.

D'ÁVILA, G.T. et al. Acesso ao ensino superior e o projeto de “ser alguém” para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicologia & Sociedade**, v.23, n.2, p.350-358, 2011.

DE CHIARA, M. 31 milhões subiram de classe social em 2010 – Formato da distribuição de renda deixa de ser uma pirâmide e se torna um losango. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 de março de 2011.

DEPARTAMENTO Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese). **Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2010/2011: juventude**. 3<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Dieese, 2011.

DIAS, M.S. **O projeto de vida: sentidos do trabalho futuro**. Curitiba: CRV, 2011.

DIB, S.K.; CASTRO, L.R. O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.13, n.1, o.1-15, 2010.

EUZÉBIOS FILHO, A. **Consciência, ideologia e pobreza: sociabilidade humana e desigualdade social**. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

EUZÉBIOS FILHO, A.; GUZZO, R.S.L. Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência. **Psicologia & Sociedade**, v.21, n.1, 2009, p.35-44.

FREITAS, M.V. Apresentação e Introdução. In: FREITAS, M.V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. Ação Educativa: Programa de Juventude, 2005, p.5-8. Disponível em: <[www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344](http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344)>. Acesso em 10 Jan 2012.

FURLANI, D.D.; BONFIM, Z.A.C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v.22, n.1, p.50-59, 2010.

GONÇALVES, M.G.M. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003, p.41-62.

\_\_\_\_\_. Fundamentos metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O. **Psicologia Sócio-Histórica – (uma perspectiva crítica em psicologia)**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.113-127.

GONÇALVES, M.G.M.; BOCK, A.M.B. A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. (ORGs) **A Dimensão Subjetiva da Realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009, p.116-157.

GONÇALVES FILHO, J.M. Humilhação Social: um problema político em Psicologia. In: **Revista Psicologia USP**. São Paulo: IPUSP, v.9, n.2, 1998, p.11-67.

GONZÁLEZ REY, F.L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade – os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

IAROCHEVSKI, M.F.; GURGUENIDZE, G.S. Epílogo. In: VIGOTSKI, L.S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 471-523.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Síntese dos Indicadores 2011**. Rio de Janeiro: 2012a.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira 2012**. Rio de Janeiro: 2012b.

\_\_\_\_\_. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Síntese dos Indicadores 2009**. Rio de Janeiro: 2010.

INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Situação Social nos Estados – São Paulo**. Brasília, 2012.

KULNIG, R.C.M. **Educação e desigualdade social: Um estudo com jovens de elite**. 2010. 261 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

LÉON, O.D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M.V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. Ação Educativa: Programa de Juventude, 2005, p.9-18. Disponível em: <[www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344](http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344)>. Acesso em 10 Jan 2012.

LIEBESNY, B. **Trabalhar... para que serve? O lugar do trabalho no projeto de vida de adolescentes de 8ª série do 1º grau**. 1998. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Análise de projeto de futuro – pelo jovem – como modo de apropriação de significados e produção de sentidos**. 2008. 103 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LURIA, A.R. A Atividade Consciente do Homem e Suas Raízes Histórico-Sociais. In: LURIA, A.R. **Curso de Psicologia Geral – Volume I: Introdução Evolucionista à Psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p.71-84.

MAIA, A.A.R.M.; MANCEBO, D. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v.30, n.2, p.376-389, 2010.

MARQUES, F.M. **Os sentidos que os estudantes do primeiro ano do curso de administração da PUC-SP atribuem ao seu projeto de futuro profissional**. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MEDEIROS, M. **O que faz os Ricos ricos**. São Paulo: Editora Hucitec: Anpocs, 2005.

NASCIMENTO, I.P. **As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial**. 2002. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. **Imaginário**, São Paulo, v.12, n.12, jun. 2006.

NOGUEIRA, C.M.M.; NOGUEIRA, M.A. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n.78, Abril/2002, p.15-36.

OLIVEIRA, A.S. **Os sentidos da escolha da profissão, por jovens de baixa renda: um estudo em psicologia sócio-histórica**. 2009. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento – Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.b

OLIVEIRA, L.R. **Os significados do Trabalho para a juventude – um estudo sócio-histórico com adolescentes ricos**. 2011. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, M.C.S.L.; PINTO, R.G.; SOUZA, A.S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v.,11, n.1, 2003.

OZELLA, S. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003, p.17-40.

PILON, A.F. O jovem e seu projeto de vida. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.20, n.3, p.246-252, 1986.

PINO, A. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: PLACCO, V.M.N.S. **Psicologia & Educação: Revendo Contribuições**. São Paulo: Educ, 2002, p.33-56.

POCHMANN, M. Mudança social recente no Brasil. In: CASTRO, J.A.; VAZ, F.M. (Orgs.) **Situação social brasileira: monitoramento das condições de vida**. Brasília: IPEA, 2010, p.62-72.

POCHMANN, M.; AMORIM, R. (ORGs). **Atlas da Exclusão Social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

REIS, E.P. Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.15, n.42, p.142-152, 2000.

SCALON, M.C.; CANO, I. Legitimação e aceitação: como os brasileiros sobrevivem às desigualdades. In: GACITUÁ-MARIÓ, E.; WOOLCOCK, M. (Orgs) **Exclusão Social e Mobilidade no Brasil**. Brasília: Ipea: Banco Mundial, 2005, p.113-132.

SOARES, S. Desigualdade de renda. In: CASTRO, J.A.; VAZ, F.M. (Orgs.) **Situação social brasileira: monitoramento das condições de vida**. Brasília: IPEA, 2010, p.40-48.

SOUZA, J. **A ralé brasileira** – Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA et al. Sentidos atribuídos ao sucesso pessoal e profissional em estudantes do ensino médio. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, São Paulo, v. 8, n.1, p. 1-12, jan./jun. 2007.

TULESKI, S.C. Da revolução material à revolução psicológica – as bases da psicologia comunista de Vygotski. In: **Vygotski: a construção de uma psicologia marxista**. Maringá: Eduem, 2002, p. 45-92.

VALORE, L.A.; VIARO, R.V. Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v.8, n.2, p.57-70, 2007.

ZONTA, G.A. A construção do projeto de vida do aluno da rede pública. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v.25, n.50, p. 261-268, jul./set. 2007.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Instrumentos

#### **PESQUISA DE MESTRADO – PUC-SP JUVENTUDES BRASILEIRAS E SEUS PROJETOS DE FUTURO**

Pesquisadora: Ana Luísa de Marsillac Melsert

Estamos solicitando a sua colaboração para que possamos realizar uma pesquisa sobre jovens brasileiros e seus projetos de futuro.

Não é necessário se identificar com o seu nome real, mas pedimos que você escolha um nome ou apelido inventado e escreva em todas as folhas.

Também pedimos que você preencha alguns dados pessoais.

Nome ou apelido inventado: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Até que série os seus pais estudaram? E em que eles trabalham?

	Até que série estudou	Em que trabalha
<b>Pai</b>		
<b>Mãe</b>		

Você trabalha atualmente ou já trabalhou? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual a função em que você trabalha ou trabalhou?

**PESQUISA DE MESTRADO – PUC-SP**  
**JUVENTUDES BRASILEIRAS E SEUS PROJETOS DE FUTURO**

Pesquisadora: Ana Luísa de Marsillac Melsert

Nome ou apelido inventado: \_\_\_\_\_

Gostaríamos que você escrevesse um texto a partir da proposta abaixo.

**Hoje é dia 25 de setembro de 2022.**

Você está pensando no que foi e no que tem sido a sua vida nesses últimos 10 anos. **Coloque-se nessa situação e conte essa história com detalhes.**

**PESQUISA DE MESTRADO – PUC-SP**  
**JUVENTUDES BRASILEIRAS E SEUS PROJETOS DE FUTURO**

Pesquisadora: Ana Luísa de Marsillac Melsert

Obrigada por continuar colaborando conosco. Gostaríamos que você preenchesse abaixo o MESMO NOME OU APELIDO USADO NA PRIMEIRA PARTE.

Nome ou apelido inventado: \_\_\_\_\_

Gostaríamos que você escrevesse um texto a partir da proposta abaixo.

**Hoje é dia 25 de setembro de 2022.**

Pense em um jovem (um personagem fictício) que se formou no ensino médio, em 2012, em uma escola pública de um bairro pobre. O que foi e o que tem sido a vida dele nesses últimos 10 anos? **Conte a história dele com detalhes.**

**APÊNDICE B – Termo de Assentimento****OS JOVENS BRASILEIROS E SEUS PROJETOS DE FUTURO**

Pesquisadora: Ana Luísa de Marsillac Melsert

Orientadora: Profa. Dra. Ana Mercês Bahia Bock

**TERMO DE ASSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ (nome completo), entendi que a pesquisa chamada “Juventudes Brasileiras e seus Projetos de Futuro”, a ser realizada por Ana Luísa de Marsillac Melsert, mestranda da PUC-SP, é sobre o que os jovens brasileiros projetam para os seus futuros. Compreendi que a minha participação na pesquisa consiste em escrever duas redações sobre essa temática.

Entendi que as redações ficarão com a pesquisadora, mas que a minha identidade será preservada para qualquer comunicação sobre a pesquisa e que não serão divulgados o meu nome, o nome da minha escola ou qualquer outro dado que venha a facilitar a minha identificação.

Dessa forma, concordo com a minha participação na pesquisa.

São Paulo, 25 de setembro de 2012.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

## APÊNDICE C – Carta de apresentação às escolas



### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

#### Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação

Eu, Profa. Dra. Ana Mercês Bahia Bock, professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, apresento Ana Luísa de Marsillac Melsert, que realiza mestrado nesse programa de pós-graduação sob minha orientação, tendo como tema de pesquisa os projetos de futuro de jovens brasileiros de diferentes escolas.

Gostaríamos de solicitar, por meio desta, o apoio de sua escola nessa pesquisa. A pesquisa consistirá em pedir que jovens brasileiros que cursam o 3º ano do ensino médio escrevam duas pequenas redações sobre projetos de futuro. Será realizada em um encontro de duração de uma hora, que pode ocorrer no período em que a escola julgar adequado. Os alunos não precisam participar da mesma turma.

Seguindo as exigências éticas para pesquisas científicas, os nome da escola e dos alunos participantes serão mantidos em sigilo, assim como quaisquer informações que possam identificá-los. Comprometemo-nos a apresentar à escola uma cópia do relatório final referente a essa pesquisa de mestrado, estando a pesquisadora à disposição para se apresentar à escola, se necessário, para fornecer mais detalhes.

Pesquisadora: Ana Luísa de Marsillac Melsert – *telefone da pesquisadora*

Orientadora: Profa. Dra. Ana Mercês Bahia Bock – *telefone da orientadora*

Em anexo, encontram-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a ser assinado pelo(a) diretor(a) da escola, consentindo a participação da escola e dos alunos na pesquisa; o Termo de Assentimento, a ser assinado pelos jovens participantes como uma forma de se responsabilizarem por sua participação na pesquisa e as duas redações a serem escritas pelos alunos.

Agradecemos antecipadamente o apoio de fundamental importância para o nosso trabalho.

Atenciosamente,

---

Prof. Dr. Ana Mercês Bahia Bock

## APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### OS JOVENS BRASILEIROS E SEUS PROJETOS DE FUTURO

Pesquisadora: Ana Luísa de Marsillac Melsert

Orientadora: Profa. Dra. Ana Mercês Bahia Bock

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O objetivo da presente pesquisa é identificar os projetos de futuro de jovens brasileiros do 3º ano do ensino médio de diferentes escolas. Por essa razão, a escola da qual o(a) senhor(a) é diretor(a) foi escolhida para participar dela.

A participação dos alunos consistirá em redigir duas pequenas redações, no período de uma hora. Objetivamos realizar a pesquisa com 30 alunos de cada escola. De antemão, asseguramos à escola e aos alunos total sigilo sobre as redações. Elas serão analisadas e eventualmente o produto final poderá ser publicado ou divulgado em eventos, mas essa divulgação priorizará a omissão de qualquer elemento que permita a sua identificação.

A participação da escola e dos alunos, voluntária, poderá ser interrompida a qualquer momento sem que isso lhes cause qualquer ônus ou transtorno de qualquer espécie.

A participação na pesquisa traz como ponto positivo o fato de que as redações sobre os projetos de futuro têm sido usadas no campo da Orientação Profissional como técnica que pode ajudar os sujeitos a pensar sobre o futuro e planejá-lo. À parte disso, é pouco provável que a participação lhes traga benefícios imediatos. No entanto, além de lhe ser assegurada ausência de danos ou riscos, espera-se que seus resultados possam vir a beneficiar os conhecimentos sobre juventude e seus projetos de futuro no campo da psicologia da educação.

Caso novas questões / dúvidas lhe ocorram ao longo do processo (ou mesmo após seu término), o(a) senhor(a) poderá saná-las entrando em contato com:

Pesquisadora: Ana Luísa de Marsillac Melsert – *telefone*

Orientadora: Profa. Dra. Ana Mercês Bahia Bock – *telefone*

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – *telefone*

Entendi todos os aspectos envolvidos na participação da escola e dos alunos na pesquisa e concordo em fazê-lo de forma voluntária.

Nome do(a) diretor(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE E – Dados completos dos sujeitos

### Jovens ricos

Informações sobre o Sujeito				
Sujeito	Idade	Sexo	Trabalha(ou)?	Se sim, em quê?
1	17	F	N	
2	17	F	N	
3	17	F	N	
4	17	F	N	
5	17	F	S	Trabalho informal por iniciativa própria - vende doces caseiros por meio de um site e redes sociais
6	18	F	N	
7	17	F	N	
8	18	F	N	
9	17	F	N	
10	18	F	N	
11	17	M	N	
12	16	M	N	
13	17	M	N	
14	17	M	N	
15	17	M	N	
16	17	M	N	
17	17	M	N	
18	18	M	N	

Su jei to	Informações sobre o Pai		Informações sobre a Mãe	
	Até que série estudou	Em que trabalha	Até que série estudou	Em que trabalha
1	Médio completo	Engenheiro elétrico	Médio completo	Professora
2	Pós-graduação	Advogado	Pós-graduação	Procuradora do estado
3	Pós-graduação	Imobiliária da família	Pós-graduação	Dentista
4	Superior incompleto	Empresário de confecções	Médio completo	Estilista
5	Superior incompleto	Administrador de empresas (presidente/gestor/dono)	Pós-graduação	Administradora de empresas
6	Pós-graduação	Administrador de patrimônios imobiliários	Pós-graduação	Professora de yoga
7	Doutorado	Administrador público e professor universitário	Superior completo	Administradora pública
8	Médio completo	Professor de inglês	Superior completo	Administradora de empresas, em empresa de consultoria
9	Médio completo	Presidente de time de futebol	Doutorado	Dentista
10	Pós-graduação	Publicitário	Pós-graduação	Publicitária
11	Doutorado	Advogado e professor	Doutorado	Advogada e professora
12	Superior completo	Professor e ator	Pós-graduação	Gerente de banco
13	Doutorado	Professor e escritor	Mestrado incompleto	Terapeuta
14	Superior completo	Falecido	Pós-graduação	Desempregada
15	Superior completo	Engenheiro civil	Superior completo	Engenheira civil
16	Superior completo	Empresa de consultoria	Superior completo	Educação
17	Pós-doutorado	Economista e professor	Doutorado	Historiadora
18	Superior completo	Desembargador	Mestrado	Procuradora do estado

## Jovens pobres

Informações sobre o Sujeito				
Sujeito	Idade	Sexo	Trabalha(ou)?	Se sim, em quê?
A	16	F	N	
B	16	F	S	Cuidou de crianças
C	16	F	N	
D	17	F	S	Operadora de telemarketing
E	17	F	S	Ajudante geral em restaurante
F	17	F	N	
G	17	F	N	
H	17	F	N	
I	17	F	N	
J	17	F	N	
K	17	F	S	Professora, de ballet clássico e reforço escolar (português e matemática) com aulas particulares para crianças do Ensino Fundamental I.
L	17	F	N	
M	18	F	N	
N	18	F	N	
O	18	F	N	
P	16	M	S	Digitador de ficha médica e garçom
Q	17	M	N	
R	17	M	N	
S	18	M	S	Atendente em lava rápido e em um restaurante
T	18	M	S	Em um projeto de internet na escola
U	19	M	N	
V	20	M	S	Esteve empregado em uma empresa de seguros
W	-	M	S	Auxiliar de escritório

Sujeito	Informações sobre o Pai		Informações sobre a Mãe	
	Até que série estudou	Em que trabalha	Até que série estudou	Em que trabalha
A	Fundamental completo	Vigilante noturno	Fundamental incompleto	Auxiliar de laboratório
B	Fundamental completo	Vigilante noturno	Fundamental completo	Diarista
C	Médio completo	Segurança	Superior completo	Professora
D	Fundamental incompleto	Aposentado	Médio incompleto	Dona de casa
E	Médio completo	Carteiro	Médio incompleto	Não trabalha
F	Médio completo	Administrador de empresa	Médio incompleto	Produtora cultural e artística
G	Superior completo	Carteiro	Médio incompleto	Enfermeira
H	Médio completo	Motorista particular e autônomo	Fundamental completo	Auxiliar de limpeza
I	Médio completo	Autônomo	Médio completo	Montadora de cintos
J	Médio completo	Veterinário	Médio completo	Cozinheira
K	Médio completo	Autônomo	Médio incompleto	Autônoma
L	Superior completo	Securitário, em empresa de seguros	Superior incompleto	(vazio)
M	Fundamental incompleto	Encanador	Fundamental incompleto	Empregada doméstica
N	Analfabeto	Encarregado construção civil	Fundamental completo	Secretária do lar
O	Médio completo	Gerente de comércio	Médio completo	Dona de casa
P	Médio completo	Técnico de laboratório	Superior completo	Administração de faturamento hospitalar
Q	Médio incompleto	Garçom	Fundamental incompleto	Dona de casa
R	Médio completo	Polícia militar	Fundamental completo	Cozinheira
S	Fundamental incompleto	Eletricista aposentado	Fundamental incompleto	Empregada doméstica
T	Médio completo	Autônomo	Superior completo	Diretora de escola pública
U	Fundamental completo	Empregado doméstico	Fundamental incompleto	Empregada doméstica
V	Fundamental completo	Segurança/ portaria	Fundamental completo	Dona de casa
W	Médio completo	Empresa automobilística	Médio completo	Recepcionista

**APÊNDICE F – Modelo da folha de registro produzida para cada sujeito**

## SUJEITO 3

Apelido: Maria de Arruda  
 Idade: 17, sexo: F  
 Pai: pós-graduação / imobiliária da família  
 Mãe: pós-graduação / dentista

Seu futuro ⊕	Futuro do outro (pobre) ⊖
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mudança de vida (melhora gradual, em etapas com dificuldades; torna-se independente - manifesta o desejo de sair de casa, arcar com as dificuldades de morar sozinha)</li> <li>- Relações sociais (Com amigos da escola, de quem vai se afastando à medida que conhece pessoas novas, com pontos de vista diferentes, no cursinho e na faculdade; com amigas, com quem divide apartamento)</li> <li>- Dinheiro e consumo (dinheiro próprio)</li> <li>- Ensino superior (cursinho; faculdade)</li> <li>- Trabalho (estágio; trabalho em empresa, sonho de ter o próprio escritório)</li> <li>- Família (ansiedade de morar com os pais; projeto de casar e de ter filhos se torna importante, com o tempo)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esforço pessoal (Pedro se esforçou para chegar onde chegou; trabalhou e estudou para melhorar a sua vida e a de sua família)</li> <li>- Ensino médio (superou suas dificuldades nos estudos e terminou a escola)</li> <li>- Trabalho (desde pequeno, para ajudar a família; achava impossível realizar o sonho de ser advogado)</li> <li>- Família (Pedro e seus irmãos trabalham desde cedo para ajudar a mãe; mãe achava que Pedro era aquele que mudaria de vida; Pedro era o orgulho da família)</li> <li>- Ensino superior (dificuldade no acesso, fez cursinho e estudou muito; ao entrar na faculdade, estudou muito; morou no campus)</li> <li>- Dinheiro e consumo (dinheiro para sustentar a família)</li> </ul>
MOVIMENTO: Começa e termina bem	MOVIMENTO: Começa mal e termina bem

Eu: construo a minha vida para mim, rumo à independência de minha família  
 X

Outro: Constrói a sua vida para ajudar os outros, sendo a sua família eternamente dependente dele

## APÊNDICE G – Outras tabelas (Identidade, Sentimentos e Juventude)

### Análise das redações dos jovens pobres

#### Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Identidade

Sujeito (Sexo)	Conteúdo no seu futuro	Conteúdo no futuro do outro (rico)
D (F)	“Hoje eu sei que tudo isso foi bom para o meu crescimento como pessoa, sou uma boa mãe, uma boa esposa, uma boa cidadã e um bom exemplo para o meu filho.”	“Ele tem um bom Estudo um vasto conhecimento e uma perspectiva de vida bem mais ‘alcançável’ do que quem vive em um bairro de renda baixa em uma escola de base ruim.”
G (F)	“Hoje posso dizer que sou uma vencedora nesses últimos 10 anos me esforcei e consegui ingressar na USP ter um trabalho bom e ser feliz.”	“Sua vida durante esses 10 anos foi perfeita...” “Rosy teve uma vida tranquila e sem passar por dificuldades alguma.”
H (F)	“...bem sucedida na vida pessoal e no serviço.”	-
I (F)	“Nos últimos 10 anos minha vida tem sido bem calma, não costumo sair muito...”	“Felipe era um menino rico e muito bonito...”
J (F)	“...afinal, eu amadureci.”	-
K (F)	“Eu não era boa em nada, só na dança (nem era tão boa também)...”	-
L (F)	“...tudo o que passei só me fez melhor, bem-sucedida e realizada.”	-
P (M)	“...continuo com as mesmas opiniões, ainda quero e vou ser uma pessoa independente...”	“Miguel é uma pessoa muito dedicada em tudo que faz. As vezes perfeccionista até demais. Sempre focou em coisa que realmente importam e nunca se envolveu com nada errado. Ele procurava ser uma pessoa exemplar...Resumindo, Miguel estava preparado para qualquer obstáculo em sua vida.”
Q (M)	“(Hoje sou) Com muitos amigos, colegas e familiares...”	-
W (M)	“Sendo assim hoje depois de 10 anos um músico de grande importância para a cultura do próprio país.”	-
<b>Total de sujeitos - 10</b>	<b>Total de respostas - 10</b>	<b>Total de respostas - 5</b>

Quadro – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Sentimentos

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
A (F)	“Sendo assim, voltemos á 10 anos atrás, eu confesso que me encontrava muito confusa [quanto à escolha da profissão]...”	-
C (F)	“Hoje me sinto feliz por ter arriscado, pois foi naquele passado distante...que estava escrevendo a história do meu futuro. E o melhor foi que eu nunca me culpei, muito menos me limitei...”	-
G (F)	“...ser feliz.”	-
H (F)	“...sou feliz, super apaixonada...”	-
I (F)	“...e sou feliz.”	“Felipe se sentia muito culpado por tudo [pelas brigas como o pai e a morte dele] e dizia que só havia dado desgosto ao seu pai.” “Por conta disso tudo ele acabou se revoltando...”
L (F)	“...hoje sim posso dizer que me sinto realizada...”	-
S (M)	“...realizado...”	-
V (M)	“Uma busca, o alcançar de um objetivo tem trazido o fardo do desânimo e da dúvida...”	-
<b>Total de sujeitos - 8</b>	<b>Total de respostas - 8</b>	<b>Total de respostas - 2</b>

Tabela – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens pobres – Juventude

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (rico)</b>
C (F)	“Quando se é joven temos tantos sonhos para concretizar, são tantas coisas (e que) muitas vezes são elas que nos impulsionam, e nos faz apostar no incerto, apenas por vontade, prazer, apenas por ser joven.”	-
G (F)	“O jovem pensa que a vida é um mar de flores, a minha juventude foi assim, a independência subiu a minha cabeça fazendo com que agisse de formas erradas, parei e comecei a refletir. Comecei a batalhar, trabalhar e me esforçar no meus estudos porque afinal tinha um objetivo.”	-
L (F)	“Agora vejo que a juventude não é só curtidão como eu pensava que era, mesmo gostando tanto de apenas ficar em casa. Hoje eu percebo que a vida é cheia de problemas e obstaculos e temos que aproveitar a juventude para crescer e aprender sempre.”	-
S (M)	“Recordo com saudades os meus tempos de escola quando a vida não era cheia de responsabilidades, e tão seria.”	“Estou no alto da minha juventude, tenho que sair pegar altas “minas”, encher a cara e nem lembra meu nome, pois o que me vale todos estes estudos?”
<b>Total de sujeitos - 4</b>	<b>Total de respostas – 4</b>	<b>Total de respostas - 1</b>

### Análise das redações dos jovens ricos

Tabela – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Identidade

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
1 (F)	“Ao longo do curso, sinto que evolui muito (tanto em relação ao cinema como em relação à minha personalidade).”	-
2 (F)	“Já na esfera pessoal, eu me mantive uma pessoa sociável..” “Consegui balancear a minha vida pessoal com a profissional muito bem sempre...”	“É, em geral, uma pessoa feliz.”
4 (F)	“Ainda me encontro como uma idealista em meio a esse poço de boçalidade [mundo capitalista, passividade geral]. Mas não uma idealista utópica com discurso à la ‘corrente-do-bem’(perdi cedo minha ingenuidade).”	-
9 (F)	“Nesses dez anos, fui viva. Tão viva que mal pude acreditar.”	-
18 (M)	“...agora já trabalho e ganho meu próprio dinheiro, moro sozinho, dirijo... finalmente posso dizer que sou um adulto.”	-
<b>Total de sujeitos - 5</b>	<b>Total de respostas – 6</b>	<b>Total de respostas - 1</b>

Tabela - Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Sentimentos

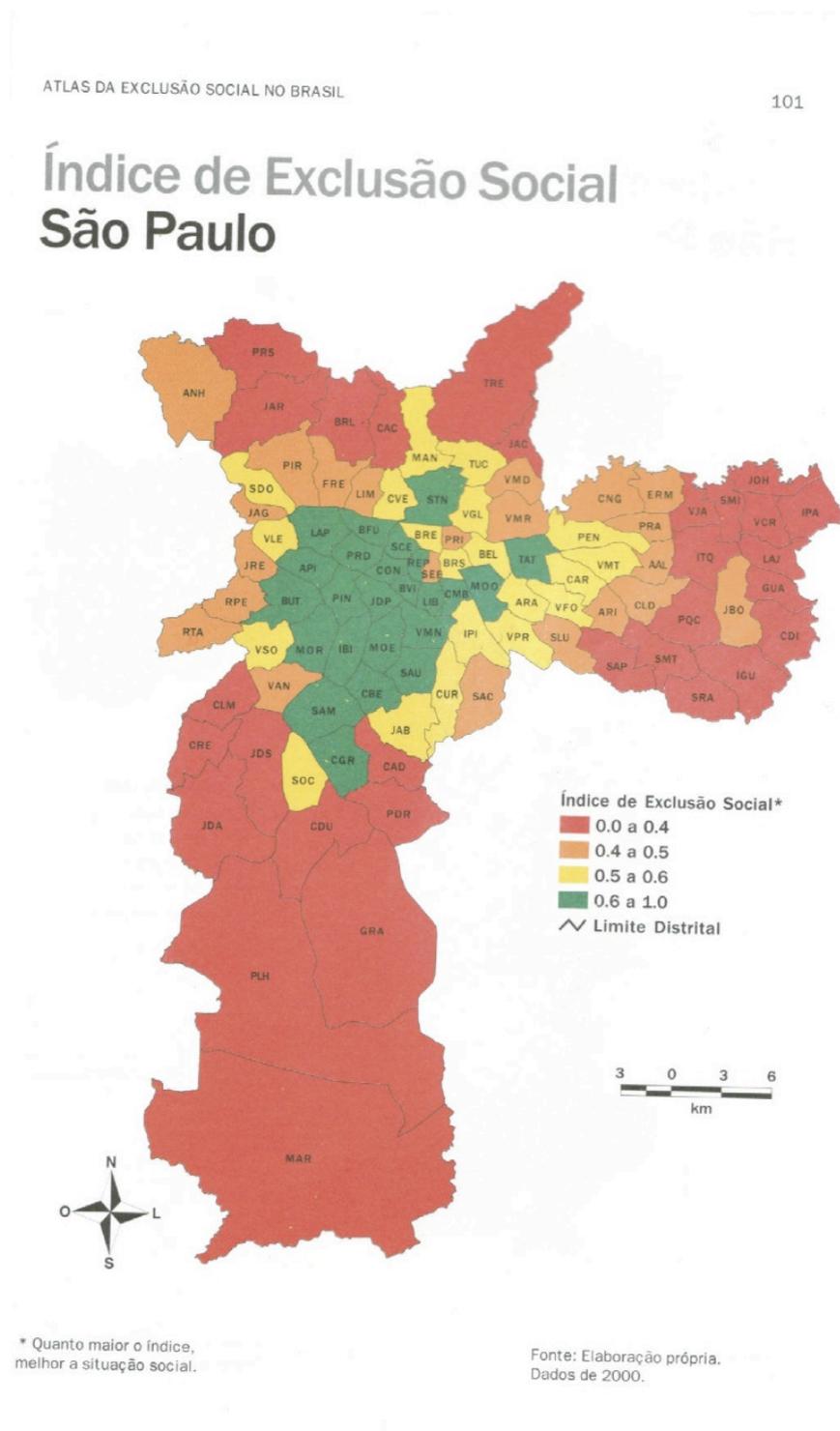
<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
1 (F)	<p>“O mundo não enxerga as coisas como você, do modo que você planeja – e isso pode acabar sendo uma enorme frustração. Mas venho aprendendo a lidar com isso.”</p> <p>“Tudo me trouxe ainda grandes experiências, mas as quais estão muitas vezes acompanhadas por grandes frustrações também.”</p>	-
5 (F)	“...um projeto [de venda de doces] que, além de lucros, me proporciona alegria.”	-
9 (F)	<p>“Uma palavra que resume o que tem sido minha vida é intensidade. Apesar da minha trajetória ser previsível e ordinária ela foi permeada por explosões de sentimentos, ideias e experiências incríveis, que me fizeram sentir como numa montanha russa. (...) Aprendi e desaprendi muito e muitas vezes. Fugi da rotina. Chorei e quis dormir e não acordar nunca mais. Só não consegui dormir tamanha era a ansiedade de viver.”</p>	-
12 (M)	“Nos últimos dez anos da minha vida eu tive rotinas cansativas...”	-
14 (M)	<p>“Com certeza cometi muitos erros. Talvez tenha tido alguns acertos, mas estes diluem-se nas falhas. Se houve algo que conquistei houve também o fracasso de não ter conquistado algo maior. Há muitas coisas que deveria ter feito e muitas outras que seria melhor não fazer. Não pude moldar a minha história. Com certeza cometi muitos erros. O resto é irrelevante.”</p>	<p>“Não me arrisco a adentrar-me em seu psicológico, mas afirmo que ele também cometeu falhas.”</p>
18 (M)	“...quero me apaixonar...”	-
<b>Total de sujeitos - 6</b>	<b>Total de respostas - 7</b>	<b>Total de respostas - 1</b>

Tabela – Conteúdos que aparecem nos projetos de futuro dos jovens ricos – Juventude

<b>Sujeito (Sexo)</b>	<b>Conteúdo no seu futuro</b>	<b>Conteúdo no futuro do outro (pobre)</b>
15 (M)	“...namorei uma garota do 1º ano que me abriu um mundo mais adolescente e sociável.”	-
18 (M)	“...quero um trabalho com algum tempo livre, que me permita dar uma nova chance à música e ao esporte e a todos os pequenos interesses tão comuns na juventude.”	-
<b>Total de sujeitos - 2</b>	<b>Total de respostas - 2</b>	<b>Total de respostas - 0</b>

## ANEXOS

### ANEXO A – Índice de Exclusão Social - São Paulo<sup>1</sup>



<sup>1</sup> In: CAMPOS, A. et al. (ORGs). *Atlas da exclusão social no Brasil, volume 2: dinâmica e manifestação territorial*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p.101.